

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A TRAJETÓRIA INSTITUCIONAL E HISTÓRICA DA DIFUSÃO DO
PSICODRAMA PEDAGÓGICO EM CAMPINAS: RELATOS ORAIS SOBRE
MOTIVAÇÕES VIVENCIAS, CONTRADIÇÕES INSTITUCIONAIS
E PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS**

Autora: Roseli Coutinho dos Santos
Orientador: Prof. Dr. Valério José Arantes

Este exemplar corresponde à redação final da
dissertação defendida por Roseli Coutinho dos Santos e
aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura: _____ (orientador)

Comissão Julgadora:

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/ UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos - CRB-8ª/5751

Santos, Roseli Coutinho.

Sa59t A trajetória institucional e histórica da difusão do psicodrama pedagógico em Campinas : relatos orais sobre motivações vivenciais, contradições institucionais e perspectivas educacionais / Roseli Coutinho Santos. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : Valério José Arantes.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Psicodrama pedagógico. 2. Psicodrama. 3. Educação. 4. Motivação na educação. 5. Contradição. I. Arantes, Valério José. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04-092-BFE

RESUMO

Esta pesquisa pretende contar como foi a implantação, o desenvolvimento e algumas experiências do Psicodrama Pedagógico na cidade de Campinas, pertencente ao Estado de São Paulo, através do levantamento de fontes primárias: relatos orais de psicodramatistas dirigentes de associações ao longo de sua implantação, de publicações das entidades (boletins e cartilhas), além de livros sobre a história do Psicodrama no Brasil. A idéia foi pesquisar os arquivos organizados da extinta ACPS (Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama), do IPPGC (Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas) e do GEPA (Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado), além de também recolher entrevistas orais de oito pessoas cuja participação marcou a trajetória do Psicodrama Pedagógico na cidade.

A história é contada e circunstanciada, primeiramente, pela voz do pesquisador. Além disso, cada entrevistado contará, um a um, como foi seu envolvimento no processo de desenvolvimento no Psicodrama, tendo como referência ações e interlocuções proporcionadas pelas experiências nesse espaço de trabalho.

ABSTRACT

The process of implementation and development of pedagogic psychodrama activities in Campinas is presented in this research along with the description of some experiments on the subject. The psychodramatic primary sources are identified by means of oral reports from the personnel who directed the associations during the implementation of the psychodrama processes. Some specialized books relating the story of psychodrama in Brazil were also used as a basis for the study. Organized files of one extinct association, like ACPS (Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama), and the others IPPGC (Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas) and GEPA (Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado) were searched for relevant facts related to the implementation process of pedagogic psychodrama activities in Campinas. Oral interviews with eight persons who had a leading participation in the process are also included in this text. At first, the psychodrama implementation process in Campinas and its circumstances are told by the view and voice of the researcher. Next, each person who was interviewed could give a personal view of the implementation process and their specific participation in it.

**Dedico este trabalho
aos meus pais, Odete e João.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que torna os sonhos possíveis.

À minha família, sempre presente.

Ao Fabinho, pelo apoio e companheirismo.

À Maria, irmã de coração, pelo carinho e por estar presente em todas as horas.

Ao professor Chefinho (Carlos Rodrigues de Souza), pela preciosa ajuda na tradução e por estar sempre disposto a ajudar.

Às diretorias da Adunicamp e aos meus colegas de trabalho pela compreensão e colaboração.

Aos entrevistados, pelo conhecimento que me proporcionaram e que tornaram possível esse trabalho.

Aos professores Carlos França e César Nunes, pelas sugestões apresentadas no Exame de Qualificação e por aceitarem participar do processo de defesa.

Agradeço de forma especial ao professor Valério José Arantes, pela amizade e generosidade que me possibilitou a realização deste trabalho.

E a todos aqueles que, direta ou indiretamente, participaram deste estudo e que talvez não tenham sido citados.

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo 1: FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E TEÓRICOS DO PSICODRAMA	07
1. Noções Históricas	07
Dados Históricos no Brasil	12
2. Noções Teóricas	23
Espontaneidade	30
3. Psicodrama e Educação	33
Psicodrama Pedagógico	35
Aplicações do Psicodrama Pedagógico	40
Capítulo 2: ASPECTOS METODOLÓGICOS	45
Capítulo 3: RELATOS ORAIS SOBRE MOTIVAÇÕES VIVENCIAIS, CONTRADIÇÕES INSTITUCIONAIS E PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS	55
1. Motivações vivenciais	57
2. Contradições institucionais	63
3. Perspectivas educacionais	68
4. Experiências e vivências pessoais	75
Capítulo 4: A HISTÓRIA DO PSICODRAMA EM CAMPINAS: DAS FONTES PRIMÁRIAS ÀS PERSPECTIVAS CLÍNICAS, SOCIAIS E EDUCACIONAIS	81
Perspectivas clínicas	81
Perspectivas sociais	83
Perspectivas educacionais	85
Considerações finais	87
Bibliografia	91
Anexos	97

DOCUMENTOS E FOTOGRAFIAS

Foto da primeira turma da disciplina “Psicodrama Pedagógico” na Faculdade de Educação da Unicamp, em 1982	01
Foto de Jacob Levy Moreno	12
Edital de fundação da ACPS	18
Capas da Revista da FEBRAP	19
Foto do jornal da região de Campinas noticiando a chegada do Psicodrama na cidade	82
Foto da última turma da disciplina “Psicodrama Pedagógico” na Faculdade de Educação da Unicamp, em 2001.....	90
Fotos dos entrevistados	97

ANEXOS

Anexo I – Relação dos entrevistados	97
Anexo II – Entrevistas	98
Anexo III – Resumos das entrevistas da FEBRAP	134
Anexo IV – Certificado de conclusão de Psicodrama ACPS	139
Anexo IV – Certificado de conclusão de Psicodrama GEPA	141

ABREVIATURAS

ABPS – Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama

ACPS – Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama

DA – Diretório Acadêmico

DCE – Diretório Central dos Estudantes

FEBRAP – Federação Brasileira de Psicodrama

GEPA – Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado

GEPSP – Grupo de Estudos de Psicodrama de São Paulo

IPPGC – Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PUC – Pontifícia Universidade Católica de Campinas

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SOP – Sociedade de Psicodrama

SOPSP – Sociedade de Psicodrama de São Paulo

SOPERJ – Sociedade de Psicodrama do Rio de Janeiro

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNISAL – Universidade Salesiana



**Primeira turma da disciplina “Psicodrama Pedagógico”
na Faculdade de Educação da Unicamp, em 1982.**

INTRODUÇÃO

Embora seja significativo o número de educadores que fazem uso da metodologia psicodramática em sala de aula, as publicações sobre o Psicodrama Pedagógico têm sido menos divulgadas. Geralmente quando se fala em Psicodrama, principalmente para quem não conhece o assunto, imediatamente o relaciona com a psicoterapia, na Psicologia, em decorrência do fato que, em sua grande maioria, as publicações existentes são escritas por psiquiatras e psicólogos, da área clínica.

Outro fato relevante a ser mencionado é que o Brasil é o país que tem o maior número de psicodramatistas em atividades nessa área. O “pai” do Psicodrama, o

psiquiatra Jacob Levy Moreno, citou que o Brasil é o país onde vive um povo que se pode considerar um dos mais espontâneos entre as nações do nosso planeta. Por isso, a metodologia psicodramática pedagógica vem ocupando um lugar cada vez mais importante, tanto no ensino acadêmico como no técnico especializado. Sua utilização é dinâmica e prática e, possivelmente por isso, pouca coisa tem sido feita numa linha de levantamento histórico e de reflexão sistemática sobre o assunto.

Com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento humano, atualmente, o Psicodrama Pedagógico é utilizado, não somente na educação, mas por diversas áreas de trabalho, entre elas: pessoas que trabalham em empresas, em diversas organizações, em Recursos Humanos, treinamento e seleção, acompanhamento, recrutamento; Psicólogos, das áreas clínica, educacional e empresarial, vivenciando técnicas aplicadas aos pacientes; nas Organizações Não Governamentais; na orientação profissional. Cada pessoa trabalhando conforme sua habilidade.

Em geral, os educadores têm como meta o objetivo de formar um aluno consciente e crítico, privilegiando apenas o aspecto cognitivo em detrimento dos aspectos afetivo e social. O fato de que o ensino é muitas vezes exclusivamente cognitivo, utilizando-se aulas formais, expositivas, em uma relação vertical entre professor-aluno, ignorando o ser humano no ato de aprender, faz com que o Psicodrama Pedagógico venha preencher esta lacuna, pois é uma metodologia que possibilita a interação desses aspectos através da aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento do ser humano como um todo.

O Psicodrama Pedagógico é uma metodologia constituída de atividades integradas por trabalhos em grupo, jogos e dramatizações e que pode ser um instrumento em quaisquer níveis de ensino, além da possibilidade de ser combinado com outros métodos e atividades de ensino, como avaliação, trabalho em equipe, favorecendo a aquisição do conhecimento e o aperfeiçoamento das relações.

Conhecido como “o país em que o Psicodrama deu certo”, nos últimos 30 anos, o Brasil formou aproximadamente três mil psicodramatistas entre médicos (psiquiatras e não psiquiatras), psicólogos e educadores de diversas formações. Alguns desses psicodramatistas produziram 99 livros sobre o tema e, aproximadamente, mil artigos, além de inúmeras monografias de credenciamento como psicodramatistas; diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado em universidades. Além do que há também organizações não-governamentais, escolas, instituições comunitárias e empresas utilizando essa teoria em nossa realidade.

No que se refere ao Psicodrama Terapêutico, vários psicodramatistas brasileiros já se dedicaram ao seu levantamento histórico e a sua conceituação teórica, entre eles pode-se citar Pierre Weil, Cecília Coimbra, Sérgio Perazzo e Ronaldo Pamplona da Costa. O projeto “Memórias do Psicodrama” da FEBRAP (Federação Brasileira de Psicodrama) teve o objetivo de resgatar a história do Psicodrama no Brasil de 1960 a 2000. A realidade do Psicodrama Pedagógico também já foi objeto de estudo da pesquisadora da USP, Julianna Emma Florez, em 1986. Divulgar o Psicodrama Pedagógico ou Psicodrama Aplicado à Educação, na cidade de Campinas, é um dos objetivos deste trabalho.

Faz parte do ser humano buscar suas origens e o fato de saber de onde e como viemos possibilita entender e aprender com o passado. Pode-se imaginar o mundo surgindo exatamente como é hoje? Uma das diferenças básicas seria a de que ninguém teria consciência de onde viria. Haveria curiosidade para saber quem foram os pais, irmãos, saber como foram quando crianças. Saber como o surgiu o país, o bairro, a universidade. É claro que isso é impossível de ocorrer, mas mostra a importância de conhecermos nossas origens. Quando se olha para trás é que se percebe as mudanças, como a sociedade mudou. Em geral, quando se observa algo que mudou e não agrada, tenta-se impedir que o processo em curso continue. Se agrada, procura-se facilitar que o processo continue e até se tenta reforçá-lo. Somente quando se volta ao passado é que se pode ter a expectativa de entender o

que somos e por que somos de tal forma. Só assim identifica-se o que é necessário mudar e o que é preciso ser reforçado.

Quem nunca escutou, em certas situações, uma frase célebre do “jargão” popular que diz, aproximadamente, assim “Isso é assim, sempre foi assim, desde que o mundo é mundo. E vai continuar assim, nunca vai mudar!” Entretanto, o tempo histórico é diferente do tempo cronológico da nossa vida diária. Se as coisas não mudassem, estaríamos em uma fase exatamente igual ao do primeiro dia do primeiro homem. Nada teria mudado desde então.

O tempo histórico é o desenvolvimento do percurso que a humanidade fez até o presente momento. Pode-se exemplificar da seguinte forma. Se você vai estudar a História do Brasil, em princípio pode-se pensar que os estudos devam começar pelo dia da independência, mas o Brasil está ligado ao desenvolvimento da história de Portugal e Espanha, no contexto histórico de fins de século XV, do momento vivido pelas pessoas daquela época, das conseqüências do modo de viver da sociedade daquele período. Isso tudo possibilita ao estudioso daquele período histórico compreender o passado e as causas para a construção da futura sociedade e cultura brasileira. É dessa maneira que esta pesquisa pretende contar a história do Psicodrama Pedagógico em Campinas.

A memória do Psicodrama Pedagógico em Campinas foi construída a partir de relatos orais e documentos escritos. Para isso, a proposta é caminhar pelos anos 60, 70 e 80 mostrando como foi o engajamento político, social e educacional que fizeram com que o Psicodrama Pedagógico fosse bem recebido, não só pelo Brasil, mas, principalmente, por esta cidade. A importância do Psicodrama para a educação será apresentada desde de sua chegada no país até a atualidade.

A curiosidade foi o motivo para se buscar encontrar e conhecer a história do Psicodrama Pedagógico em Campinas. Foram encontrados apenas relatos fragmentados que despertaram o desejo de encontrar essa história. Este é o motivo

deste trabalho que pretende ser um levantamento de como foi a implantação, o desenvolvimento e algumas experiências do Psicodrama Pedagógico na cidade de Campinas, pertencente ao Estado de São Paulo.

Esta pesquisa conta essa história a partir de fontes primárias: relatos orais de psicodramatistas dirigentes de associações ao longo de sua implantação, de publicações das entidades (boletins e cartilhas), além de livros sobre a história do Psicodrama no Brasil. A idéia foi pesquisar os arquivos organizados da extinta ACPS (Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama), do IPPGC (Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas) e do GEPA (Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado), além de também recolher entrevistas orais de oito pessoas cuja participação marcou a trajetória do Psicodrama Pedagógico na cidade.

A história será contada e circunstanciada, primeiramente, pela voz do pesquisador. Em seguida, cada entrevistado contará, um a um, como foi seu processo de desenvolvimento no Psicodrama, tendo como referência ações e interlocuções proporcionadas pelas experiências nesse espaço de trabalho.

As entrevistas exploraram temas recorrentes na vida das entidades que representavam seu papel na construção do Psicodrama e sua visão sobre a importância para a cidade.

Para captar a perspectiva dos entrevistados, utilizou-se como método de investigação a história oral. Oito entrevistados contarão, individualmente, histórias de sua trajetória no Psicodrama. Eles atuaram em períodos e épocas diferentes e, por isso, contam a história do seu próprio ponto de vista.

Esta dissertação é descrita em quatro capítulos. O primeiro capítulo será dedicado à descrição da teoria do Psicodrama, um resumo de sua história, apresentando o criador do Psicodrama, Jacob Levy Moreno, o pai da teoria, além da

descrição do Psicodrama Pedagógico e seu envolvimento com a educação e suas aplicações na área educacional.

O segundo capítulo apresentará uma análise das entrevistas sobre o Psicodrama em Campinas, suas origens, contradições e experiências. A metodologia e os procedimentos utilizados para alcançar os objetivos desta pesquisa poderão ser encontrados no terceiro capítulo. O quarto capítulo apresentará a voz do autor com suas interpretações. E para concluir, apresentaremos as considerações finais e as entrevistas anexadas após a bibliografia.

Jacob Levy Moreno, o pai do Psicodrama, por meio do seu trabalho e ao longo de sua vida inutiliza claramente o dito popular “Isso é assim, sempre foi assim, desde que o mundo é mundo. E vai continuar assim, nunca vai mudar!”, pois o Psicodrama demonstra que tudo se transforma e tudo pode mudar, seja no plano pessoal ou coletivo.

CAPÍTULO 1:

FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E TEÓRICOS DO PSICODRAMA

Pretendemos descrever e abordar a fundamentação teórica do Psicodrama, relatando brevemente sua história, apresentando seu criador, Jacob Levy Moreno, e descrevendo também o Psicodrama Pedagógico, seu envolvimento com a educação e suas aplicações na área educacional.

1. NOÇÕES HISTÓRICAS

De origem judaica, o criador do Psicodrama, o psiquiatra Jacob Levy Moreno, nascido em 1889, na cidade de Bucareste, na Romênia, apresentou propostas inovadoras para aplicação em pequenos grupos humanos, visando à transição para o terceiro milênio, com a finalidade de amenizar as dificuldades entre os homens, melhorando-lhes a capacidade de se relacionar e buscando a harmonia dos grupos de convivência, numa amplitude universal.

Durante sua preparação na área médica, teve o empenho por um método renovado de tratamento, pois não tinha modelos fixos profissionais, mas um interesse especial em filosofia, teatro e arte. As obras de Moreno foram marcadas por uma profunda influência religiosa derivada do hassidismo, que tem suas origens no sufismo e na parte da cabala.¹

¹ No hassidismo, a relação vertical com Deus era substituída por uma relação horizontal, assim como a relação estabelecida por Moreno no contexto terapêutico psicodramático. O sufismo é uma doutrina filosófica secreta que existe desde o século VIII. A cabala é uma teosofia mística judaica, cuja origem remonta ao ano 538 a.C.

Aos quatro anos e meio de idade, Moreno e outras crianças improvisaram uma brincadeira de ser Deus. Este fato marca o início do que se tornaria, mais tarde, a teoria sacionômica. Em suas obras, seria relatado como sendo a primeira sessão psicodramática particular que conduziu, como diretor e sujeito ao mesmo tempo. Credo que era Deus, saltou em um vôo do alto das cadeiras que tinham sido empilhadas para se chegar até ao céu. Ao lançar-se no espaço, caiu e quebrou o braço direito na queda. A idéia de espontaneidade deu o primeiro passo.

Um fato interessante e que deve ser ressaltado é justamente ser pedagógica a primeira experiência de Moreno, envolvendo o Psicodrama com a educação. Em sua adolescência, Moreno deu aulas particulares a algumas crianças com dificuldade de aprendizagem. Enquanto era estudante de medicina, passou a realizar dramatizações com crianças nos jardins de Viena, com o objetivo de ajudá-las a desenvolver a espontaneidade, a criatividade e orientá-las a respeito da aquisição do conhecimento. Entre os anos 1910 e 1914, nos jardim de Viena, formou grupos de crianças que improvisaram representações, plantando com isso “as sementes da psicoterapia de grupo e do Psicodrama” (MORENO, 1974, p. 28). Entre 1915 e 1917, desenvolveu atividades num campo de refugiados tirolezes, onde observou as interações grupais e suas características psicológicas.

Moreno alugou um espaço, no ano de 1922, em Viena, que pertencia a um grupo de mulheres, usado para exposição de trabalhos de arte e artesanato. Neste lugar instalou o novo teatro, o Teatro da Espontaneidade, experiência que serviu de base para suas idéias sobre Psicoterapia de Grupo. Percebendo o valor terapêutico das dramatizações, o Teatro da Espontaneidade transformou-se em Teatro Terapêutico e este em Psicodrama.

Não se pode contar a história do Psicodrama sem relatar o “caso Bárbara”, como ficou conhecido. Moreno, após esse caso, tomou consciência das possibilidades terapêuticas existentes na representação, na vivência ativa. O que

contribuiu para essa consciência foi uma jovem atriz, terna, romântica, que representava uma heroína. Ela se casou com um jovem escritor e, com o passar do tempo, este rapaz, bastante deprimido, procurou Moreno, revelando que seu casamento estava insuportável. No palco, sua mulher era admirável, e em casa, discutia, usava expressões vulgares, sem controle e, quando ele reagia, tornava-se violenta. Moreno convidou-o para vir com Bárbara ao teatro e propôs que naquela noite ela deveria oferecer ao público algo de novo, não se limitando a representar somente papéis de mulheres corretas. Bárbara acolheu, entusiasmada, e improvisou uma cena em que representava uma mulher de rua, a partir de uma notícia de jornal. Desempenhou o papel com tanta autenticidade que ficou irreconhecível. Voltou, muito feliz, para casa com seu marido. Depois disso, ela passou a dar preferência por tais papéis.

O marido, novamente procurou Moreno, informando-o sobre a transformação que ocorrera. Contou que sua esposa ainda tinha alguns acessos de cólera, mas com pouca intensidade. O tratamento continuou e os papéis de Bárbara adaptavam-se cuidadosamente aos seus conflitos pessoais.

Uma noite, foi sugerido ao casal que representasse junto, e, assim, começar uma terapia interpessoal. Com a concordância do casal, os diálogos improvisados foram-se tornando cada vez mais semelhantes às cenas caseiras, retratando cenas de infância, seus sonhos e planos para o futuro.

Após cada representação, Moreno era visitado por espectadores que relatavam como as representações do casal tinham impressionado mais profundamente que as outras. Era uma catarse do público.

Algum tempo depois, Moreno encontrou-se a sós com o casal. Analisou a evolução de seu Psicodrama e, baseado nas cenas que tinham representado, explicou-lhes porque foram superados seus conflitos. Estas mudanças significativas,

obtidas com esse procedimento, somadas às experiências anteriores, deram origem ao Psicodrama como técnica terapêutica.

Ao final da Primeira Grande Guerra e com sua entrada para o teatro, em Viena, Moreno começou a vislumbrar a possibilidade de o homem ser um ator no teatro de sua própria vida e, a partir daí, reconhecer e resolver alguns de seus conflitos. No Psicodrama e na Sociometria, Moreno encontrou canais para sua grande energia criadora e para ambas as inovações, ou seja, a arte do Psicodrama e a ciência quantitativa da Sociometria, contribuições eminentes para a psicoterapia e a psicologia social.

O Teatro da Espontaneidade encontrou resistência no público e na imprensa. Quando a verdadeira espontaneidade se apresentava, suspeitava-se que existia um bom ensaio quando as cenas eram bem trabalhadas; enquanto que quando as cenas eram mal trabalhadas, a suspeita era de que a espontaneidade não funcionava. Diante desse quadro, desesperançado, Moreno seguiu para os Estados Unidos, em 1925. Nesse período, suas idéias ganharam credibilidade e respeito, tornando inadiável a tarefa de sistematizar seus conhecimentos, estruturando-os melhor, em direção a uma verdadeira ciência do psiquismo humano.

Em 1931, abriu uma clínica psiquiátrica realizando a primeira apresentação psicodramática pública na América. Em 1942, criou a Sociedade de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo que foi incorporada à Sociedade Americana de Psicoterapia de Grupo e Psicodrama. A partir de 1946, Moreno passou a ter a contribuição significativa, em seus trabalhos, da esposa Zerka Moreno que foi sua parceira em todas as publicações, conferências e outros empreendimentos.

A realização de congressos internacionais de Psicodrama foi uma das grandes preocupações de Moreno. Em 1950, Moreno participou, como o pai do Psicodrama, do I Congresso Mundial de Psiquiatria em Paris. O congresso teve a participação de mil pessoas que representavam 35 países. Entre os anos de 1964 a 1974, eles foram

realizados em Milão, Barcelona, Buenos Aires, São Paulo, Amsterdã, Tóquio e Zurique.

Os últimos 20 anos da vida de Moreno foram anos de expansão e consolidação do Psicodrama. Durante esse período trabalhou para estabelecer duas importantes associações: a Associação Internacional de Psicoterapia de Grupo e a Associação Internacional de Psicodrama.

Em 14 de maio de 1974, Jacob Levy Moreno faleceu em Beacon, Nova York, aos 85 anos de idade e pediu que fossem gravadas em sua sepultura essas palavras: “Aqui jaz aquele que abriu as portas da Psiquiatria à alegria”.

As implicações de algumas das idéias de Moreno eram desafiadoras e prematuras para sua época. Para nós que estamos em início de milênio, muito das intuições e conceitos estão sendo aceitos e compreendidos, e pode se dizer que os conceitos e técnicas que elaborou estão realmente ganhando terreno enquanto outros precisam ainda ser comprovados e aplicados (MARINEAU, 1992, p.7).

Moreno não chegou a presenciar a amplitude que os seus métodos de tratamento tomariam nesse final e início de milênio, mas ele criou uma fundamentação consistente, uma nova ciência, original, com novo vocabulário e métodos inovadores, cada vez mais aplicados por todos os profissionais envolvidos com seres humanos em suas atividades. Já existe uma expectativa entre os psicodramatistas de que o Psicodrama seja a base da Psicologia do século XXI, assim como a Psicanálise foi no século XX.

Por isso tudo, pode-se considerar que Moreno foi um homem à frente do seu tempo, pois previu a necessidade dos seus métodos no milênio que ora se inicia.

Dados históricos no Brasil

O Psicodrama chegou ao Brasil como método de Psicoterapia e como recurso educacional. Nesse movimento os psicólogos Pierre Weil, Anne Ancelin Schützenberger e Helena Antipoff (SCHÜTZENBERGER, 1970, prefácio) foram pioneiros e fizeram parte de sua história no país.



Jacob Levy Moreno
1889-1974

Embora seja considerado, pelos psicodramatistas brasileiros, como o pioneiro do Psicodrama no Brasil, o professor Pierre Weil (1978, p.11) transferiu este título à professora Helena Antipoff que, segundo ele, introduziu o Psicodrama de Fantoques no país, em 1930, na Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico de Belo Horizonte, visando “reeducar” as professoras através do teatro de bonecos.

Semelhantemente a primeira experiência do Psicodrama, a experiência brasileira registrada também foi pedagógica. Por isso, pode-se afirmar como é útil como instrumento na educação.

Em 1949, o sociólogo Alberto Guerreiro Raos conheceu Moreno em Nova Iorque e coordenou um seminário sobre Psicodrama no Brasil, no Rio de Janeiro (FLOREZ, 1986, p.2). Seguindo o exemplo de Helena Antipoff, em 1950, Heloísa Marinho, professora do Colégio Bennet, no Rio de Janeiro, tentou ajudar suas alunas a se livrarem de seus defeitos e manias através do teatro de Fantoques. Nesse mesmo ano, a professora Ofélia Boisson Cardoso usou o teatro de Bonecos, no Rio de Janeiro, para tratamento de distúrbios de comportamento infantil (WEIL, 1978, p.11).

O doutor Blay Neto, em 1953, realizou uma peça teatral sobre a própria história dos pacientes do Hospital Franco da Rocha, em São Paulo, com resultados terapêuticos bastante interessantes (WEIL, 1978, p.11). O professor Pierre Weil, em 1955, realizou suas primeiras experiências de Psicodrama Aplicado ao Treinamento de Pessoal, no Departamento Nacional do SENAC, no Rio de Janeiro (FLOREZ, 1986, p.2).

Em 1960, a doutora Norma Jatobá iniciou o trabalho clínico em Psicodrama, em seu consultório, na cidade de São Paulo (COIMBRA, 1995, p.210).

Em 1961, Célio Garcia, no Centro Médico Pedagógico de Minas Gerais, faz tentativas de se levar, de forma aleatória a alguns estabelecimentos, a proposta psicodramática (COIMBRA, 1995, p.210).

É de 1963 a publicação do primeiro artigo sobre Sociometria no Brasil, com o título “Experiência na aplicação do teste sociométrico numa comunidade escolar”, de autoria do psiquiatra Flavio D’Andrea, com a colaboração de Sérgio Radomile e Nivaldo Salomene, na revista Sociologia nº 25 (FLORES, 198, p.2). Também nesse

mesmo ano, a professora Maria Alicia Romaña inicia a primeira tentativa de aplicação do Psicodrama à Educação, numa avaliação final de uma matéria de pedagogia, com o objetivo de verificar a possibilidade de tradução simbólica de qualquer conhecimento (ROMAÑA, 198, p.18).

No próximo ano, em 1964, a professora Maria Alicia Romaña continuou a fazer tentativas de utilizar o Psicodrama em ensino superior e em grupos de crianças com problemas de aprendizagem.

Em 1965, os doutores Alfredo Correia Soeiro e Maria Rosário, em São Paulo, iniciaram o Psicodrama em Psiquiatria, convidando mais tarde o doutor Jaime Rojas Bermudez, de Buenos Aires, para iniciar a sua formação. Desse movimento nasceu o Congresso Internacional de Psicodrama, realizado em São Paulo. Nesse mesmo ano, o doutor Luiz Cerqueira publicou um trabalho em que assina uma experiência de Psicodrama no Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, com os doutores Manoel Lopes Pontes e Solange Luz (WEIL, 1978, p.12).

A doutora Anne Ancelin Schützenberger e o professor Pierre Weil, em 1966, realizaram seminários de Psicodrama Triádico² na Fazenda do Rosário, em Belo Horizonte, Minas Gerais (WEIL, 1978, p.12). Anne Schützenberger pode ser considerada como uma das maiores autoridades mundiais no assunto e recebeu em 1964 o prêmio do Instituto Moreno por serviços excepcionais prestados ao Psicodrama (SCHÜTZENBERGER, 1970, prefácio de Pierre Weil).

O primeiro livro em português sobre a metodologia moreniana foi publicado em 1967. Seu título “Psicodrama” é de autoria de Pierre Weil, com prefácio de Jacob Levy Moreno (COSTA, 2001, p.26). E, ainda neste ano, Pierre Weil introduziu o movimento psicodramático nos meios universitários e educacionais de

² Em 1963, no Congresso Internacional de Psicoterapia de Grupo, em Milano, Moreno qualificou de “triádico” o Psicodrama que vinha sendo praticado por Robert Haas, por James Ennies e por Anne Ancelin Schützenberger. A “tríade” a que Moreno se referia era: o Psicodrama, a Psicoterapia de Grupo e a Sociometria, em outras palavras, Freud + Moreno + Lewin (SCHÜTZENBERGER, 1977, p.11).

Belo Horizonte (FLOREZ, 1986, p.2). Também por ocasião do V Congresso Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo, realizado em São Paulo, alguns psiquiatras assistem no TUCA a um Psicodrama público, dirigido pelo doutor Jaime Rojas Bermudez, o primeiro latino-americano a ter o título de Diretor de Psicodrama concedido, em 1963, por Jacob Levy Moreno, em Beacon (COIMBRA, 1995, p. 211).

É a partir de 1968, em São Paulo, no auge dos movimentos estudantil e contracultural no Brasil, que o Psicodrama começará, gradativamente, a ser implantado de modo mais efetivo. Ainda em 1968, Lea de Araújo Porto reuniu um grupo de estudos em formação de novos técnicos no Instituto Psicopedagógico de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Também nesse mesmo ano, Flavio D´Andrea defendeu a primeira tese de doutoramento em Sociometria no Brasil, intitulada “Estudo sociométrico de uma classe de estudantes de medicina”, junto à Faculdade de Medicina da USP (FLOREZ, 1986, p.2).

O Psicodrama Pedagógico foi apresentado oficialmente em 1969, pela professora Maria Alicia Romaña, responsável pela criação e adaptação do Psicodrama Pedagógico, no IV Congresso Internacional de Psicodrama, em Buenos Aires. Um grupo de seis psicoterapeutas paulistas, formado por Íris de Azevedo, José Manuel D´Alessandro, Antonio Carlos Cesarino, Laércio Lopes, Alfredo Correia Soeiro e Pedro Paulo Uzeda e Moreira, convidou o doutor Jaime Rojas Bermudez e sua equipe, então radicados na Argentina, para treinamento e outros subsídios para a utilização do Psicodrama. Seus fundadores foram os alunos da primeira turma. Para a formação das turmas seguintes, a equipe argentina vinha a São Paulo a cada dois meses e realizava sessões de Psicodrama diariamente durante uma semana (FLOREZ, 1986, p.17).

Nesse mesmo ano, a professora Romaña iniciou a formação de educadores no Grupo de Estudos de Psicodrama em São Paulo. O grupo era formado por 60

pessoas, dividido em quatro turmas, com currículo próprio, e funcionava em local diferente do curso do Psicodrama Terapêutico (FLOREZ, 1986, p.3).

Em 1970 aconteceu o I Congresso Nacional e o V Congresso Internacional de Psicodrama, no Museu de Arte de São Paulo, sob a presidência de Alfredo Correia Soeiro, do Grupo de Estudos de Psicodrama de São Paulo (GEPSP). Durante o Congresso, os seis coordenadores do GEPSP, os primeiros formados no Brasil, receberam seus diplomas de psicodramatistas, expedidos pela Sociedade Argentina de Psicodrama. Nenhum dos 143 egos-auxiliares pertencia às turmas do Psicodrama Pedagógico. Após o Congresso, o GEPSP foi desarticulado devido às divergências entre seus integrantes. A separação dá origem a duas novas entidades, a ABPS e SOPSP que, durante os primeiros anos da década de 70 deram origem a 14 outras entidades de Psicodrama Terapêutico e que, em 1977, fundaram a Federação Brasileira de Psicodrama (COSTA, 2001, p.34).

A Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama (ABPS), presidida por Alfredo Correia Soeiro, que se expandiu por algumas cidades do interior de São Paulo e por vários estados brasileiros (Campinas, Campo Grande, Manaus, Fortaleza, Curitiba e Ribeirão Preto) a formação psicodramática. Alguns anos depois Soeiro em conjunto com outros psicodramatistas fundaria a Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama (ACPS). Inicialmente foi organizado apenas o curso de Psicodrama Terapêutico, mas no ano seguinte foi formado o curso de Psicodrama Pedagógico, coordenado por Maria Lúcia D'Alessandro. Nesse ano também, foi fundada a Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP), presidida por Antonio Carlos Eva, que também ampliou a formação psicodramática para Curitiba, Porto Alegre, Florianópolis, Bahia e Rio de Janeiro (COIMBRA, 1995, p.221). No princípio foi oferecido o curso de Psicodrama Terapêutico, mas seguindo o curso das outras entidades psicodramáticas, em 1972, foi iniciado o curso de Psicodrama Pedagógico para assistentes sociais (FLOREZ, 1986, p.3).

Durante os anos de 1970 a 1973, segundo Maria Alicia Romaña (1996, p.27), aconteceu a etapa que se poderia chamar de Estruturação da Teoria do Psicodrama Pedagógico. A principal característica dessa etapa, na visão de Romaña, era a de interação em grande escala, pois tentava naquele momento dar respostas às mais diversas solicitações, com o objetivo do confronto com realidades educativas diferentes, fato que enriqueceu a pesquisa e propiciou um caminho prático que permitiu realizar experiências e verificações.

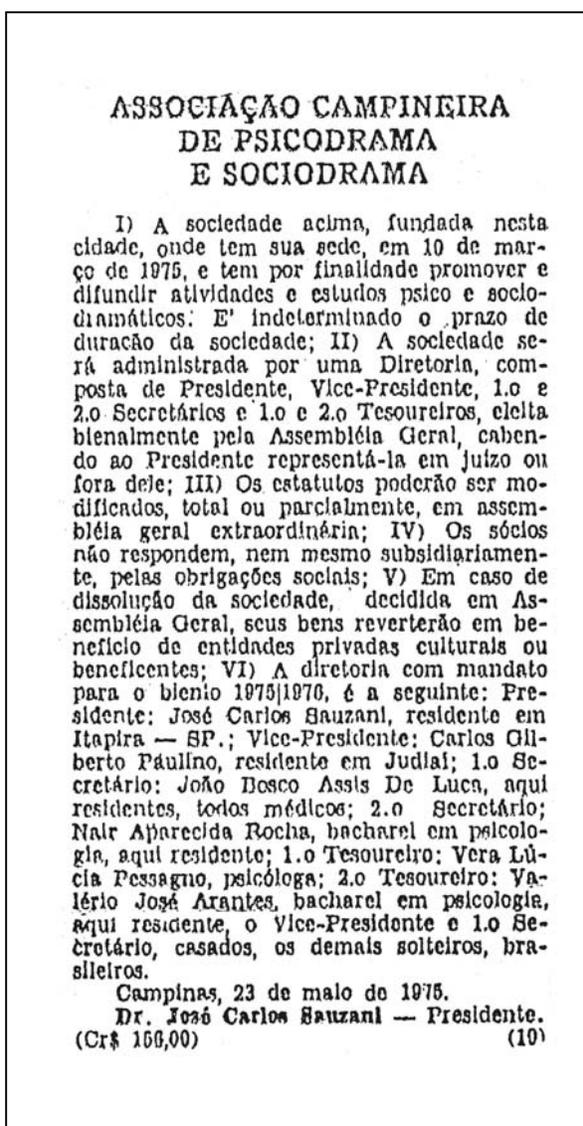
A criação da Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Dinâmica de Grupo e Psicodrama aconteceu em 1971 (WEIL, 1978, p.12). Nesse mesmo ano, as professoras Maria Alicia Romaña e Marisa Greeb fundam a primeira escola de Psicodrama Pedagógico, denominada Role-Playing Pesquisa e Aplicação (FLOREZ, 1986, p.3). E ainda em 1971 organiza-se uma associação dos psicodramatistas pedagógicos paulistas (COIMBRA, 1995, p.240).

Devido à grande procura pelo curso, em 1972 já existem cinco grupos de formação em Psicodrama Pedagógico na escola Role-Playing Pesquisa e Aplicação. Procurava-se, através de técnicas psicodramáticas, um trabalho mais questionador na educação, uma implicação política que as práticas psicodramáticas terapêuticas no Brasil estavam perdendo (COIMBRA, 1995, p. 241).

Em 1973 foi criada a Síntese (Sociedade de Integração Transpessoal, Energética, Social e Estrutural) (WEIL, 1978, p.12). Foi fundado também, o Grupo de Estudos de Técnicas Psicodramáticas (GETEP) para formação de Psicodrama Pedagógico (FLOREZ, 1986, p.3).

Dalmiro Bustos, em 1974, proferiu conferências na 2ª Jornada do Hospital de Clínicas e mostrou seu trabalho com Psicodrama. Neste mesmo ano, Pierre Weil organizou um grupo de terapia psicodramática em uma seção, no Rio de Janeiro, da Sociedade Brasileira de Psicoterapia Dinâmica de Grupo e Psicodrama (COIMBRA, 1995, p.231).

A fundação da Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama (ACPS) aconteceu em 1975 com o curso de Psicodrama Terapêutico. A assembléia de fundação, em 10 de março, foi presidida pelo doutor José Carlos Salzani e secretariada pelo doutor João Bosco Assis De Luca, com os seguintes presentes:



Alfredo Correia Soeiro, Vera Lúcia Pessagno, Maria Olímpia Gomes Coelho, Carlos Gilberto Paulino, Joel Salles Giglio, Nair Aparecida Rocha, Miriam Bragotto Barros, Valério José Arantes e Paulo Barbosa Lima de Barros. Também nesse mesmo ano, o Instituto Sedes Sapientae, em São Paulo, iniciou o curso de Formação Psicodramática no qual participaram professores das duas sociedades paulistas (COIMBRA, 1995, p. 221).

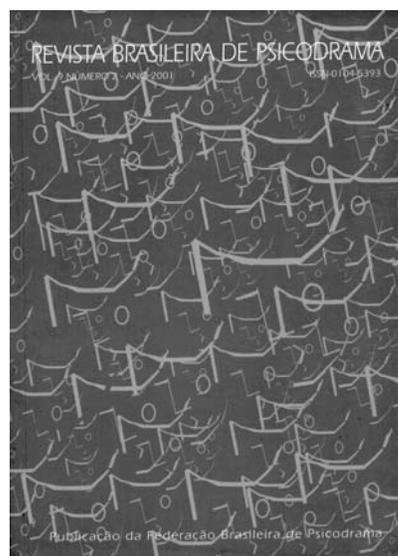
Em 1976 foi fundado o Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas. A assembléia de fundação, em 11 de setembro, com a presença de 22 pessoas. O primeiro conselho diretor provisório: doutor José Carlos Landini, presidente, doutor Luís Falivene Roberto Alves, vice-

presidente, doutora Cláudia Maria Ferreira Elizeu, secretária-geral, doutor Marcelo Anatte, tesoureiro, doutora Linei Guilhermina Savoia Landini, suplente.

Radicada em São Paulo, ainda no ano de 1976, a professora Maria Alicia Romaña difundiu o Psicodrama Pedagógico por meio de cursos de formação e

introdução, destinados aos educadores e profissionais da área de recursos humanos. Na cidade de Campinas, um grupo separou-se da ACPS, fundando o Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado (GEPA), com a participação de Valério José Arantes, João Francisco Duarte Júnior, Joel Salles Giglio, Vinícius Vieira, Newton Aquiles Von Zuben, Anita Cecília Lofrano, Agenor Moraes, Bernadete Castro e Mário Rodrigues. O GEPA ainda oferece cursos esporádicos de Introdução ao Psicodrama, sob a coordenação de Valério José Arantes.

Ainda nesse ano, o curso de Técnicas Psicodramáticas Aplicadas ao Ensino foi iniciado, integrando o curso de pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da USP, sob a responsabilidade do professor doutor Clovis Garcia (Diniz, 1995: prefácio). Esse ano marca também a fundação do Instituto de Psicodrama de Ribeirão Preto, sob a presidência de Iedo Roberto Borges, com cursos para formação de Psicodrama Pedagógico e Terapêutico (FLOREZ, 1986, p.5).



Em 23 de julho de 1976 foi criada a FEBRAP (Federação Brasileira de Psicodrama) com o objetivo de congregar e mediar o intercâmbio entre as federadas; organizar um congresso nacional de Psicodrama a cada dois anos e publicar uma revista científica para divulgar as produções brasileiras, além de normatizar os cursos de formação do Psicodrama. Quando a FEBRAP foi fundada, os grupos

ligados ao Psicodrama Pedagógico foram excluídos, pois eram compreendidos como um Psicodrama de segunda categoria (COIMBRA, 1995, p.241), motivo que levou os psicodramatistas envolvidos com a educação a fortalecerem a associação dos psicodramatistas pedagógicos paulistas.

Data também desse ano a introdução da videoterapia no Brasil pela doutora Anne Ancelin Schützenberger, em seminário realizado no Retiro das Pedras, em Belo Horizonte (WEIL, 1978, p.12). Também é fundado o Eu-Tu Núcleo Psicopedagógico, sob a responsabilidade de Heralde Silva Fonseca, com cursos de Psicodrama Pedagógico e Terapêutico. Foi ainda nesse mesmo ano criada a Sociedade de Psicodrama da Bahia, presidida por Romélia Santos, com cursos de Psicodrama Pedagógico e Terapêutico (FLOREZ, 1986, p.5).

O I Congresso Brasileiro de Psicodrama, presidido por Içami Tiba, aconteceu em Serra Negra, no ano de 1978. O Psicodrama Pedagógico foi representado por vários trabalhos. Nesse ano também foi organizada a Sociedade Goiana de Psicodrama, presidida por Geraldo F. do Amaral, com cursos de Psicodrama Pedagógico e Terapêutico (FLOREZ, 1986, p.5). Em 1979, Dalmiro Bustos fundou o Instituto Moreno, o seu próprio Instituto de formação psicodramática, em São Paulo (COIMBRA, 1995, p. 224).

No final dos anos 70 e início dos 80, Pierre Weil inaugurou outras seções da Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Dinâmica de Grupo e Psicodrama, nas cidades de Brasília, Juiz de Fora e Uberaba. A sede permaneceu em Belo Horizonte (COIMBRA, 1995, p.231).

A partir dos anos 80, a produção na área das práticas psicodramáticas cresce. Uma série de livros sobre o assunto é lançada por psicodramatistas paulistas, entre outros. Até 1991, segundo dados levantados pelo psicodramatista Sérgio Perazzo, cerca de 34 livros de Psicodrama foram apresentados ao Brasil (alguns com tradução

no exterior) e cerca de 501 artigos foram divulgados nos diferentes Congressos Nacionais de Psicodrama (COIMBRA, 1995, p.224).

Em 1980, Ronald de Carvalho, que teve formação com Pierre Weil, e esteve presente na Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Dinâmica de Grupo e Psicodrama desde sua fundação, tendo sido presidente em dois mandatos, aparentemente por discordâncias teóricas, afastou-se desta Sociedade com um grupo em formação e fundou a Sociedade de Psicodrama do Rio de Janeiro (SOPERJ), de orientação moreniana (COIMBRA, 1995, p.232). Ainda nesse ano, aconteceu o II Congresso Brasileiro de Psicodrama, em Canela, Rio Grande do Sul, presidido por Flávio S. Pinto.

O III Congresso foi realizado em Caiobá, Paraná, em 1982, presidido por Ismael Fabrício Zanardini (FLOREZ, 1986, p.6). Ainda em 1982, foi fundado o Centro de Psicodrama do Rio de Janeiro, com a proposta de seguir as normas da Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Dinâmica de Grupo e Psicodrama (COIMBRA, 1995, p.232). Em 1983, aconteceu a oficialização da Associação Brasileira de Psicodrama Pedagógico, que se originou da realização de uma mesa-redonda sobre Psicodrama Pedagógico no III Congresso (FLOREZ, 1986, p.6).

Em 1984, a Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama iniciou o curso de Psicodrama Pedagógico, sob a orientação de Cely Wagner, auxiliada pela professora Maria Alicia Romaña. Nesse ano também aconteceu o IV Congresso Brasileiro de Psicodrama, em Águas de Lindóia, São Paulo, presidido por Luiz Falivene R. Alves e organizado pelo Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas.

Em 1985 o Centro de Psicodrama do Rio de Janeiro procurou estabelecer uma metodologia psicodramática para o ensino de Psicodrama. Para isso chamou, de São Paulo, Maria Antônia Kouri Darci, que possuía um Centro de Formação em

Psicodrama Pedagógico, para formar um grupo de professores e alunos no sentido de construir uma nova forma de ensinar e de aprender (COIMBRA, 1995, p.233).

O V Congresso Brasileiro de Psicodrama aconteceu em Caldas Novas, Goiás, em 1986, presidido por Geraldo Amaral. Ainda nesse ano, houve uma cisão na SOPERJ, provocando a formação da Sociedade Moreniana de Psicodrama.

Em 1987 foi implantada a formação em Psicodrama Pedagógico no Centro de Psicodrama do Rio de Janeiro, chamado de psicodrama aplicado. Em 1995, o Centro de Psicodrama era um dos estabelecimentos mais fortes na formação psicodramática, pois além de ter o maior número de membros formados e em formação, não teve grandes crises ao longo dos anos (COIMBRA, 1995, p.233).

Em 1988, aconteceu o VI Congresso Brasileiro de Psicodrama, em Salvador, Bahia. E em 1990, aconteceu o VII Congresso Brasileiro de Psicodrama, no Rio de Janeiro, que elimina a exclusividade de somente psicodramatistas participarem do congresso.

Em 1992, aconteceu o VIII Congresso Brasileiro de Psicodrama, em São Paulo. Em 1994, aconteceu o IX Congresso Brasileiro de Psicodrama, em Águas de São Pedro, São Paulo. Em 1996, aconteceu o X Congresso Brasileiro de Psicodrama, em Rio Quente, Goiás.

Em 1998, aconteceu o XI Congresso Brasileiro de Psicodrama, em Campos do Jordão, São Paulo. Também nesse ano foi iniciado o curso *lato sensu* e mestrado profissionalizante em Psicodrama em um convênio entre a ABPS e a Universidade São Marcos, em São Paulo (Informativo FEBRAP, 2001).

Em 2000, aconteceu o XII Congresso Brasileiro de Psicodrama, em Águas de São Pedro, organizado pelo IPPGC.

Um dos primeiros atos da prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, em março de 2001, foi a realização de 98 sessões de Psicodramas Públicos, nos quais moradores representaram e discutiram dramas sociais. Esse projeto foi intitulado “Ética e Cidadania”, com a participação voluntária de 223 psicodramatistas. Ainda nesse ano, houve a iniciativa de um grupo da Faculdade de Educação da USP, sob a coordenação da professora Heloisa Penteado, tentando levar o Psicodrama para a televisão. Em associação com especialistas em comunicação, da Faculdade Cásper Líbero, o grupo da USP produziu um programa-piloto de educação sexual, com o objetivo de exibir o programa aos professores e alunos de escolas da rede pública.

Em 2002 o programa Comunidade Solidária, coordenado pela socióloga Ruth Cardoso, utilizou o Psicodrama com adolescentes de comunidades pobres do Nordeste para disseminar noções de sexo seguro e prevenir a aids e a gravidez precoce. Em São Paulo, o governo usou técnicas psicodramáticas para formar ouvidores públicos, funcionários da Receita Federal e de outras áreas administrativas.

O XIII Congresso Brasileiro de Psicodrama aconteceu na Bahia, no período de 29 de maio a 1 de junho de 2002, com o tema “Raízes, transformações, perspectivas”, com a proposta de apresentar o psicodrama a partir da retrospectiva de seu movimento, desde seu nascimento até os dias atuais, discutindo suas mudanças e perspectivas.

No período de 9 a 12 de junho de 2004, acontecerá em Belo Horizonte, Minas Gerais, o XIV Congresso Brasileiro de Psicodrama, com o tema “A Sociedade Brasileira em cena: a ação transformadora do Psicodrama”.

2. NOÇÕES TEÓRICAS

Moreno propunha tratar toda a sociedade em uma ciência denominada Socionomia, com três grandes ramificações: a Sociometria que é a ciência da

medida do relacionamento humano; Sociatria é a ciência do tratamento dos sistemas sociais, do qual o Psicodrama faz parte e a Sociodinâmica estuda a estrutura dos grupos sociais, dos grupos isolados e das associações de grupos.

Desenvolveu um método diferente de Freud, do qual foi contemporâneo. No método freudiano, o paciente deveria deitar-se em um divã, apresentando ao analista um discurso verbal de seus problemas, enquanto que no método psicodramático, o paciente era colocado juntamente com outros, em grupo, através do teatro improvisado, submetido às técnicas de teatro e dramatizações sob a denominação de Psicodrama. Reivindicava ter sido o criador do termo psicoterapia de grupo, conforme o relato de Marineau (1992, p.7), no entanto foi um dos co-fundadores da psicoterapia de grupo.

O inovador Moreno propôs a Teoria Socionômica, a Socionomia, como uma nova sociologia, que se preocupa em estudar as formações e tensões sociais no aqui-e- agora. A Socionomia pesquisa o comportamento humano em seus aspectos intra e interindividuais, possibilitando o estudo, análise, medida e tratamento, não apenas do grupo, mas do indivíduo e suas relações interpessoais no grupo. *Socio* vem do latim *socio* que significa companheiro e *nomia* vem do grego que significa regra e lei que regula. Dentro da Socionomia, Moreno estabeleceu três grandes ramificações: Sociometria, Sociatria e Sociodinâmica.

SOCIONOMIA ³	SOCIOMETRIA	<ul style="list-style-type: none"> – Teste sociométrico – Teste sociométrico de percepção
	SOCIATRIA	<ul style="list-style-type: none"> – Psicoterapia de Grupo – Psicodrama – Sociodrama
	SOCIODINÂMICA	<ul style="list-style-type: none"> – Interpretação de papéis – Teatro espontâneo e Role-Playing

³ Tabela extraída de Kaufman, A. *Teatro Pedagógico*. Pg.58

Sociometria

Sociometria é a “ciência da medida do relacionamento humano que descreve e mede a dinâmica dos grupos, das relações sociais, a dinâmica inter e intragrupal” (KAUFMAN, 1992, p.52). O método principal utilizado é o Teste Sociométrico com o respectivo Sociograma do grupo que foi aplicado. O objetivo do Teste Sociométrico é esclarecer os vínculos que estão constituídos nos grupos. O Sociograma é a representação gráfica que demonstra a rede de relações do grupo.

Sociatria

A Sociatria (*socio*=sociedade; *iatria*=tratamento) é a ciência do tratamento dos sistemas sociais. Para tratar as relações e os vínculos utilizam-se três instrumentos: o Psicodrama (o sujeito da ação é o indivíduo), o Sociodrama (o sujeito da ação é o grupo) e a Psicoterapia de Grupo (trata tanto o grupo como um todo, como cada um de seus membros através da vivência do grupo).

Embora a obra de Moreno seja extensa, o termo “Psicodrama” tem sido utilizado e entendido como o sinônimo de toda sua obra. Kaufman (1992: p.58) explica que isto foi consagrado pelo hábito.

Sociodinâmica

A Sociodinâmica estuda a interpretação de papéis e a estrutura dos grupos sociais, dos grupos isolados e das associações de grupos. Utiliza-se o Role-Playing (um método de interação humana em um comportamento realista em situações imaginárias) e o Teatro da Espontaneidade (teatro sem espectadores, todos participam e são atores).

Psicodrama

O Psicodrama (*psyche*=alma; *drama*=ação) é essencialmente um método ativo de exploração daquilo que foi vivido por um indivíduo, adulto ou criança, normal, com problemas de personalidade (neurose ou psicose). É feito no, pelo e com o grupo, utilizando-se os ecos da vivência, contada e representada no grupo. Existem três principais escolas de Psicodrama utilizando um certo número de técnicas (SCHÜTZENBERGER, 1977, p.12):

Psicodrama Clássico: criado e praticado por Jacob Levy Moreno, utiliza-se essencialmente a ação dramática e a representação. O psicodramatista cria, no grupo e para o indivíduo que vai representar, um clima relaxado, dirige a encenação, com a ajuda de uma equipe especializada de assistentes (ego-auxiliares) e faz, para terminar, uma volta ao grupo. Os participantes dão, às vezes, conselhos e comunicam-lhe as suas experiências.

Psicodrama analítico francês: trata-se do Psicodrama individual ou grupal, com um grupo de terapeutas assistentes (que representam), utilizando as concepções psicanalíticas freudianas, a transferência e a interpretação pela encenação. Muitas vezes um casal de psicodramatistas (que representam as cenas propostas pela criança ou encenam juntamente com a criança) e um grupo de terapeutas estagiários em formação (SCHÜTZENBERGER, 1977, p.13).

Psicodrama Triádico ou centrado no grupo: Moreno qualificou de “triádico” o Psicodrama que vinha sendo praticado por Robert Haas, por James Ennies e por Anne Ancelin Schützenberger. A “tríade” a que Moreno se referia era: o Psicodrama, a Psicoterapia de Grupo e a Sociometria, em outras palavras, Freud + Moreno + Lewin (SCHÜTZENBERGER, 1977, p.11).

Nessa pesquisa estudaremos o Psicodrama ou Psicodrama Clássico de Moreno como fundamentação teórica. O professor Pierre Weil, relatou em seu livro, o primeiro publicado no Brasil sobre o assunto, a importância do Psicodrama:

De todas as técnicas e métodos de redução de tensões, talvez seja ainda o Psicodrama o mais interessante e eficaz, para atingir ao mesmo tempo tensões individuais e de grupo, e lidar com elas, combinando num só método a realidade biológica e sociológica, a psicologia individual e a psicologia social, a sociologia e mesmo a antropologia. (WEIL, 1978, p.15)

A dramatização é o núcleo do Psicodrama que tem suas origens no Teatro, na Psicologia e Sociologia. Por isso que a terminologia utilizada no Psicodrama é adaptada do Teatro. A espontaneidade e a criatividade significam valores da maior importância. Moreno propõe ao ser humano um espaço cênico flexível, favorável ao desenvolvimento pessoal e a integração do grupo, fundamental para que a improvisação dramática seja conjunta, envolvendo mesmo quem não estiver participando ativamente, fazendo parte dos que assistem a dramatização no auditório.

Segundo a definição de seu criador, o Psicodrama tem como princípios básicos a espontaneidade e a criatividade, o trabalho do grupo e a expressão pelo teatro da espontaneidade.

O Psicodrama permite uma vivência ampla com o objetivo de prover o ser humano de uma riqueza de experiências que lhe possibilite ampliar constantemente sua produção total de vida. Para Shützenberger (1970, p.35), o Psicodrama é o “teatro do homem liberado, fora de si, fora de seus eixos, no meio de um auditório de pessoas também fora de si, participando juntas do fato de que uma delas sai de si para reviver sua vida e reencontrá-la no palco.”

Outro aspecto muito importante, proposto por Moreno (1974, p.38), é que “o fundamento do Psicodrama é o princípio da espontaneidade criadora, a participação desinibida de todos os membros do grupo na produção dramática e a catarse ativa.”

Pierre Weil (1978, p.26) também concorda que a função do Psicodrama é “devolver ao indivíduo a sua espontaneidade, ‘desconservar’ o papel, tirar-lhe a rigidez. Como a função do papel é de ‘penetrar’ o inconsciente a partir do mundo social e de lhe trazer forma e ordem”.

Moreno utiliza, principalmente, cinco instrumentos no método psicodramático: o palco, o protagonista ou paciente, o diretor, os egos auxiliares e o auditório ou público.

1. **Palco:** espaço cênico, com ou sem cenário, o local onde se realiza a dramatização.
2. **Protagonista:** participante ou paciente, incluindo também os coadjuvantes que atuam em cena.
3. **Diretor:** coordenador do grupo, o Psicodramatista que pode ser médico, psicólogo, professor, educador ou profissional especialmente formado para esta tarefa.
4. **Ego-auxiliar:** assistente que colabora com o diretor, desempenhando os papéis necessários para a ação.
5. **Auditório:** público, formado por todos os presentes.

São consideradas quatro fases (ARANTES, 1993, p. 22):

- 1) **Aquecimento:** primeira fase. Consiste em favorecer o ambiente de trabalho proporcionar uma acomodação psicofísica, considerada importante para Moreno. Acompanhado do aquecimento específico para o papel, quando necessário.

- 2) **Dramatização**: fase em que é representada a cena com base na improvisação ou por jogos e discussões específicas sobre o protagonista ou tema emergente.
- 3) **Comentários**: é o momento, após a dramatização, em que há a participação reflexiva do grupo, opiniões dos elementos que atuaram em cena e dos que assistiram.
- 4) **Comentários complementares**: é o momento de avaliação da dramatização, discutido pelo diretor e egos-auxiliares.

O criador do Psicodrama (MORENO, 1974, p.118) afirma que “o método psicodramático é praticamente ilimitado em sua utilização. O núcleo do método permanece, entretanto, sem mudanças”.

Zerka Moreno, que trabalhou em parceria com Moreno, ressalta alguns aspectos importantes a serem considerados. Entre eles, a importância do papel do diretor de Psicodrama, no que se refere à construção das cenas e escolha das pessoas ou objetos necessários para o processo de aquecimento:

O indivíduo que não consegue ser espontâneo por si mesmo, ou nos seus próprios papéis, pode tornar-se extremamente espontâneo em uma inversão de papéis (...). Sua força de expressão irá aumentando na medida em que também for aumentando a sua espontaneidade. (MORENO, Z., 1975, p.16)

Gleidemar Diniz também ressalta a importância do grupo ter a mesma visão:

(...) é importante que ocorra no grupo uma atmosfera flexível, de confiança e segurança psicológica, em que cada elemento perceba que faz parte de uma construção coletiva, em que sua presença, participação e criatividade sejam valorizadas. (DINIZ, 2001, p. 21)

Através dos anos, várias formas de utilização foram desenvolvidas, entre elas, o Psicodrama terapêutico, o Psicodrama Educacional, Psicodanças, Psicomúsicas.

Sobre a utilização do Psicodrama no desenvolvimento da espontaneidade e criatividade, Arantes (1993, p. 19) escreveu que Moreno defendia a introdução do

Psicodrama na sala de aula desde o jardim da infância (pré-escola), continuando nos demais níveis de escolaridade, graduado conforme a maturidade dos alunos. Tanto para a prática do Psicodrama Terapêutico como em suas outras aplicações, é necessário um profissional especializado em psicoterapia e com conhecimentos mais profundos no assunto.

Espontaneidade

O ponto central da teoria moreniana é a Espontaneidade, entendida como a capacidade de dar respostas adequadas e originais às situações e problemas que a vida apresenta. Para Moreno (1975, p.58) a Espontaneidade produz Espontaneidade e incentiva a Criatividade.

A Espontaneidade constitui-se como uma característica que possibilita ao ser humano responder com Criatividade e sucesso aos desafios do seu meio (PUTTINI, 1997, p.15). Manifesta-se no momento, no “aqui e agora”, e é a capacidade que a pessoa tem de agir e reagir com coerência e sem rigidez aos acontecimentos. Tem tendência a ser experimentada como sendo seu próprio estado autônomo. É a manifestação da vontade livre. Moreno (1974, p.38) diz que “o fundamento do Psicodrama é o princípio da Espontaneidade criadora, a participação desinibida de todos os membros do grupo na produção dramática e catarse ativa”.

Está presente desde o nascimento na natureza humana e é uma característica própria da criança pequena, enquanto ainda não está direcionada a copiar modelos conservados de comportamentos da sociedade. O indivíduo espontâneo é flexível, sabe avaliar, está atento às alternativas e representa o papel com desembaraço. Rojas-Bermudez define que

(...) espontaneidade no sentido moreniano é a capacidade de um organismo adaptar-se adequadamente a novas situações (...). A espontaneidade funciona somente no momento em que surge; pode ser

comparada, metaforicamente, com a lâmpada que se acende e graças a qual tudo fica claro na casa. (Rojas-Bermudez, 1980, p.50)

O indivíduo criativo busca sempre caminhos que possam superar dificuldades e encontrar meios para suas realizações. Para Moreno (1975), a Espontaneidade na sua evolução é

(...) provavelmente, mais antiga que a sexualidade, a memória e a inteligência. Embora seja a mais antiga em termos universais e na evolução, é a força menos desenvolvida nas pessoas e, freqüentemente, inibida e desencorajada pelas instituições culturais. (MORENO, 1975)

No Teatro da Espontaneidade a cena é construída no momento. Não há ensaios prévios, o que difere do teatro formal, denominado por Moreno como teatro legítimo, em que toda preparação teatral é elaborada antecipadamente. Marineau (1992, p.117), escrevendo sobre a vida de Moreno, cita que “a base da filosofia de Moreno foi sempre a importância dada a cada indivíduo para se expressar através de seus recursos espontâneos e criativos, num mundo em que cada um é parte de um grupo ou de uma entidade social”.

Assim, a Espontaneidade se destaca como a base para qualquer ação criativa. Dando liberdade para a Espontaneidade e suas capacidades intelectuais, afetivas, sociais, o aluno se coloca inteiramente no ato de aprender estabelecendo suas próprias relações com o conhecimento e atribuindo-lhe significados. Esse exercício de ação e reflexão é permeado pela liberdade que caracteriza as realizações psicodramáticas. Liberdade para expressar idéias e sentimentos pessoais a respeito dos diferentes temas de estudo, sem inibições, num ambiente lúdico e democrático, para permitir-se a recuperar o prazer de aprender (PUTTINI, 1997, p.20).

Atualmente há um crescente interesse pela criatividade, pois é manifestada nas atividades de cada indivíduo produzindo energia de vida. Segundo Gledimar Diniz (2001, p.48) a criatividade proporciona a manifestação do potencial interior e possibilidades de renovação constante.

Pessoas criativas inventaram uma infinidade de objetos que facilitaram a nossa vida: a invenção da roda, do computador, da eletricidade e outros. Uma comparação simplória seria uma pessoa inteligente vê estrelas e sabe dizer o nome delas, enquanto que a pessoa criativa consegue enxergar os desenhos que as constelações formam.

Embora pareça ser atributo de cientistas e artistas, a criatividade é inerente ao ser humano. Algumas pessoas desenvolvem o seu potencial criativo, pois têm prazer em pensar. Para alguém criativo, ter uma boa idéia é, antes de tudo, agradável e gratificante. Os criativos podem não mudar o mundo, mas mudam e melhoram sua vida. Diante de desafios, os criativos tendem a ter pensamentos transformadores com maior frequência.

Quais as características de uma pessoa criativa? É dotada de curiosidade. O porquê faz parte de sua vida. É dotada de inquietude. Não faz somente o esperado. É dotada de realismo, confronta-se com a realidade e levanta várias alternativas diferentes para o mesmo problema. Até mesmo nas horas de lazer.

O professor também, ao exercitar a Espontaneidade e a Criatividade, abre espaço para sua ação na sala de aula, promovendo e estimulando a participação e cooperação entre os alunos. Preocupa-se com o grupo, dos líderes aos solitários, observando suas características e suas relações. Sua relação com os alunos dá-se numa perspectiva horizontal, está sempre com eles e nunca acima deles. Valoriza o potencial interno de cada um. Muitas vezes esse potencial está armazenado e, em condições favoráveis, há a manifestação dessas capacidades encobertas. Por isso, o Psicodrama na Educação é um instrumento extremamente útil, com recursos de inestimável valor.

3. PSICODRAMA E EDUCAÇÃO

A educação deveria ter a função de ensinar, não apenas o currículo com disciplinas básicas para o desenvolvimento intelectual, mas preparar pessoas para viver em grupo, em sociedade, criando vínculos entre os seres humanos, incentivando o desenvolvimento social e afetivo. Mesmo sendo tratada sem grande importância, a educação é primordial no desenvolvimento da humanidade.

Em nosso meio educacional há quase um consenso de que a aprendizagem é um processo que envolve exclusivamente o aspecto cognitivo. Muitos professores que são bem preparados, que têm o objetivo de formar um aluno consciente e crítico, privilegiam o aspecto cognitivo em detrimento aos aspectos sensorial, afetivo e social, e, por isso, não atingem o indivíduo como um todo.

Promover o homem significa torná-lo capaz de conhecer os elementos de sua situação para intervir nela, transformando-a através de uma ampliação da liberdade, da comunicação e relação entre os homens.

O sentido da educação é o de promover a humanidade. Sobre isso Saviani comenta:

(...) se promover o homem significa libertá-lo de toda e qualquer forma de dominação; se, nas sociedades em que vigora o modo de produção capitalista, a dominação se manifesta concretamente como dominação de classe, então educar, isto é, promover o homem, significa libertá-lo da dominação de classe, vale dizer, superar a divisão da sociedade em classes antagônicas e atingir um estágio de sociedade regulada. (SAVIANI, 1989)

O cotidiano de grande parte das escolas e universidades ainda é baseado em aulas formais, expositivas, em uma relação vertical entre professores e alunos, traduzida em “professor fala e aluno escuta”. Por isso a rotina é cansativa e desagradável para os alunos e pouco gratificante para o professor.

Carlos Brandão, criticando o que se chama educação, cita que

“Em nome de quem os constitui educadores, estes especialistas do ensino aos poucos tomam a seu cargo a tarefa de assumir, controlar e recodificar domínios, sistemas, modos e usos do saber e das situações coletivas de distribuições do saber. Onde quer que apareça e em nome de quem venha, todo o corpo profissional de especialistas do ensino tende a dividir e a legitimar divisões do conhecimento comunitário, reservando para o seu próprio domínio tanto alguns tipos e graus do saber da cultura, quanto algumas formas e recursos próprios de sua difusão.

Assim, aos poucos acontece com a educação o que acontece com todas as outras práticas sociais (a medicina, a religião, o bem-estar, o lazer) sobre as quais um dia surge um interesse político de controle.”
(BRANDÃO, 1981, p. 26)

De certa forma Brandão chama atenção para que essa educação é contra o aluno pois não leva em conta o que ele é, mas para o que deveria ser para manter as divisões de poder e controle entre alunos e professores.

É nesse momento que o Psicodrama pretende colaborar com a educação no sentido de desenvolver o aluno levando em conta o que ele é e transformando-o para viver em grupos, em sociedade.

A relação do Psicodrama com a educação é uma relação estreita e amigável. Logo em seu nascimento há uma ação educativa quando Moreno trabalha com adolescentes com dificuldades de aprendizagem. Semelhantemente a experiência de Helena Antipoff brasileira também é pedagógica. Isso tudo reforça a capacidade e instrumentalidade do Psicodrama na área educacional.

Ressaltando a importância do papel de educador, a educadora argentina Maria Alicia Romaña assim o define:

(...) acreditamos que o educador é aquele mestre, professor, assistente, orientador, instrutor, que, em qualquer tarefa educativa, procura conciliar a transmissão de conhecimentos sistemáticos – para uma melhor compreensão do mundo e das possibilidades e limitações do homem – com a necessidade de facilitar ao aluno o reconhecimento dessa sua realidade imediata e concreta, de modo que ele possa desenvolver tanto a sua compreensão crítica e ativa, como sua vontade transformadora.
(Romaña, 1985, p.15)

Além de ter-se estruturado como terapia que visa à compreensão e desenvolvimento do ser humano, o Psicodrama também se estruturou como

metodologia educacional. A produção do conhecimento se dá por meio da ação. Moreno (1975, p.105) diz que “os conteúdos imprimem-se na mente quando o sujeito encontra-se em comportamento ativo”.

Psicodrama Pedagógico

O Psicodrama Pedagógico é um método que possibilita a coordenação desses fatores porque a aprendizagem se dá através da ação e interação. Ao aluno é permitido expressar o que sabe com o saber do grupo e, compartilhando com o grupo, construir e reconstruir o conhecimento adquirido. Visa levar o aluno à reflexão, ao questionamento, ao entendimento dos conceitos transmitidos e permitir o desenvolvimento da Espontaneidade e Criatividade. Além disso, o Psicodrama faz com que o indivíduo “aprenda a se aceitar ou modificar seus padrões de conduta, para ser aceito por si e pelos outros, aprimorando assim as relações interpessoais” (FLOREZ, 1986, p.14).

Maria Alicia Romaña, pioneira do Psicodrama Pedagógico na América Latina, formou os primeiros educadores psicodramatistas brasileiros. Romaña (1985, p. 26) mantém a idéia da possibilidade da utilização das técnicas psicodramáticas, promovendo o desenvolvimento de vários aspectos da vida e “garante a aquisição do conhecimento em nível intuitivo e intelectual, mas também leva a uma participação maior do aluno e à utilização do seu corpo, permitindo ao professor, ao mesmo tempo, o manejo do grupo como unidade”.

O que é ensinado pelos educadores pode ser esquecido pelos alunos, tornando o ensino uma transmissão de informação apenas. O diferencial da aquisição do conhecimento não desaparecerá se esse processo acontecer de forma reiterada.

Apoiando-se no uso da Espontaneidade, o Psicodrama Pedagógico produz, paralelamente, uma adequada aquisição de conhecimento (ROMAÑA, 1985, p. 45).

Desde seu nascimento, o Psicodrama foi uma atividade pedagógica. As suas possibilidades terapêuticas são descobertas no “caso Bárbara”⁴, que transforma o Teatro da Espontaneidade em Teatro Terapêutico (DINIZ, 1995, prefácio). Moreno utilizava o Psicodrama Pedagógico na formação de Psicodramatistas, porém, a psicoterapia passa a caracterizar as técnicas psicodramáticas prejudicando o desenvolvimento das aplicações pedagógicas.

Somente na segunda metade do século, o Psicodrama aplicado à área educacional ou pedagógico, como também é conhecido, volta a se desenvolver. Psicodramatistas argentinos começam a firmar uma linha pedagógica no Psicodrama. Romaña iniciou seu trabalho com o Psicodrama Aplicado à Educação em 1963, denominando-o como Psicodrama Pedagógico:

Quando criamos o termo Psicodrama Pedagógico não foi nossa intenção estabelecer somente entre a aplicação didática e terapêutica da dramatização, mas sim reconhecemos uma unidade básica, relativa à filosofia e fundamento de uma mesma técnica, procurando identificar, através do ‘pedagógico’, fundamentalmente o marco referencial e o campo de ação do educador. (ROMAÑA, 1985, p.14)

Essa denominação deu-se por ocasião do início da formação de educadores, em 1969, junto ao GEPSP. A denominação “Metodologia Psicodramática” surgiu quando a autora percebeu que

Quando chegou a hora de explicar em São Paulo as possibilidades didáticas do Psicodrama, foi que percebi com clareza, também pela primeira vez, a correlação entre o que denominei de *níveis de realização psicodramática* (realidade, simbolismo, fantasia) e os mecanismos comprometidos no processo de aprendizagem. Essa correlação chegou a constituir depois o fundamento que passei a denominar ‘Metodologia Psicodramática’, que hoje chamo de Método Educacional Psicodramático. (1996: p.26).

No decorrer do desenvolvimento do Psicodrama Pedagógico, muitos termos foram utilizados para descrevê-lo: Psicodrama vinculado à Educação, Psicodrama

⁴ O “caso Bárbara” é relatado no capítulo 1.

Educacional, Psicodrama Aplicado à Educação, Metodologia Psicodramática e Método Educacional Psicodramático são os nomes mais conhecidos para descrever o Psicodrama de Moreno utilizado como metodologia de ensino. Neste trabalho será priorizado o termo Psicodrama Pedagógico.

Psicodrama Pedagógico se diferencia do Terapêutico nos seus objetivos (educação e não terapia), pela formação do diretor (professor e não terapeuta) e pelo contato com os participantes (alunos e não pacientes). A importância do Psicodrama Pedagógico é também relatada pelo professor Clóvis Rossi, em prefácio ao livro de Diniz:

O Psicodrama Pedagógico tem uma posição definida e importante no Teatro e Educação. Nos 16 anos em que ministramos, no Curso de Pós-Graduação da ECA/USP, a disciplina Técnicas Psicodramáticas Aplicadas ao Ensino, de três meses de duração, pudemos verificar a extraordinária eficácia do Psicodrama como técnica educativa. Professores das mais diferentes áreas, como Artes, Pedagogia, Letras, História, Geografia, Física, Matemática, Psicologia, Filosofia, aprenderam a aplicar, nas suas aulas, a técnica psicodramática, tornando o ensino vivenciado, ativo, participante, dentro das modernas propostas pedagógicas. Sempre mantendo o limite entre o terapêutico e o pedagógico, os docentes descobriram a extraordinária eficiência do Psicodrama na sua função didática. (DINIZ, 1995, prefácio)

O Psicodrama Pedagógico não se aprofunda em problemas pessoais, não vai remexer o passado secreto e as feridas de cada um. Não lida com patologias, o trabalho clínico é tarefa específica do Psicodrama Terapêutico. Por isso, o educador deve estar atento e vigilante para saber até que ponto pode permitir aos participantes prosseguirem em sua busca. Às vezes, pode haver dificuldades em suportar o peso de um drama demasiado pessoal, muito íntimo, sem correr risco.

Além dos resultados pedagógicos há benefícios terapêuticos, como ressalta Diniz:

(...) mesmo sendo pedagógico, o Psicodrama acaba proporcionando benefícios terapêuticos. Nos cursos de Psicodrama Pedagógico realizados com grupos de professores, nos encontros com mães e alunos, é muito comum recebermos a informação, por parte deles, de que se sentiram beneficiados com as técnicas psicodramáticas, o que nos faz crer que, mesmo não aprofundando problemas pessoais, isto é, ficando

apenas no âmbito pedagógico, o Psicodrama é portador de efeitos terapêuticos em si mesmo. (DINIZ, 1995, p.52)

Windyz Ferreira, também em defesa da importância do Psicodrama Pedagógico, cita que

(...) o Psicodrama Pedagógico coloca o aluno inteiro, incluindo (e principalmente) sua história pessoal – experiências e características pessoais – como ponto de partida do processo educacional. Na escola, o Psicodrama traz a realidade existencial do aluno para dentro da sala de aula e estabelece que todo e qualquer processo de aprendizagem deve ter como princípio orientador o ser humano representado pelo aluno. Assim, a prioridade não se revela só na capacidade de aprender conteúdos (conhecimentos) mas centra-se na possibilidade de desenvolvimento do aluno, de forma que este desenvolvimento pessoal dê ao processo ensino-aprendizagem, desperte interesse, curiosidade e criatividade, que aqui poderia ser entendida como confiança na sua própria capacidade de decisão, escolha e criação. (FERREIRA, 1993, p.121)

O Psicodrama Pedagógico, segundo Diniz (1995, p. 53), é utilizado nas seguintes situações:

- a. Para compreender um conhecimento já adquirido mediante métodos tradicionais;
- b. Para melhor compreensão de um tema;
- c. Para repassar conceitos já esquecidos;
- d. Para o treinamento da espontaneidade;
- e. Para melhoria das relações sociais;
- f. Para transmitir conhecimentos novos.

Os mesmos instrumentos utilizados no Psicodrama Terapêutico, citados anteriormente, são utilizados no Psicodrama Pedagógico:

1. **Diretor:** é o professor;
2. **Ego-auxiliar:** pode ser um professor auxiliar treinado;
3. **Protagonista:** próprio aluno ou tema escolhido;

4. **Coadjuvantes:** alunos que atuam com o protagonista;
5. **Espaço cênico:** o local onde se dará a dramatização;
6. **Auditório:** formado por todos os presentes;

As etapas são as seguintes:

1. **Aquecimento:** primordial para o processo, para que as energias sejam canalizadas para a ação. O objetivo é aliviar as tensões e centralizar as atenções, facilitar a emergência de boas relações e criar laços entre as diferentes pessoas participantes do grupo.
2. **Dramatização:** é a ação propriamente dita, o núcleo do Psicodrama, segue logo após o aquecimento.
3. **Comentários:** é a etapa logo após a dramatização, quando os participantes, alunos e professores, conversam sobre o trabalho realizado.
4. **Comentários complementares:** discussão da aula que foi ministrada e preparação do próximo encontro.

O diretor do Psicodrama Pedagógico coordena as idéias, distribui os papéis, define a duração e os limites entre Psicodrama Terapêutico e Pedagógico, considerando sempre que o essencial do método é garantir a improvisação dramática.

Ressaltando a importância da formação especial no uso do Psicodrama, Romaña afirma que

(...) não há dúvida de que é necessária uma formação especial para que seja possível uma utilização responsável e feliz das técnicas dramáticas; por outro lado, poucos são os elementos didáticos que poderão, como elas, fazer o professor sentir-se tão realizado e tão enriquecido. (ROMAÑA, 1996)

Aplicações do Psicodrama Pedagógico

Para utilizar o Psicodrama Pedagógico é importante que o profissional participe de algum programa de formação psicodramática, de forma a desenvolver o seu papel de Psicodramatista com maior habilidade e conhecimento do método. Arantes ressalta esta importância em seu trabalho mais recente:

Na metodologia psicodramática, além dos Instrumentos, Etapas, Contextos, Jogos e Dramatizações; temos uma infinidade de Técnicas, cuja aplicação indevida, por profissionais inexperientes, pode causar danos irreversíveis no trabalho com grupos. Essas técnicas devem ser empregadas exclusivamente por Psico-dramatistas experientes, informados teoricamente e formados na prática: experientes no Papel de Ego-Auxiliar e Diretor, e supervisionados até que estejam em condições de dirigir um grupo, com seus próprios Ego-Auxiliares". (ARANTES, 2002 p.105)

Ao promover a criatividade, o Psicodrama Pedagógico estimula a capacidade criativa dos alunos. Com o desenvolvimento da espontaneidade, a personalidade do aluno é enriquecida proporcionando o surgimento de manifestações criativas.

Por meio da interpretação do resultado de um Teste Sociométrico ou dos Jogos Psicodramáticos, pode-se detectar os problemas de dificuldades de aprendizagem. Após ser diagnosticado, o problema pode ser eliminado ou amenizado e, assim resultando em um melhor aproveitamento do processo de ensino.

Na seleção e treinamento profissional, as técnicas psicodramáticas podem permitir uma visão mais integral dos seres humanos, auxiliando o trabalho dos psicólogos que pode ser complementado com a aplicação de testes. Com o método de ensino, o Psicodrama Pedagógico desenvolve o ser humano como um todo, não apenas seu lado intelectual, respeitando sua capacidade de sentir, agir e pensar.

A pesquisa educacional com o Psicodrama deixa à vontade a criatividade do pesquisador na utilização das infinitas possibilidades de aplicação das técnicas psicodramáticas, de acordo com seu objetivo. As dramatizações e os jogos dramáticos podem enriquecer a orientação profissional, tanto para o orientando, quanto para o orientador.

Arantes (2002) cita as principais aplicações do Psicodrama Pedagógico nas seguintes situações: promover a criatividade, dificuldades de aprendizagem, seleção e treinamento profissional, método de ensino, pesquisa educacional, aconselhamento de problemas cotidianos, jogos dramáticos, orientação profissional e que

ao empregarmos os Jogos Dramáticos na Orientação Profissional, além do objetivo de facilitar as manifestações Espontâneas, pretendemos também participar na construção da Identidade Pessoal de Adolescentes, influenciando, como consequência, a construção da Identidade Profissional. (ARANTES, 2002, p. 93)

Os recursos do Psicodrama também capacitam o educador no aconselhamento de problemas cotidianos. Devido à carência de profissionais dentro da escola capacitados para o aconselhamento, os educadores geralmente são solicitados a exercer a orientação psicológica. Além do aspecto lúdico-educativo, nos desafios oferecidos pelos jogos psicodramáticos há um incentivo à liberdade do aluno.

No trabalho de orientação profissional, o Psicodrama pode ser aplicado por meio de jogos dramáticos relacionados à faixa etária que estiver sendo orientada, o que poder ser desde a infância até a idade adulta. Sobre este assunto, Arantes defendeu a tese de que a escolha profissional pode ser facilitada através da utilização de Jogos Dramáticos fundamentados na teoria do Psicodrama e descreve:

O Psicodrama pode ser aplicado no trabalho de Orientação Profissional, desde a infância até a idade adulta, através de Jogos e Dramatizações adaptados a faixa etária que estiver sendo orientada. As preocupações com a escolha de uma profissão podem ser observadas, mesmo em crianças pequenas, começando pela imitação ou identificação com os Papéis Profissionais de adultos que representam significativa importância em suas vidas, reais ou imaginários. (Arantes, 2002: p. 96)

Os Jogos Dramáticos criam um clima favorável ao desenvolvimento da imaginação criativa, possibilitando que as personalidades sejam construídas espontaneamente, livres das pressões sociais e estereótipos que limitam o processo de desenvolvimento.

Além dessas aplicações, o Psicodrama também pode ser útil na questão da avaliação da aprendizagem. O avaliador pode empregar instrumentos capazes de avaliar o ser humano em sua plenitude, como um ser que sente, pensa e age, ou

melhor, os princípios da teoria psicodramática. A avaliação é um processo e as ferramentas podem ser múltiplas. Pode ser uma de cunho psicodramático e outra avaliação com outra metodologia.

A avaliação da aprendizagem, sob a fundamentação psicodramática, parafraseando o artigo de Muneiro e Arantes (2004) pode ser utilizado:

Jogos dramáticos: jogos que envolvem a interpretação de papéis, contendo ou não regras, denominados sensoriais quando centralizados no corpo; afetivos ao lidarem com sentimentos; sociais quando direcionados aos inter-relacionamentos; cognitivos ao facilitarem o desenvolvimento da reflexão e espirituais quando transcendem os limites da realidade terrena.

Teste sociométrico: útil para investigação, mensuração e intervenção nas relações interpessoais.

Jornal vivo: dramatizações curtas envolvendo artigos de livros didáticos, jornais ou outro tipo de comunicação.

Role-Playing: útil para ensinar, avaliar e aprimorar procedimentos pessoais, sociais, profissionais e espirituais através do desempenho e treinamento de diferentes papéis.

Teatro espontâneo: dramatizações mais complexas que exigem uma formação em Psicodrama, pois transcendem os limites de tempo e espaço, alcançando dimensões estéticas e espirituais.

A metodologia psicodramática também pode ser útil nas relações entre educadores e pais, estreitando as práticas educacionais e familiares resultando em uma convivência mais produtiva. Nas reuniões pedagógicas com os professores possibilita a melhor atuação e qualificação desses profissionais, por meio do treino de papéis e pela maior compreensão dos processos relacionais, pela melhor

percepção do outro incluindo, especialmente, o aluno, em seus aspectos emocional, afetivo, relacional, intelectual, corporal e cognitivo.

É importante ressaltar que o Psicodrama Pedagógico é um instrumento extremamente útil que pode facilitar as tarefas do educador, com recursos de inestimável valor, que resgata elementos humanizadores que, em tempos atuais, tanto carece a humanidade.

CAPÍTULO 2:

ASPECTOS METODOLÓGICOS

O processo de pesquisa, segundo Ivani Fazenda (1994, p.10), apesar de árduo e solitário, é também um desafio, pois a paixão pelo desconhecido, pelo novo, pelo inusitado, acaba por invadir o espaço do educador, trazendo-lhes alegrias inesperadas. Pode-se compartilhar dessa opinião, pois qualquer pesquisa é um grande desafio.

Embora a cidade de Campinas tenha realizado um papel importante para o desenvolvimento do movimento psicodramático no Brasil, não tem seu papel divulgado na história do Psicodrama brasileiro. Para relatar esta história foi utilizado como metodologia a história oral.

História Oral

Embora sua introdução no Brasil tenha sido nos anos de 70, somente no início dos anos 90 a história oral experimentou uma expansão mais significativa. A criação da Associação Brasileira de História Oral, em 1994, e a publicação de seu boletim têm estimulado a discussão entre pesquisadores e praticantes da história oral no país.

Utilizar a história oral como metodologia consiste em gravar entrevistas e editar os depoimentos tendo em vista um aprofundamento teórico-metodológico. O objeto de estudo é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes, utilizado como método de captação de histórias passadas para reconstrução. Também é com a utilização de entrevistas em associação com fontes escritas, como fornecedoras de informações para a elaboração de teses ou trabalhos

de pesquisa, sem que isso envolva qualquer discussão acerca da natureza das fontes ou de seus problemas. Ferreira esclarece o uso dessa metodologia:

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática. Esse é o terreno da história oral – o que, a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões; formula as perguntas, porém não oferece respostas. (FERREIRA, 1996, p.233)

As divergências sobre o uso da história oral são muitas, sejam sobre sua validade como método, técnica ou disciplina, sejam quanto aos termos próprios característicos da área como história e fonte oral.

Entrevistas

A entrevista oral pode ter como finalidade a constituição de um *corpus*, isto é, a coleta de um grande número de depoimentos sobre um tema determinado que, no caso desta pesquisa, a construção da história do Psicodrama Pedagógico em Campinas. A relação entre entrevistador e entrevistado deve ser uma relação de confiança, pois há necessidade de estabelecer vínculos, tornando mais fácil o diálogo.

De um modo geral, foi priorizado a escolha de entrevistados experientes e maduros em relação ao seu envolvimento com o Psicodrama. A preocupação foi em limitar o tempo das entrevistas, além de evitar perguntas excessivamente meticulosas do ponto de vista cronológico.

Nenhuma entrevista foi realizada sem uma preparação minuciosa. Arquivos e livros sobre o assunto foram consultados e aqueles entrevistados que tinham obras

publicadas também foram consultadas, além das referências sobre as principais etapas de sua biografia.

Cada entrevista foi apreciada quanto a sua coerência interna e lida como um todo. Se um informante tem uma tendência a mitificar ou produzir generalizações estereotipadas, isto se repetirá no correr de toda a entrevista. De modo semelhante, a supressão de informações pode manifestar-se pela relutância repetida em discorrer sobre determinada área ou por contradições não solucionadas quanto a algum pormenor.

Uma vez que, isoladas, nenhuma das entrevistas seja tão rica ou completa como narrativa única, a coletânea das narrativas é um modo melhor de apresentar um material de história oral. Durante cada entrevista os fatos foram emergindo pela liberdade que o entrevistado encontrou em abordar o que era importante para ele naquele momento. Sobre isso Thompson cita:

É muito comum que se encontre um conflito entre os valores gerais que se acredita serem verdadeiros no passado e o registro mais preciso sobre a vida do dia-a-dia; essa contradição, porém, será por si só extremamente reveladora, pois pode representar uma das dinâmicas da mudança social. (THOMPSON, 1992, p.306)

Quando houver divergências entre evidência escrita e oral, não se segue que um dos relatos seja necessariamente mais fidedigno que o outro, conforme cita Thompson:

A entrevista pode revelar a verdade que existe por trás do registro oficial. Ou então, a divergência poderá representar dois relatos perfeitamente válidos a partir de dois pontos de vista diferentes, os quais, em conjunto, proporcionam pistas essenciais para a interpretação verdadeira. Na verdade, grande parte da evidência oral oriunda da experiência pessoal direta – como um relato sobre a vida doméstica em determinada família – é preciosa exatamente porque não pode provir de nenhuma outra fonte. É inerentemente única. Claro que sua autenticidade pode ser avaliada. Não pode ser confirmada, mas pode ser julgada. (THOMPSON, 1992, p. 307)

O outro método pelo qual se pode chegar a um julgamento desse tipo é colocar a evidência dentro de um contexto mais amplo. O pesquisador experiente já

terá suficiente conhecimento, a partir de fontes contemporâneas, sobre a época, o local e a classe social de onde provém dada entrevista, para saber, mesmo que determinado detalhe não possa ser confirmado, se a entrevista como um todo soa como verdadeira. A falta generalizada de detalhes confiáveis, atitudes anacrônicas e construções lingüísticas incongruentes, tudo isso será bastante óbvio.

Procedimentos para coleta de dados

Para esse estudo, a pesquisa qualitativa foi utilizada como instrumento mais eficaz na coleta de informações, foram utilizadas fontes escritas para um levantamento bibliográfico de livros e textos sobre as variadas abordagens ou enfoques existentes sobre o Psicodrama. Foram vários livros nacionais, estrangeiros, revistas da FEBRAP, entrevistas com os profissionais envolvidos no movimento psicodramático, apostilas elaboradas por cursos de formação em Psicodrama Pedagógico.

A pesquisa bibliográfica e a coleta de dados foram através de documentação disponível no acervo da Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP) para compor a noção histórica do Psicodrama no Brasil. Para compor a história do Psicodrama Pedagógico em Campinas foi realizada uma pesquisa em fontes primárias: coleta de dados através da documentação disponível no acervo do Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas (IPPGC), do Centro de Memória da UNICAMP, do acervo da extinta Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama (ACPS), documentos em posse de ex-diretores, e do acervo da Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP). Tudo isso demandou um intenso levantamento. Todos os documentos foram interrogados quanto às datas, profissionais envolvidos no movimento psicodramático que tiveram um papel importante no desenvolvimento do Psicodrama.

A história oral é uma técnica qualitativa, utilizada por muitos estudiosos, particularmente por jornalistas, sociólogos e antropólogos, que trabalham com a

evidência oral juntamente com outras fontes, e não sozinha. Por isso, neste trabalho também se utilizou o método de história oral para a coleta de dados nas entrevistas.

Paul Thompson (1988, p.20), escrevendo sobre história oral, cita que “Toda história depende, basicamente, de sua finalidade social. Por isso é que, no passado, ela se transmitia de uma geração a outra pela tradição oral e pela crônica escrita (...)”

Thompson (1988, p.25) cita que a utilização de entrevistas como fonte vem de muito longe e é perfeitamente compatível com os padrões acadêmicos. A história oral oferece, quanto a sua natureza, uma fonte bastante semelhante à autobiografia publicada, mas de muito maior alcance, pois trata de vidas individuais e baseia-se na fala, e não na habilidade escrita, e é tão antiga quanto à própria história, pois foi a primeira história.

Maria Isaura Queiroz descrevendo a importância do relato oral entre as técnicas de coleta de dados empregadas pelos cientistas sociais com tanto sucesso escreve que “a técnica por excelência, e até mesmo a única válida para se contrapor às quantitativas”. Reforçando o desenvolvimento da história oral, Maria Isaura escreve que

(...) o relato oral se apresentava como técnica útil para registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita, o não conservado, o que desapareceria se não fosse anotado; servia, pois para captar o não explícito, quem sabe mesmo o indizível. (QUEIROZ, 1988, p. 15)

O gravador, o principal equipamento utilizado, não só permite que a história seja registrada em palavras faladas, mas também que seja apresentada por meio delas, demonstrando como é rica a capacidade de expressão das pessoas. Por isso, o pesquisador tem que ser bom ouvinte para coletar informações interessantes.

O pesquisador utilizará o relato oral de acordo com suas preocupações, pois, segundo Maria Isaura Queiroz a narração oral se transforma em um documento escrito:

Na verdade, a narrativa oral, uma vez transcrita, se transforma num documento semelhante a qualquer outro texto escrito, diante do qual se encontra um estudioso e que, ao ser fabricado, não seguiu forçosamente as injunções do pesquisador; de fato, o cientista social interroga uma enorme série de escritos, contemporâneos ou não, que constituem a fonte de dados em que apóia seu trabalho. (QUEIROZ, 1988, p. 18)

Para este trabalho, as entrevistas orais foram realizadas com pessoas ligadas ao Psicodrama e ligadas ao Psicodrama Campineiro. Informações específicas sobre o Psicodrama Campineiro foram fornecidas pelos entrevistados ligados à direção do Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas (IPPGC), à direção da extinta Associação Campinense de Psicodrama e Sociodrama (ACPS), à coordenação do Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado (GEPa). Estas entrevistas forneceram dados para básicos para a produção do quarto capítulo desta dissertação. Desses depoimentos, procurou-se extrair experiências de vida e de trabalho com o Psicodrama que muito interagiram com sua história em Campinas. Com exceção da entrevista do professor Pierre Weil, via correio eletrônico, as demais foram feitas pessoalmente.

A espontaneidade é um dos valores mais importantes dentro da teoria psicodramática. Por isso, foi solicitado aos entrevistados que contassem seu envolvimento com o Psicodrama, evitando perguntas que pudessem levar o entrevistado a pensar do modo que o entrevistador pensa. As entrevistas fluíram, sem a intenção de ser controladas pelo entrevistador. O objetivo dessas entrevistas livres foi buscar o maior número de informações. Para favorecer uma atmosfera de confiança e franqueza, os lugares das entrevistas foram escolhidos pelos próprios entrevistados. A partir daí cada entrevistado falou, de uma maneira particular, sobre seu envolvimento com o Psicodrama, como um todo e, particularmente, na cidade de Campinas.

Imagens, como fotografia, também foram utilizadas, como material ilustrativo e complementar para esse estudo. Entre as imagens utilizadas está a foto do pai do Psicodrama, o Jacob Levy Moreno, cartazes de divulgação dos congressos

brasileiros, capas das primeiras revistas da FEBRAP, certificados de conclusão da ACPS, IPPGC, GEPA, a foto da primeira turma da disciplina “Psicodrama Pedagógico” na Faculdade de Educação da Unicamp (em 1982), a última turma da disciplina “Psicodrama Pedagógico” na Faculdade de Educação da Unicamp (2001), Jornal da região de Campinas noticiando a chegada do Psicodrama na cidade e fotos dos entrevistados.

Análise e interpretação dos depoimentos

O objetivo principal e inicial foi de encontrar e juntar os fragmentos da história do Psicodrama Pedagógico existente na cidade, nos dados e nas entrevistas, sem a influência de idéias pré-estabelecidas, com o objetivo de uma avaliação qualitativa. As informações fornecidas por meio das entrevistas foram avaliadas e comparadas com as informações fornecidas pela pesquisa bibliográfica e documentação pesquisada.

Os depoimentos foram lidos separadamente, com o objetivo de se ter uma visão geral do conjunto de entrevistas. Dessa maneira, pode-se observar a unidade das informações. Aprecia-se a entrevista como um todo e pode-se chegar a uma boa avaliação da fidedignidade geral do informante. O próximo passo é fazer uma conferência com as outras fontes. Os dados manuscritos e impressos foram comparados com as informações fornecidas pelo entrevistado.

Sobre a importância da interpretação de depoimentos, Paul Thompson (1988, p. 306) diz que “a entrevista pode revelar a verdade que existe por trás do registro oficial”. Mesmo que haja divergência de dados entre dois depoimentos, como exemplo, no conjunto, esses depoimentos proporcionam dados essenciais para a interpretação verdadeira.

Em relação ao tratamento dos dados, um procedimento que é muito utilizado em pesquisa qualitativa é Análise de Conteúdo. Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo pode ser definida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

O interesse não reside na descrição dos conteúdos, mas no que eles poderão ensinar após serem tratados. Por isso, o objetivo da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

Para isso a análise de conteúdo, em termos gerais, relaciona as estruturas semânticas (significantes) com as estruturas sociológicas (significados) dos enunciados. Articula a superfície dos textos, descrita e analisada, com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção da mensagem. As principais técnicas são: análise categorial ou temática, análise de avaliação ou representacional, análise da enunciação, análise de expressão, análise das relações e análise do discurso.

A análise categorial ou temática será mais detalhada por ser a técnica utilizada neste trabalho. Segundo Bardin (1977, p.117) “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos”.

Fazer uma análise temática consiste em descobrir os “núcleos de sentido” que compõem a mensagem e cuja presença, ou frequência de aparição, pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido.

Para Bardin (1977) a pré-análise é a fase da organização propriamente dita, isto é, de estabelecimento de um programa de análise. Desdobra-se em três momentos: escolha dos documentos, formulação de hipóteses e dos objetivos e elaboração dos indicadores que fundamentam a interpretação final. A escolha dos documentos é determinada através das regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência.

A seguir, o pesquisador organiza um corpus, isto é, reúne ou coleciona em um protocolo as informações pertinentes à análise. Inicia-se, então, a fase de “leitura flutuante” que vai se tornando cada vez mais direcionada à formulação de objetivos e hipóteses que auxiliarão a exploração do material, fase esta de categorização e codificação, registro e contagem, se for o caso (uso das técnicas de análise de dados descritas anteriormente). O tratamento dos resultados consiste no tratamento dos resultados brutos de maneira a serem significativos e válidos. O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas.

O assunto não foi esgotado, porque isso seria impossível. O objetivo foi fazer um levantamento histórico de como foi a implantação, desenvolvimento e algumas experiências do Psicodrama Pedagógico na cidade de Campinas.

CAPÍTULO 3:

RELATOS ORAIS SOBRE MOTIVAÇÕES VIVENCIAIS, CONTRADIÇÕES INSTITUCIONAIS E PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS

Pretendemos, neste capítulo, apresentar trechos dos relatos orais dos personagens que atuaram na organização do Psicodrama Pedagógico em Campinas, desde de sua origem, no ano de 1975, procurando resgatar as motivações vivenciais, as contradições institucionais e as perspectivas educacionais. As transcrições integrais estão no “anexo” deste trabalho.

Embora haja críticas em relação aos profissionais que difundiram o Psicodrama no Brasil e em outros países, pode-se notar claramente uma paixão comum nos entrevistados, a admiração por Jacob Levy Moreno.

A relação entre entrevistador e entrevistado dever ser uma relação de confiança, pois há necessidade de estabelecer vínculos, tornando mais fácil o diálogo. Por isso, tentou-se deixar cada entrevistado à vontade, mas sempre respeitando o objetivo desse capítulo.

De um modo geral, foi priorizado a escolha de entrevistados experientes e maduros em relação ao seu envolvimento com o Psicodrama. A preocupação foi em limitar o tempo das entrevistas, além de evitar perguntas excessivamente meticulosas do ponto de vista cronológico. Por isso, buscou-se entrevistar psicodramatistas clínicos e pedagógicos, de Campinas e São Paulo, cidades nas quais o Psicodrama tem se destacado em nosso país.

Nenhuma entrevista foi realizada sem uma preparação minuciosa. Arquivos e livros sobre o assunto foram consultados e aqueles entrevistados que tinham obras publicadas também foram consultadas, além das referências sobre as principais etapas de sua biografia.

Cada entrevista foi analisada quanto à coerência interna e lida como um todo. Se um informante tem uma tendência a mitificar ou produzir generalizações estereotipadas, isto se repetirá no correr de toda a entrevista. De modo semelhante, a supressão de informações pode manifestar-se pela relutância repetida em discorrer sobre determinada área ou por contradições não solucionadas quanto a algum pormenor.

Uma vez isoladas, nenhuma das entrevistas é tão rica ou completa como narrativa única, a coletânea das narrativas é um modo melhor de apresentar um material coerente.

Durante cada entrevista os fatos foram emergindo pela liberdade que o entrevistado encontrou em abordar o que era importante para ele naquele momento. Sobre isso Thompson cita:

É muito comum que se encontre um conflito entre os valores gerais que se acredita serem verdadeiros no passado e o registro mais preciso sobre a vida do dia-a-dia; essa contradição, porém, será por si só extremamente reveladora, pois pode representar uma das dinâmicas da mudança social. (THOMPSON, 1992, p. 306)

Em relação às divergências entre evidência escrita e oral, não se segue que um dos relatos seja necessariamente mais fidedigno que o outro, conforme cita Thompson:

A entrevista pode revelar a verdade que existe por trás do registro oficial. Ou então, a divergência poderá representar dois relatos perfeitamente válidos a partir de dois pontos de vista diferentes, os quais, em conjunto, proporcionam pistas essenciais para a interpretação verdadeira. (THOMPSON, 1992, p. 307)

O outro método pelo qual se pode chegar a um julgamento desse tipo é colocar a evidência dentro de um contexto mais amplo. O pesquisador envolvido no assunto terá suficiente conhecimento, a partir de fontes contemporâneas, sobre a época, o local e a classe social de onde provém dada entrevista, para saber, mesmo que determinado detalhe não possa ser confirmado, se a entrevista como um todo soa como verdadeira. A falta generalizada de detalhes confiáveis, atitudes anacrônicas e construções lingüísticas incongruentes, tudo isso será bastante óbvio.

Unidades de Significado e Categorias

Para a realização das análises e interpretações dos depoimentos adotamos uma avaliação qualitativa, sem idéias pré-concebidas, iniciando pela identificação das categorias e unidades de significado contidas nas oito entrevistas.

Categorias identificadas

1. Motivações vivenciais
2. Contradições institucionais
3. Perspectivas educacionais

Unidades de Significado Seleccionadas

As unidades de significado seleccionadas foram transformadas em linguagem psicológica para serem interpretadas de forma mais consistente, em cada categoria identificada.

1. MOTIVAÇÕES VIVENCIAIS

Motivar é impulsionar o comportamento de um ser humano para a realização de um objetivo. A essência é desenvolver estímulos para que a pessoa coloque ação em seu "motivo" e produza uma resposta satisfatória, capaz de atingir o seu

objetivo. É ter motivo para fazer algo. Pode-se motivar a si mesmo e aos outros. Nos relatos buscou-se resgatar as motivações vividas por cada entrevistado que tornaram possível o desenvolvimento e divulgação do Psicodrama.

Um dos primeiros a reconhecer a importância da motivação foi Freud que acreditando que os seres humanos nem sempre estão conscientes do que desejam, chegou a conclusão de que uma grande parte de seu comportamento é determinado por motivos ou necessidades inconscientes. Para Freud são seis os princípios básicos da motivação: todo comportamento é motivado; a motivação persiste ao longo da vida; os motivos verdadeiramente atuantes são inconscientes; a motivação se expressa através de tensão; existem dois motivos que prevalecem em face de sua possibilidade de repressão (o sexo e a agressão) e os motivos têm natureza biológica e inata.

De modo geral, podemos dizer que a motivação foi, é e será sintoma de vida psíquica que se move em busca de algo. Sobre isso, Maslow, comenta:

Parece evidente que os problemas de personalidade podem, às vezes, ser protestos em voz alta contra o esmagamento da nossa ossatura psicológica, da nossa verdadeira natureza íntima. O que é patológico, nesse caso, é não protestar enquanto o crime está sendo cometido. E eu lamento muito dizer que a minha impressão é que a maioria das pessoas não protesta, sob tal tratamento. Aceitam-no e pagam-no anos depois em sintomas neuróticos e psicossomáticos de várias espécies; ou, talvez, em alguns casos, nunca se apercebam de que estão doentes, de que perderam a verdadeira felicidade, a verdadeira realização de promessas uma vida emocional rica e fecunda, e uma velhice serena e produtiva; de que jamais saberão até que ponto é maravilhoso ser criativo, reagir esteticamente, achar a vida apaixonante e sensacional. (MASLOW, s.d., p.32-33)

Os seres humanos diferem não só pela sua capacidade, mas também motivação que é a vontade de fazer as coisas. De modo geral, podemos dizer que os motivos são as razões do comportamento humano, que mantêm as atividades e determinam a orientação geral do comportamento das pessoas. Melhor dizendo, os motivos são o início da ação.

Geralmente as motivações são diferentes para cada pessoa. Diferente da grande maioria das pessoas, os entrevistados demonstram uma paixão forte pelo Psicodrama. É apaixonante ver os relatos de como as pessoas são transformadas tão logo comecem a falar sobre o Psicodrama.

Unidade de Significado: Quando a gente estava no segundo ano de faculdade, nós entramos em 1976, eles estavam organizando o grande encontro com o Dr. Bustos. Porque esse pessoal que a gente está falando, Falivene, eles estavam se afinando muito com o jeito do Bustos. Não sei porque... Talvez por questões técnicas ou até pelo jeito da pessoa liderar e tal. Eles se afinaram muito com o Bustos. E trouxeram o Bustos para fazer um grande encontro de Psicodrama aqui em Campinas. Nós éramos do comecinho da Faculdade. A gente não sabia muito lá o que era, mas gostava muito de existencialismo, de Martin Buber, e fomos lá tentar fazer. E eles disseram que tem de ser formado e ser psicoterapeuta. A gente estava começando o curso de Psicologia. Então não pudemos fazer este encontro. E deste grande encontro, acho que até foi muito prudente, porque era um mega encontro, então tinha que ter psicoterapia porque eles iam mexer emocionalmente, era um Psicodrama público. A gente viu que nesta turma a gente não ia conseguir entrar porque era para médico e psicólogo formado. A gente se afinou um pouco com o trabalho e a partir daí, surgiu o Valério. A gente estava no segundo ano e foi uma oportunidade legal, foi até aqui no Guanabara, dentro do consultório dele e tinha uma outra colega, a Anita, a Raquel. O Valério já tinha esses cursos que dava para a gente. Ele falava de formar especialistas. Como a gente não conseguia entrar lá... A gente conseguiu aprender um pouco mais de Psicodrama com ele. Só que era um tempo em que a Instituição aqui estava se formando, estava se organizando, nem tinha sede própria. Eles começaram fazendo grupos de estudos para o pessoal formado. (...) A gente vinha de DCE, DA, tinha bastante envolvimento. Acabava indo quem tinha este tipo de disponibilidade, não quem estava preparado. De estudante de Psicodrama e recém-formada de Psicologia acabei meio que indo para lá. Em 1985, não me sentia muito preparada, mas fiquei presidente e tive que ir para a FEBRAP. Fiquei como conselheira, depois teve o congresso internacional, fiquei como vice-presidente.⁵

Unidade Transformada: Mesmo não tendo conhecimento, o envolvimento se deu após uma identificação com o trabalho psicodramático.

US: Naquela época a gente tinha feito uma opção no quinto ano de psicologia, tinha vários optativos, no nosso tempo de psicologia aqui na PUCC.

⁵ Bernadete Castro.

Uma delas era o Psicodrama. E a gente fez essa opção. Por coincidência a gente era da mesma turma de faculdade. O professor era o Landini. Paralelamente a isso, a gente tinha aula com o Valério porque a gente gostou do Psicodrama no quarto ano quando a gente viu alguma coisa.⁶

UT: A identificação aconteceu mesmo sem ter conhecimento suficiente do Psicodrama, apenas uma breve introdução.

US: Há muita gente que não conhece o Psicodrama. Quando a gente conhece, a gente tem a mesma alegria e admiração, no meu caso, de trinta anos atrás. A gente fica encantada! Fiquei muito interessada em difundir-lo. (...) Eu fiquei encantada, apaixonada pelo método e iniciei formação com Romana nos anos 70. E, paralelamente, no Brasil também se iniciou a formação de Psicodrama Pedagógico. Foram irmãs, ao mesmo tempo, em paralelo.⁷

UT: A paixão transforma-se em ação ao adquirir conhecimento.

US: Eu já tinha aprendido o Psicodrama Pedagógico antes da Psicologia. Eu morei em São Paulo e fiz terapia com o Alfredo Soeiro. Fiz terapia individual antes dele trabalhar com o Psicodrama. Depois, quando ele começou com o Psicodrama me perguntou se eu queria passar para o grupo. Em São Paulo não tinha problema em ser em grupo porque depois eu não iria encontrar aquelas pessoas. Tive contato logo no começo, quando começou o Psicodrama em São Paulo. Fiquei cinco anos em São Paulo e depois vim para Campinas. Nessa época o Alfredo Soeiro também veio para Campinas. O Alfredo Soeiro pegou a Vera e eu e começamos a trabalhar. Depois veio a turma do Valério Arantes, uma turma boa. O Valério é da segunda ou terceira turma. Acho que em 1976. Era um grupo bom, mas não tinha muita gente. As pessoas aprendiam e iam embora para as cidades da região, a maior parte ia trabalhar fora. Eles indo embora quem ficaria na direção? Ficariam sempre as mesmas pessoas. Então eu pensei: “não é isso que eu quero”. A Associação consumia um bom tempo. Tinha que fazer reunião e até, tem que fiscalizar presença, todas essas coisas, porque senão o pessoal relaxa mesmo.⁸

UT: O primeiro envolvimento foi com o Psicodrama Pedagógico e depois foi despertada para o envolvimento com o Psicodrama Clínico.

⁶ Agenor Moraes.

⁷ Elena Nosedá Bustos.

⁸ Inah Soares Moreira.

US: Eu fiz formação em Psicodrama. Foi fundada a Associação Argentina de Psicodrama mais ou menos em 1962 e 1963. E fiz parte do primeiro seminário, da primeira turma da Associação. Na época era assim, você estava interessado, fazia terapia com Psicodrama, como era o meu caso, eu era paciente de Rojas, aí podia fazer a formação. Não tinha nenhuma separação. E eu fiz com o intuito de aplicar na educação. Na verdade essa iniciativa minha foi o começo de tudo. Antes não tinha assim nada pensado, organizado, em relação à educação. Moreno tinha alguns dizeres, falava que podia ser aplicado à educação. Os Psicodramatistas achavam que se fossem para as escolas, até hoje tem gente ainda que pensa assim, seria para fazer terapia com os estudantes e professores. A minha proposta, porque sou pedagoga, nunca foi essa. A minha procura sempre foi uma procura metodológica, em relação à aprendizagem. A abordagem que fiz foi toda uma tradução, digamos assim, da proposta moreniana para a educação. Tanto que criei uma metodologia que chama método psicodramático.⁹

UT: A tradução do Psicodrama Clínico para a educação tornou-se uma metodologia psicodramática.

US: Como foi seu envolvimento com o Psicodrama? O meu primeiro contato com Psicodrama foi quando em 1959 fiz um grupo de Psicodrama Tríadico em Paris com Anne Ancelin. Empolguei-me muito e resolvi me preparar sob a orientação dela primeiro.¹⁰

UT: A eficácia do Psicodrama foi comprovada por meio da vivência.

US: Eu fiquei fascinado com o que a Inah fazia. A Inah era uma pessoa fantástica como diretora de Psicodrama. Ali que nasceu minha paixão pelo Psicodrama. Graças a Inah! A Inah aplicava o Psicodrama como se estivesse brincando. Eu descobri que o Psicodrama realmente era aquilo que diziam mesmo. Moreno trouxe a felicidade para a psicoterapia. Trouxe alegria para a psicoterapia, como alguns autores comentam. (...) Em 1974, estava abrindo a segunda turma. Ele vinha de São Paulo para Campinas. Nessa associação, eu acabei entrando na segunda turma, fiz parte do grupo, e foi aí que eu comecei a aprender o Psicodrama, não apenas prático, mas também teórico. Apaixonei-me por Moreno, pela questão da utilização do corpo, da dramatização; da recuperação, inclusive, do discurso artístico; o Psicodrama recupera não apenas o artístico, mas também o aspecto espiritual, pois Moreno também era uma pessoa extremamente mística.¹¹

⁹ Maria Alicia Romaña.

¹⁰ Pierre Weil.

¹¹ Valério José Arantes.

UT: O fascínio pelo Psicodrama se deu de forma casual.

US: Eu fui fazer como uma disciplina optativa e fiquei fascinada. Foi uma coisa importante. Fiz esta disciplina optativa com o professor José Carlos Landini. E, assim, recém-formada, fui trabalhar no Cândido Ferreira com o Dr. Décio Pinto de Moura e lá nós fazíamos Psicodrama com os grupos de psicóticos e era muito gratificante. E teve de, no final do ano, a gente apresentar uma peça de Psicodrama, de teatro, para todo mundo, para aquelas pessoas que eram subestimadas, que eram pacientes que estavam lá há muitos anos em uma condição humana deteriorada e, no entanto, conseguiam entrar na cena, conseguiam possibilitar que mais espontaneidade aflorasse. Então fui sentindo que o Psicodrama trazia à tona uma dimensão do ser humano que muitas vezes ficava bloqueada dentro de um contexto convencional.¹²

UT: O sentimento de empolgação transformou-se na ação de aprender.

Síntese Parcial

Pode-se observar que nas unidades de significado há um primeiro contato com a teoria do Psicodrama que desperta a necessidade e o desejo de se envolver mais profundamente, não somente para adquirir conhecimento, mas em uma prática que amadurece os seres humanos.

2. CONTRADIÇÕES INSTITUCIONAIS

A história do Psicodrama é uma história de contradições e divergências. Ao mesmo tempo em que pretende resgatar os elementos humanizadores das pessoas e privilegiar as relações em grupo, trouxe sérias divergências que perturbaram sua história.

¹² Vera Saldanha Garcia.

Segundo Adler, o indivíduo passa a vida toda tentando superar sua inferioridade sentida desde o nascimento, em função de sua total dependência e impotência. Para ele todo ser humano começa a vida num estado de inferioridade e de insegurança: “É um reflexo do medo primitivo que empolga todos os seres vivos. O Homem é particularmente sujeito a este medo, devido à sua fraqueza e insegurança no seio da natureza.” (ADLER, 1967, p. 244)

Uma das possíveis explicações sobre as divergências no decorrer da história do Psicodrama, pode estar relacionadas aos frutos dos sentimentos de inferioridade e competitividade.

Para Karen Horney a ansiedade decorre de relações interpessoais perturbadas, sendo que a ansiedade neurótica tem sua origem na relação patológica entre a criança e pessoas significativas de seu ambiente, portanto, as neuroses são geradas por distúrbios nas relações humanas:

A ansiedade básica tem repercussões precisas na atitude da pessoa para consigo mesma e para com os outros. Significa isolamento emocional, tanto mais difícil de suportar porque coincide com um sentimento de debilidade intrínseca do EU. Significa um abalo nas bases da confiança própria. Leva em si o germe de um conflito potencial entre o desejo de fiar-se nos outros e a impossibilidade de fazê-lo por causa da vívida desconfiança e hostilidade sentida em relação a eles. (HORNEY, 1974, p. 66)

Há uma infinidade de fatores adversos no meio produtores dessa insegurança tais como: comportamento irregular, desrespeito, atitudes de desprezo, falta de calor seguro, dominação direta ou indireta, superproteção, isolamento, injustiça, discriminação, excesso ou ausência de admiração e outros fatores que vão impedir o desenvolvimento de sua auto-estima. Nos trechos abaixo buscou-se demonstrar o quanto as divergências retardaram a divulgação e desenvolvimento do Psicodrama no Brasil.

US: Tinha brigas, mas a gente não se importava porque uma de nossas características é assim tem briga a gente vai procurar as duas partes. Tanto é que o nosso curso tinha teoria dos dois lados, tinha teoria do A e do B. A gente

aproveitava das duas teorias a gente não se preocupava com essa briga. A gente assistia a essas brigas nos primeiros congressos, ainda tinha um reflexo dessas brigas. Mas a gente achava muito divertido aquilo porque os que a gente chamava de “vacas sagradas” eles não brigavam entre eles, quem brigava era o que a gente chamava de “bezerros de ouro”, eram os discípulos deles. Então se você era da área A e você da B vocês não brigavam. Vocês tomavam cerveja juntos, conversavam e discutiam, trocavam idéias. Agora se você era do lado A e do lado B, a gente brigava. Os “bezerros” brigavam e as “vacas” se amavam (risos). Era bem assim! A gente não era nem bezerro, porque éramos da terceira geração, a gente achava aquilo muito divertido, porque a gente não entendia nada (risos)!¹³

UT: Nascia uma nova escola de Psicodrama a cada divergência entre os líderes.

US: Chega no Brasil, em torno de 1964, através de uma categoria que eram os psiquiatras que trabalhavam com grupos nos hospitais. Uma divisão ficou no movimento entre os que trabalhavam na educação (os pedagogos) e os que eram da psiquiatria e psicologia. Ficaram chamando o Psicodrama Pedagógico e o Psicodrama Aplicado, que, para nós aqui do Instituto, é tudo bobagem. Psicodrama é Psicodrama, é o Sócio-Psicodrama, prático de trabalho com grupo adaptado ao contexto que cada um está. Para nós, aqui do Instituto, não existe Psicodrama Aplicado, nem pedagógico, é um Psicodrama só. (...) A gente sabia que a Argentina tinha várias personalidades e cada personalidade era uma escola. Era o Psicodrama de fulano, o Psicodrama de sicrano. E esse pessoal vem para o Brasil e encontra também aqui uma tendência, uma vocação muito grande para grupo. Somos uma cultura grupal. Tanto que o Psicodrama, na França, teve uma expressão muito diferente da nossa. Começou essa coisa de a turma que rompe com um, rompe com outro... (a gente não estava nessa estória ainda) Surge, então, um outro pessoal que resolve que iria lá direto com o Moreno, em Beacon, fazer o curso com ele. Quando voltaram, eles decidiram fazer a Federação Brasileira de Psicodrama e ter um currículo, uma proposta pedagógica de formação dos especialistas da Federação e não de um ou de outro. Quando surge essa federação, essa estória de ser o Psicodrama de alguém fica um pouco rompida. E é claro que surgem outras figuras que a gente brincava que eram os “bezerros de ouro”, “as vacas sagradas” (risos). Mas que estão sob uma Federação, em congressos, e tem que se submeter. (...) Se dois figurões racharam, cada um montava sua escola. Cada confusão, uma escola era montada. É até uma falta de criatividade ficar montando escolas.¹⁴

¹³ Agenor Moraes.

¹⁴ Bernadete Castro.

UT: As maiores divergências eram entre os discípulos (os liderados) e não entre os líderes.

US: É possível que se andem juntos no primeiro ano, por exemplo, no primeiro ano, e depois separados. É específico! Nós que trabalhamos em Psicodrama Pedagógico, trabalhamos com alunos. É uma grande diferença. Não estamos trabalhando com problemas psicológicos. Estamos trabalhando com problemas aplicados à aprendizagem no sentido amplo, ao trabalho em grupo em empresas, em fábricas, na comunidade, fábricas, na comunidade. (...) A produção intelectual sobre o Psicodrama Pedagógico que se encontra no Brasil, não existe na Argentina. A Argentina é tímida, insegura, para publicar. Trabalha-se muito, mas essa paixão espontânea... Na Argentina os grupos que trabalhavam com Psicodrama eram psicólogos que se especializaram e aceitaram perfeitamente que existia um outro grupo que queria fazer outra coisa. Não brigavam. Nunca houve problema nesse aspecto. No Brasil teve alguns problemas, muita briga. Os educadores sentiam-se constrangidos. Em seguida o clínico se separou em Psicodrama Clínico e Aplicado. Eu concordei com essa diferenciação.¹⁵

UT: As divergências entre os psicodramatistas pedagógicos e clínicos deixavam os primeiros constrangidos.

US: Em 1975 a Associação já existia. Participamos do Congresso Latinoamericano, na Argentina. Moreno veio e não gostou das mudanças no que ele tinha criado. E não voltou mais. O Bermudez era muito personalista. O Moreno e o Bermudez eram completamente distanciados. Nós estudávamos Moreno e Bermudez, mas as teorias... Porque o que era dito é que Moreno não dava um embasamento teórico científico. Ora, na parte de Psicologia Clínica o embasamento científico é muito difícil, muito mesmo, porque as pessoas são difíceis. Cada pessoa é uma pessoa. Se pegar Freud o embasamento científico de Freud não era aquelas coisas... Então ele não dava embasamento científico. Bermudez resolveu dar embasamento científico. Então começou a criar coisas e as coisas que ele criou foram boas e objetivas, porque o livro dele é objetivo. O do Moreno é mais generalidades. Então eles não podiam casar de jeito nenhum. Depois não sei o que aconteceu.¹⁶

UT: A primeira divergência da história do Psicodrama se dá quando Bermudez cria outra teoria fundamentada na teoria de Moreno. .

¹⁵ Elena Nosedá Bustos.

¹⁶ Inah Soares Moreira.

US: As divergências teóricas e pessoais parecem ser uma constante na história do Psicodrama. Quando Moreno conheceu o Bermudez, chegou a chamá-lo de “filho psicodramático”, para logo em seguida romperem definitivamente. No Brasil, o próprio Bermudez reexperienciou essa crise quando seus ego-auxiliares o abandonaram para fundar uma outra associação. O Soeiro, que era mais ligado ao Bermudez, tentou com toda a sua experiência realizar uma aproximação em Campinas com psicodramatistas formados pelos egos de Bermudez, e acabou enfrentando a situação de um rompimento que gerou o nascimento de três grupos na década de setenta: da ACPS, o GEPA e o IPPGC.¹⁷

UT: As entidades psicodramáticas de Campinas foram fruto de divergências.

US: O Valério criou um grupo onde ele fundou uma Associação com profissionais excelentes. Quando eu era membro da diretoria da ACPS, chegamos a ir até a clínica dele, porque a Inah dizia assim “eu acho que Campinas comporta uma associação e olha lá... e estamos com três associações!” Que seria a do Valério, a ACPS e o Instituto, tinha mais as associações independentes, por exemplo, o trabalho de Maria Alicia Romaña que vinha e dava cursos em Campinas; tinha a Selma Anselmo que também vinha e dava cursos aqui. E a Inah dizia: “Como é que pode isso? Não se sustenta”. Porque ela dizia que aqui em Campinas comportaria uma associação. E eram cinco ou seis grupos, três associações oficiais e as outras espalhadas. Para a Inah não tinha como se manter. Não tinha público para tudo isso. E a gente tem que lembrar que na década de 80 o Psicodrama tinha começado a dar as caras. Ainda tinha muita rejeição. Era uma época em que tinha acabado de chegar aqui em Campinas o Maurício Knobel, com toda aquela coisa forte, a Unicamp o acolhendo... Então o reduto dos psicanalistas se tornou preponderante. O interessante é que eu tinha feito parte do grupo de estudos do Dr. Roberto, fui monitora oficial de psicanálise, me submeti à psicanálise, ao mesmo tempo por exigência depois da formação do Psicodrama também me submeti ao trabalho psicoterapêutico e psicodramático. Eu transitava muito bem pelas duas. Eu ia muito a Belo Horizonte, fazia curso com Pierre. E o Pierre tinha, inclusive, um dos livros dele, “Psicodrama”, onde ele faz toda uma aproximação, os paralelos, o que é similar e o que é distinto entre o Psicodrama e Psicanálise, onde as coisas se mesclam assim muito tranqüilamente. E naquela época, era muito distinto o que é psicanálise e o que é Psicodrama. (...) Eu pensava: onde está esta incapacidade das pessoas se unirem? E isso foi durante um bom tempo. O Bermudez tinha muito isso distinto: Psicanálise e Psicodrama. Quem aproximou foi o Dalmiro Bustos. A associação seguia esse rumo. Quando o Bustos veio ao Brasil o povo ficou escandalizado e eu delirando. Que coisa maravilhosa, linda! Porque o Pierre, além falar da psicanálise como sendo uma coisa que não é era incompatível com o

¹⁷ Valério José Arantes.

Psicodrama, também falava de consciência cósmica. Então todo mundo olhava assim “onde está esse homem? Na estratosfera? Ou ele é muito inteligente ou nós somos burros ou então ele está delirando”. Era assim que falavam. A Inah chegou a falar isso para mim. Então o Pierre tinha uma discrepância muito grande do grupo, mas o Bustos não. E de repente o Bustos vem com aquela fluidez, com aquela afabilidade, outro papo muito distinto de Bermudez. Com todo respeito pelo Bermudez, mas é muito distinto, numa relação humana. É uma pessoa agradabilíssima, fazendo um trabalho lindo. Aí eu senti que os dois ganharam, tanto o Psicodrama quanto a psicanálise, porque o psicodramatista passou a respeitar mais a Psicanálise e o psicanalista passou a respeitar mais o Psicodrama. Então Bustos aqui em Campinas foi muito importante para o Estado de São Paulo, para o movimento psicodramático. Ele conseguiu fazer essa ponte. O Pierre estava em Belo Horizonte e acabava participando mais das reuniões da FEBRAP, mas ele tinha já um núcleo muito forte lá do Psicodrama Triádico. Então o pessoal aqui de São Paulo brigava e dizia que estava bom. Ele dizia que não ia tentar convencê-los. Já o Bustos não. Então foi uma coisa super importante. E a partir daí já não tinha mais a ACPS, tinha o Instituto de Psicodrama, as coisas continuaram acontecendo. Oficialmente ligado a FEBRAP só o Instituto. Tinha o grupo do Valério Arantes que acabou também se diluindo, a Maria Alicia Romaña se instalou definitivamente em São Paulo, onde as pessoas já iam para fazer grupo com ela, e as coisas mais ou menos se estabeleceram. De certa forma parece que era a idéia geral de todo mundo... Campinas só comporta uma associação. Eu não sei bem porquê. Eu acho que todas poderiam ter se dado forças, mas foi do jeito que tinha que ser. Mas o Instituto não é uma associação, ele não tem essa missão de associação. É diferente. (...) Hoje, se pensarmos na qualidade de profissionais que estiveram envolvidos com o Psicodrama aqui em Campinas, que foi uma das primeiras cidades a ter o Psicodrama no Brasil, se essas pessoas tivessem se unido quanto que o Psicodrama teria beneficiado, não só em termos de Psicodrama Terapêutico, mas Psicodrama Pedagógico também. Mas é a vida... Que pena! A história do Psicodrama foi construída em cima de cisões, de fragmentação. Quando o Pierre chegava lá e dizia assim “a fragmentação é a neurose do nosso tempo, é a doença do nosso século”. Nós temos que sair dessa visão separativista e trabalhar com a cooperação. E as pessoas diziam que ele era sonhador...¹⁸

UT: As divergências entre os psicodramatistas impediram que o Psicodrama fosse mais difundido.

¹⁸ Vera Saldanha Garcia.

Síntese Parcial

Ao observarmos os trechos das entrevistas pode-se notar que as divergências constantes tiveram grande influência, muito mais negativa, na divulgação e desenvolvimento do Psicodrama, contrariando as fundamentações teóricas de desenvolver o ser humano em relação com o outro, em trabalhos de grupos. Pode-se dizer que o desenvolvimento do Psicodrama poderia ter sido mais veloz e melhor difundido sem a influência dessas contradições que fizeram com que o Psicodrama fosse desacreditado em algumas vezes.

3. PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS

A educação não fica imune às novas condições sociais e vem passando por mudanças significativas nos últimos anos. O processo de globalização indica novas possibilidades de estar no mundo e para novas formas de ensinar e aprender.

As novas correntes de aprendizagem acentuam o fato de ser o indivíduo a construir o conhecimento. No entanto, tal fato não significa isolamento, nem individualismo. Atualmente acentua-se a necessidade de, em situação de aprendizagem, o aluno se relacionar com os outros. Mesmo em projetos de aprendizagem autônoma, o aluno tem de ser capaz de interagir com os outros.

Cabe ao educador o desafio de garantir o movimento, o fluxo de energia, a riqueza do processo. Isso significa a manutenção do diálogo permanente voltado para o " indivíduo coletivo", que reconhece a importância do outro, a existência de processos coletivos de construção do saber e a relevância de se criar ambientes de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento do conhecimento interdisciplinar, da intuição e da criatividade. As pessoas envolvidas são vista como um todo, constituídas de corpo, mente, sentimento e espírito.

Ao processo educativo corresponde a tarefa de fornecer a consciência da realidade de um mundo complexo, agitado, e, ao mesmo tempo, fornecer a bússola que permita navegar por ele. Neste início de século, a Unesco, através do relatório de Jacques Delors, recomenda a adoção dos quatro pilares para a educação que correspondem à quatro aprendizagens fundamentais:

— Aprender a conhecer: adquirir os instrumentos de compreensão para aprender a aprender e assim poder se beneficiar das oportunidades existentes.

— Aprender a fazer: para poder agir sobre o meio envolvente, com competências que torne uma pessoa mais apta a enfrentar numerosas situações e trabalhar em equipe.

— Aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com outros, em todas as atividades humanas; envolvendo a compreensão do outro, a percepção das diferenças e interdependências, convivendo na tolerância, com solidariedade.

— Aprender a ser, integrando as três precedentes, contribuindo para o desenvolvimento total da pessoa; corpo, mente e sensibilidade, sentido estético, responsabilidade e espiritualidade.

E é dessa maneira que o Psicodrama mantém sua relação com a educação. Desde seu nascimento, o Psicodrama foi uma atividade pedagógica. Esta disposição pedagógica é reconhecida pelos entrevistados e pode ser observada durante as entrevistas sua importância.

US: O Psicodrama é muito mais amplo do que no consultório, na área pedagógica. (...) Até que o Psicodrama, até um certo tempo atrás, era tachado como uma tecnicazinha, porque as pessoas achavam que era um teatrinho fazer Psicodrama. Hoje em dia o Brasil têm muitas publicações científicas, revistas científicas. Agora existe uma penetração, por exemplo, na universidade, do Psicodrama, nas faculdades de Psicologia, está se respeitando mais o Psicodrama,

nas universidades. Isso é muito bom porque tira aquele negócio de que o Psicodrama é uma brincadeira, é uma coisa divertidinha, é gozadinha, é uma tecnicazinha.¹⁹

UT: O Psicodrama é multidisciplinar e poder ser utilizado nos mais variados trabalhos de grupo.

US: A gente tenta corrigir, por 13 anos, que o Psicodrama é uma prática multidisciplinar, um trabalho com grupo. O nome da ciência seria Socionomia, a ciência das relações, a ciência do sócio. Atualmente, a gente já está chamando de Socio-Psicodrama, porque é mais amplo, fica entre a psicologia e a sociologia, mas com um instrumento próprio de trabalho. Chega no Brasil, em torno de 1964, através de uma categoria que eram os psiquiatras que trabalhavam com grupos nos hospitais. Uma divisão ficou no movimento entre os que trabalhavam na educação (os pedagogos) e os que eram da psiquiatria e psicologia. Ficaram chamando o Psicodrama Pedagógico e o Psicodrama Aplicado, que, para nós aqui do Instituto, é tudo bobagem. Psicodrama é Psicodrama, é o Sócio-Psicodrama, prático de trabalho com grupo adaptado ao contexto que cada um está. Para nós, aqui do Instituto, não existe Psicodrama Aplicado, nem Pedagógico, é um Psicodrama só.²⁰

UT: O desenvolvimento do Psicodrama tornou-o reconhecido como teoria científica.

US: Sou professora de Letras, toda minha atividade de 30 anos eu apliquei o Psicodrama no ensino da língua espanhola. Literatura, gramática, textos literários. Sempre diziam que a professora de Letras gostava de teatro. Então iniciamos. Eu morava na cidade universitária chamada La Plata, cidade como Campinas. Comecei a formação de professores em Psicodrama Pedagógico. Professores de línguas, de história, de geografia, de filosofia e também iniciei uma formação muito interessante e muito prolongada, em tempo, na cidade de Córdoba, é a segunda cidade do país e também uma cidade universitária também. Esta é a história do meu envolvimento com o Psicodrama Pedagógico na Argentina. (...) Quando o Psicodrama nasceu na Argentina foi o momento de maior criatividade e pensamento. Foram os anos 1964 a 1970, 1972. O Psicodrama Pedagógico nasce nesse momento de abertura da educação, num momento de formação histórica maravilhoso. (...)²¹

UT: A experiência na aplicação do Psicodrama Pedagógico no ensino de língua espanhola.

¹⁹ Agenor Moraes.

²⁰ Bernadete Castro.

²¹ Elena Nosedá Bustos.

US: A Associação Campineira de Psicodrama não tinha por intenção o Psicodrama Pedagógico. O Psicodrama Pedagógico existia mesmo em São Paulo. Eu acho que em São Paulo começou em 1970 o Psicodrama Pedagógico e lá se desenvolveu mais. Campinas fazia um pouco de pedagógico, mas não tinha grandes coisas. Agora, em São Paulo tinha a Associação Brasileira de Psicodrama que tinha Psicodrama Pedagógico, sempre baseado no Bermudez que é quem dá mais margem para o Psicodrama Pedagógico, porque trabalha principalmente com papéis. (...) De vez em quando eu ouço alguma coisa a respeito de professores utilizando o Psicodrama nos colégios, até estaduais. Tem colégios aplicando o Psicodrama, aqui e ali. Não que seja o grosso da aula. Também não deve ser o grosso porque, por exemplo, se eu for dar biologia é uma matéria que cai bem utilizando o Psicodrama Pedagógico. Não vou só dar isso, vou ilustrar alguma coisa que eu ensinar ou que vou ensinar, com o Psicodrama Pedagógico. E como os professores acham que podem muito bem dar aula sem precisar disso... Por que eles vão fazer uma especialização cara que tem que gastar tempo e dinheiro. Nas matérias de exatas o Psicodrama Pedagógico pode ser usado como, por exemplo, em matemática. Na matemática moderna é cheio de figuras e contornos. (...) Em São Paulo, lá pelos anos 70, então o Psicodrama Pedagógico fazia parte da Associação Brasileira de Psicodrama. Eram duas alas que caminhavam em paralelo. Os encontros eram juntos. Recebíamos alunos de Campinas. Antigamente tinha muito mais gente no pedagógico que no clínico. Porque no clínico só psicólogos e psiquiatras e no pedagógico tinha um leque maior. Numa das reuniões gerais com a diretoria, um dos psiquiatras disse assim “ah, não é possível porque o Psicodrama Pedagógico parece que dá cria, dá cria, e a gente sempre está por baixo” (risos). Foi engraçado, mas todo mundo deu risada da comparação, mas a comparação era correta. Realmente tinha muita gente no Psicodrama Pedagógico nessa época e relativamente pouco no Psicodrama Clínico. Aí começou haver um pouquinho de discussão porque na diretoria não deveria ter o mesmo direito de voto, então sempre vai ter uma diretoria do Pedagógico... Essas coisas assim... Mas conviveram muito bem. Nós tivemos muitos encontros, muitos mesmo.²²

UT: O Psicodrama Pedagógico é utilizado em colégios particulares e estaduais, em diferentes disciplinas.

US: É claro que a época no Brasil era uma época constrangedora em termos da situação do Estado. Abria a possibilidade de encontro de pessoas e de discussão que no geral não eram muito bem visto. Outros ambientes... Isso facilitou nesse sentido. Embora lamentável a situação, toda a situação que foge à situação

²² Inah Soares Moreira.

democrática é constrangedora. No sentido das pessoas se unirem, pensarem juntas. A ditadura foi uma coisa terrível! O que na época a pessoa participava do grupo tinha era que o ensino público praticamente acabou. Os educadores com iniciativas começaram a pensar a escola particular, a escola privada. Surgiram escolas como Castanho, por exemplo, as proprietárias foram alunas do curso que eu ministrava tanto do curso que Rojas ministrava, porque algumas eram psicólogas e faziam o Psicodrama Terapêutico. Acho que, posteriormente, muitas escolas. Outra foi o Vera Cruz, colégio importante, algumas dessas escolas se afastaram dessas idéias mais democráticas, revolucionárias. Tornaram-se escolas mais convencionais, com o passar do tempo, mas na época, elas implantaram o trabalho com o Psicodrama, com professores. A Escola Viva também, as diretoras foram minhas alunas. Isso em São Paulo. Agora, infelizmente, por exemplo, concomitante a isso, as escolas importantes públicas que tinham na Lapa, no Brooklin, chamadas as experimentais, colégios experimentais. Eram públicos e eram muito bons. Realmente foi uma reviravolta. Na minha opinião, a escola pública nunca se recuperou. Como também não se recuperou na Argentina depois do último processo dos militares. Não se recuperou. Eu acho que o sucateamento que se faz para o ensino da educação é irreversível. Teria que parar tudo e reorganizar tudo outra vez e isso não é possível. (...) Atualmente não é só educador que utiliza o Psicodrama Pedagógico. Essa é uma diferença. Atualmente são pessoas que trabalham em empresas, ou seja, diversas organizações, empresas mesmo, em Recursos Humanos, treinamento e seleção, acompanhamento, recrutamento. E nas Organizações Não Governamentais tem muita aplicação. Na minha linha de trabalho, que eu tenho mostrado como aplicabilidade, é muito apropriado para o trabalho nas Organizações Não Governamentais. É uma população imprevisível e o método psicodramático é uma metodologia aberta, é uma metodologia flexível, é uma metodologia que respeita e acolhe a pessoa como ela é, no ponto em que esteja. É uma metodologia apropriada para este tipo de trabalho. (...) A área de educação, atualmente, é mais ampla. Quando comecei, nos anos 60, a idéia de educação era restrita à escola. Mas é uma coisa muito ampla, muito vasta e a gente tem que acompanhar os tempos. Por exemplo, tenho aqui “Protagonismo social e juvenil, sonho ou utopia? Contribuição da prática moreniana na construção com adolescentes de valores ligados à sexualidade e cidadania”. É o trabalho de uma ONG. É educação, mas não é aquela coisa de conteúdos, currículos, necessariamente. Esse aqui, por exemplo, “Ensina uma experiência de orientação vocacional psicodramática”. São 10 encontros para fazer uma iniciação na orientação vocacional. Também é uma técnica muito apropriada porquanto joga com fantasia e realidade, permite que o adolescente pense na fantasia e descubra a realidade, sem se sentir tolhido por não ter fantasiado ou culpado por fantasiar ou ficar naquele mundo de fantasia. Esse aqui, por exemplo, “Jogos dramáticos: uma técnica para seleção de pessoal nas organizações”. Este é de Recursos Humanos. Não é escola propriamente. ²³

²³ Maria Alicia Romaña.

UT: A teoria do Psicodrama Pedagógico é ampla e pode ser utilizada em diversas áreas.

US: Quando aplicamos o Psicodrama na área educacional, devemos ter o cuidado de evitar um aprofundamento em problemas pessoais, em detrimento do coletivo. Porque nosso objetivo principal reside na aprendizagem de determinados conteúdos e não em fazer psicoterapia.²⁴

UT: O Psicodrama Pedagógico não é fazer psicoterapia.

US: Realmente havia uma alquimia, uma transmutação muito forte quando você está vivenciando essa realidade suplementar, quando está nesse “como se”. Você consegue trazer à tona uma dimensão do ser humano que muitas vezes fica inibida, amortecida. E aí a grande importância do trabalho do Moreno também na educação, porque os nossos alunos são muitas vezes tolhidos na sua espontaneidade e com isso a aprendizagem fica comprometida. Esse foi um dos motivos pelos quais a ACPS, quando eu entrei na gestão como presidente e depois fazendo parte também representando a ACPS na Federação Brasileira de Psicodrama, reivindicou que o Psicodrama pudesse ser também ensinado para os educadores e que a gente pudesse ter na sua forma proposta pela Zerka Moreno, o Psicodrama Aplicado ou Psicodrama Pedagógico e o Psicodrama Terapêutico. E esse foi, vamos dizer, um dos grandes desafios que a ACPS enfrentou. (...) O que nós fizemos na ACPS? Nós colocamos um currículo onde o Psicodrama Clínico teria um determinado currículo e o Psicodrama Aplicado onde teria outro currículo. Esse Psicodrama seria aberto tanto para fonoaudiólogo, para pedagogo, para professores, e eles poderiam estar aplicando no tratamento de distúrbio de aprendizagem e poderiam estar aplicando também dentro da sala de aula. Se o professor puder usar o recurso psicodramático, ele vai conseguir uma relação melhor com seus alunos, vai conseguir um nível de aprendizagem, de criatividade, de espontaneidade, otimizado, muito mais adequado. E essa foi a nossa batalha na década de 80, no início, 82, 83, quando então nós assumimos essa frente. A partir do momento que nós assumimos que estávamos fazendo isso, tivemos muitas oposições, sim, e no caso, até diria que eu e a Inah Soares Moreira, por termos formação em psicologia, um pouco menos, mas a pedagoga que nós havíamos convidado porque achamos que era uma pessoa que tinha uma formação muito boa com Pierre, tinha formação em pedagogia, em psicopedagogia, tinha formação com Maria Alicia Romana, já fazia esse trabalho desde 1978, seria a pessoa indicada para estar na nossa Associação. Era a Celi

²⁴ Valério José Arantes.

Wagner. Ela teve oposições seriíssimas. Pegavam pesado com ela nas reuniões da FEBRAP.²⁵

UT: O Psicodrama desenvolve a espontaneidade dos alunos.

Síntese Parcial

O Psicodrama Pedagógico é eficaz não somente na aprendizagem em sala de aula, mas em todos tipos de aprendizagem com trabalho de grupos. Por isso que nesse início de século o Psicodrama venha de encontro às necessidades humanas de que a aprendizagem não é apenas para o cognitivo, mas além, é a aprendizagem de um todo, da capacidade do ser humano de se relacionar em sociedade.

Síntese Geral das Categorias

Nota-se que em primeiro lugar não se dá a credibilidade merecida ao Psicodrama, mas que após suas experiências, as pessoas se apaixonam e decidem se aprofundar no tema para desenvolver não somente a si, mas aos outros.

Embora as contradições tenham afetado negativamente a expansão do Psicodrama, a necessidade, nesse começo de século, de uma metodologia que desenvolva o ser humano como um todo leva o Psicodrama a ter sua eficácia reconhecida.

Como a educação tem se transformado, a eficácia do Psicodrama Pedagógico demonstra que é uma das metodologias que fará a diferença nesse início de século.

²⁵ Vera Saldanha Garcia.

4. EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS PESSOAIS

Cursei a disciplina Técnicas de Relaxamento e Jogos Dramáticos na pós-graduação, onde conheci pela primeira vez o Psicodrama. Havia lido pouca coisa a esse respeito, mas no pouco que havia lido, os resultados eram interessantes e os autores simplesmente eram apaixonados pelo tema e sua utilização, por isso, minha expectativa tornou-se grande.

No primeiro dia de aula, logo no início, o professor Valério criou um clima de mistério. Quem quisesse cursar realmente a disciplina deveria colocar o nome de duas pessoas que gostaria que cursassem juntamente comigo, em ordem de importância. Para quem nunca havia participado de coisa semelhante, ficou um clima de mistério no ar. Isso era geral com meus colegas também, o que descobri depois. Mais tarde, durante o semestre, fiquei conhecendo o Teste Sociométrico e acabei entendendo o porquê de tanto mistério. Isso tudo despertou em mim o sentimento de expectativa, do tipo “o que será que vai acontecer depois”. E o engraçado é que durante o semestre todo foi esse clima.

O professor, depois das devidas apresentações, começou a explicar o motivo de ter aplicado Teste Sociométrico, era para saber se todos seriam aceitos naquele meio. O teste mede o nível de aceitação e vínculos. Foi bem divertido saber quem havia me escolhido... Assim foi nosso início de curso.

Em seguida, começamos a aprender um pouco mais sobre o Psicodrama, a teoria, sua história, seu criador. O mais importante era que quando chegávamos ao final da aula, o sentimento era de “já acabou?”. As horas “voavam” e quando a gente faz o que gosta elas voam muito mais rápido.

Mesmo quando tínhamos seminários para apresentar, não sabíamos como os colegas iriam trabalhar. Sempre era uma relação de grupo. Não ficávamos parados,

como expectadores, éramos parte da apresentação também. Tudo na hora, sem ensaios, sem falas prontas. Além de nos deixar soltos e leves, era muito divertido.

Como disse anteriormente, o essencial era a espontaneidade e o fator surpresa. Chegávamos na sala, mesmo nas aulas de conteúdo teórico, e ficávamos à espera do que iria acontecer. Havia aulas em que o conteúdo era somente teórico, e às vezes exaustivo. Havia dias em que começávamos já praticar o psicodrama logo no início da aula. Havia dias em que entrávamos na teoria e, em seguida, na prática psicodramática.

A primeira brincadeira que tivemos me fez perceber como minha criatividade estava reprimida e permitiu ao professor observar o nível de espontaneidade e criatividade da turma. O professor deixava o aluno à vontade para que partisse dele a iniciativa de participar. A brincadeira consistia em que o aluno sentasse em uma cadeira no meio da turma. Em seguida, o professor pedia que o aluno fechasse os olhos e neste instante colocava um objeto em nossas mãos para que assim que abríssimos os olhos, contássemos uma estória. O engraçado é que, com exceção de uma colega, todos falaram acerca do objeto, descrevendo sua utilidade e suas características. Totalmente sem criatividade. Apenas uma colega, diferenciando-se dos outros colegas, contou uma estória sobre uma menina que apenas utilizava aquele objeto. Naquele momento a turma percebeu a diferença entre as narrativas. Percebemos como nossa criatividade estava tolhida. Foi o primeiro despertar.

Lembro da primeira vez que participei do Teatro da Espontaneidade, quando ele saltou das páginas da teoria e se tornou em ação para mim. Um dia de aula comum, sem que ninguém suspeitasse, o professor nos pediu para que nos dividíssemos em dois grupos (não me lembro exatamente qual foi o critério para a divisão). Para cada grupo foi entregue o mesmo tema, ao mesmo tempo, para ser desenvolvido. É claro que cada grupo não sabia que a missão era a mesma e não

sabia também como seria a interpretação do outro. O desafio era, depois da apresentação, traduzir o que foi interpretado. O tema era “um ritual de passagem”.

Eu e os meus colegas de grupo, quase que ao mesmo tempo, pensamos no casamento como um ritual de passagem que transforma a vida de uma pessoa. Chegamos a conclusão de que representaríamos um casamento alegre. Nesse momento começou uma sensação de excitação, que era notadamente geral nos dois grupos. Foi muito divertido porque não tínhamos tempo de sequer pensar no que dizer. Era tudo ali no momento, no agora, sem tempo para nada, sem ensaios, sem falas previamente escritas, sem enredos.

O nosso casamento deveria ter os noivos, os pais da noiva e do noivo, um padre, como um ritual de casamento padrão, vamos dizer assim. Só tivemos tempo para pensar isso. Logo o professor nos pediu para começar a nossa encenação. Foi bárbaro porque, como disse anteriormente, não tínhamos nada preparado. A noiva foi levada ao altar e o padre que estava sonolento começa a cerimônia. A cerimônia estava indo muito bem até que o padre faz a pergunta crucial: “tem alguém que possa impedir este casamento?”. O inesperado acontece. O amante do noivo manifesta-se impedindo o casamento, isso leva a mãe da noiva a desmaiar. Tudo isso sem ninguém ensaiar, em poucos minutos, numa sincronia quase que perfeita.

A idéia de um “ritual de passagem” para o outro grupo foi um tanto triste e diferente do nosso. Eles representaram a morte de uma pessoa e seu renascimento depois dela. O mesmo tempo que tivemos para organizar nosso grupo foi o tempo que eles tiveram. Embora tenha sido mais profundo que o nosso tema, ambos traduziram o clima do grupo que era de renascimento para uma vida nova.

Outro momento gratificante foi a brincadeira com os fantoches. Cada colega de turma deveria escolher entre os bonecos que o professor trouxe e contar uma estória sobre ele, de imediato, sem ensaios. Nestes instantes nos surpreendemos com a nossa atitude diante do fator surpresa. No meu caso, no primeiro momento, fiquei

sem fala, depois o cérebro respondeu mais rápido e o objetivo foi alcançado. contei a estória de um coelho alegre.

Outro momento que foi marcante aconteceu na “Viagem Mágica”, com o “Velho Hippie”. Como das outras vezes, ninguém suspeitava o que poderia acontecer. Sentamos ao som de uma música relaxante e foi nos pedido que olhássemos para dentro de nós, sem pensar em nada. Após alguns minutos, o professor completamente transformado no “Velho Hippie” nos diz para escrever em um pedaço de papel o que queríamos para nós. O meu pensamento, neste momento, foi no âmbito da educação. O que eu, como professora, gostaria de ter dentro de uma sala de aula? Como eu gostaria que meus alunos me vissem? Olhei para dentro de mim, como o “Velho Hippie” nos orientou... Assim como meus colegas, descobri o que queria.

Depois disso tudo, eu e meus colegas escrevemos nossos pedidos em um pequeno papel e colocamos dentro do saco de pano do “Velho Hippie”. Como disse anteriormente, o mistério e o fator surpresa são constantes dentro dos Jogos Dramáticos. E aguardamos o que iria acontecer. Aquela figura que não se parecia em nada com nosso professor, já estava se tornando nosso amigo e logo mais nosso conselheiro. Ficamos, mais alguns instantes, em silêncio, apenas observando nosso amigo a embaralhar os pedidos e pegar um aleatoriamente. Ele nos disse que iria pegar um dos papéis, que não estavam identificados, e que o autor deveria explicar o motivo do pedido.

O primeiro papel que foi sorteado era de uma colega que tinha uma dúvida comum à maioria das pessoas: como ela poderia ser feliz? Ela buscou dentro dela a resposta e chegou a conclusão de que já sabia como ser feliz. Isso a levou a um choro com um misto de alívio e alegria.

Em seguida, o “Velho Hippie” nos pediu para fecharmos os olhos e olharmos novamente para dentro de nós para encontrar a resposta da pergunta que criamos.

Ali encontraríamos a resposta, dentro de nós. É fascinante observar que mesmo meio cética, em princípio, encontrei a resposta que queria. Isso me ensinou que muitas vezes sabemos onde estão as respostas, mas não queremos encontrá-las.

Tínhamos nessa turma como colegas, mãe e filha estudando juntas. O pedido da filha foi que a mãe voltasse a ser alegre e sorrisse como antigamente, como a lembrança que a filha tinha da mãe. Isso comoveu a turma e muito mais a mãe que não tinha mais noção de que havia perdido a alegria. A mãe, através do pedido da filha, despertou da tristeza que a estava envolvendo e pôde exteriorizar os anos de tristeza para nós todos. O “Velho Hippie” então pediu que todos os colegas sugerissem para essa mãe o que poderia trazer a alegria de volta. Obedecendo ao “Velho Hippie”, todos nós deixamos nossa colaboração para essa colega e todos crescemos naquele momento. Não somente a mãe e a filha, mas como seres humanos crescemos. O sentimento geral era de não deixar a alegria ir embora. Foi uma experiência marcante para todos nós. Foi um momento mágico. Ali pudemos perceber que os vínculos foram sendo trançados, laços de amizade e de empatia aconteceram.

Após essa relação de empatia com nossas colegas, o “Velho Hippie” foi embora satisfeito por ter mudado a vida daquelas pessoas, daquela turma. Nesse instante, volta o professor e pede para que todos contem seus pedidos e motivos. Mais uma vez, os pedidos dos meus colegas se tornaram os meus. Descobri que as minhas carências, enquanto professora, eram as mesmas deles. Foi gratificante e enriquecedor essa experiência. Fomos transformados em outras pessoas a partir daquele momento.

CAPÍTULO 4:

A HISTÓRIA DO PSICODRAMA EM CAMPINAS: DAS FONTES PRIMÁRIAS ÀS PERSPECTIVAS CLÍNICAS, SOCIAIS E EDUCACIONAIS

Atualmente, o Brasil é o país que tem o maior número de Psicodramatistas do mundo. Ultrapassa os países europeus, a América do Norte e a Argentina. A história do Psicodrama no Brasil foi construída em cima de divisões, de fragmentação, de desencontros. E Campinas tem um papel muito importante dentro dessa história.

Campinas foi uma das primeiras cidades em que o Psicodrama chegou. É importante notar que as divergências que fazem parte da história do Psicodrama também aconteceram em Campinas. Enquanto cidade do interior Campinas tinha três grupos que, embora importantes, poderiam ter se unidos e permitido que o Psicodrama fosse mais difundido, desenvolvido e divulgado.

Perspectivas clínicas

Quando chega ao Brasil, em plena ditadura militar, no ano de 1964, o Psicodrama representa a possibilidade de ruptura com a rigidez imposta pelo governo em todos os âmbitos sociais. Por tratar-se de um instrumento de trabalho em grupo, o Psicodrama transforma a sociedade que incentiva o aspecto individual das pessoas para incentivar as relações de grupo, desenvolvendo o ser humano.

O encontro entre psicodramatistas, no Museu de Arte Moderna, em 1970, consolida o Psicodrama. É a partir desse evento que os grupos de estudos se formam e constituem Associações que divulgaram e desenvolveram o Psicodrama em todo o Brasil. Em Campinas não foi diferente.

A fundação da Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama (ACPS) aconteceu em 10 de março de 1975, o grupo era liderado pelo médico psiquiatra dr. Alfredo Correia Soeiro e teve como co-fundador o Bermudez. Em 1976, o Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas era fundado por um grupo de estudos liderado pelo dr. José Carlos Landini que, além de médico psiquiatra, era professor na PUC Campinas.

Jornal da região de Campinas noticiando a chegada do Psicodrama na cidade:

INOVAÇÃO

ESCOLA PARA FORMAÇÃO DE PSICODRAMATISTAS

Um grupo de Psicólogos e Psiquiatras do qual participou Vera Lucia Pessagno e o Dr. Joel Salles Giglio reuniu-se, há pouco, para instalar em Campinas uma sociedade com o objetivo de formarem Psico-Dramatistas cuja atuação no campo da Psicologia é das mais efetivas principalmente em Campinas, onde o campo do trabalho é dos mais propícios para o desenvolvimento do estudo do Psicodrama.

O PSICODRAMA

O Psicodrama, segundo Vera Pessagno, trata-se de uma técnica psicoterápica com raízes no teatro, na Psicologia e na Sociologia. É, em princípio, um procedimento de ação e interação cujo núcleo é a dramatização. A atuação do psicodramatista é direta, isto é, o processo terapêutico realiza-se no "aqui e agora" com todos os elementos emocionais constitutivos da situação patológica que se expressam através dos personagens e circunstâncias con- correntes na dramatização, com isto podemos dizer que atuamos "in-vivo" analisando a situação presente.

Segundo Moreno, psicodrama é a ciência que explora a verdade com métodos dramáticos. Diferentemente das psicoterapias puramente verbais, o Psicodrama faz intervir matematicamente a forma em suas



Dr. Joel Salles Giglio e a Psicóloga Vera Lucia Pessagno

gem. Para tanto é preciso que a pessoa esteja preparada para se adaptar adequadamente às diferentes situações vivenciais. O Psicodrama é indicado desde os casos de desadaptação até as psicoses mais graves neste caso nos hospitais, usando títeres por exemplo, o resultado é excelente com pacientes crônicos.

casal de noivos para o casamento, ou seja, a escolha e compra do enxoval, dos móveis, a decoração da casa, etc. Enquanto isso se processa eles centralizam suas atenções para o casamento. Ninguém ignora que este preparativo evolui em meio de tensões e alegrias, sonhos e fantasias.

O ritual do casamento se-

que neste processo inter- vem outros fatores, como a própria natureza sócio-cul- tural da doença mental, que possibilita ao indivíduo um afastamento da realidade objetiva através da exacer- bação de um ou mais de seus "mecanismos de defen- sa" psicológicos. Voltando aos métodos de tratamento, incluem-se entre os psico- analíticas as discussões de

16 - CORREIO POPULAR

Domingo, 16 de março de 1975.

Perspectivas Sociais

A Associação Campineira de Psicodrama (ACPS) representou um papel muito importante dentro da Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP). Desde sua fundação, a FEBRAP somente aceitava como credenciada entidades que tivessem como sócio psicodramatistas clínicos, ou seja, psicólogos ou psiquiatras. Para mudar isso, a ACPS, através da diretoria da época, reivindicou que o Psicodrama pudesse ser também ensinado aos educadores, da forma que propunha Zerka Moreno, o Psicodrama Pedagógico. Isso foi um dos desafios que a ACPS enfrentou. Mesmo sem a permissão da FEBRAP, a diretoria da ACPS decidiu a ensinar o Psicodrama Pedagógico.

Para se ter uma noção da difícil decisão que a ACPS tomou basta observar que somente a FEBRAP é que fornecia o reconhecimento oficial. Isto significava que a entidade tinha quatro ou cinco anos de atividade (exigida pela FEBRAP), pois para ter o credenciamento era necessário fazer trabalhos, aprofundar no Psicodrama. Por isso, a ACPS não queria perder o reconhecimento de ser filiada à FEBRAP, mas também não queria deixar de lado os educadores e profissionais que queriam utilizar o Psicodrama Pedagógico, ou melhor dizendo, que os educadores pudessem participar do movimento psicodramático. Basicamente, a ACPS defendia que se a técnica é psicodramática, é um elemento chave para favorecer a espontaneidade e a criatividade dentro da educação.

Pode-se observar que após a permissão da FEBRAP para se utilizar o Psicodrama Pedagógico houve uma divulgação e desenvolvimento muito rico nessa área. Houve incentivo, inclusive, no meio acadêmico, que gerou a entrada do Psicodrama Pedagógico na universidade. Em princípio é recebido com desconfianças, mas após os resultados concretos, atualmente, o Psicodrama Pedagógico é reconhecido como uma metodologia útil em qualquer tipo de ensino.

A história do Psicodrama é uma história de contradições e divergências teóricas e pessoais. Ao mesmo tempo em que pretende resgatar os elementos humanizadores das pessoas e privilegiar as relações em grupo, trouxe sérias divergências que perturbaram sua história. Como exemplo, na entrevista de Valério Arantes há um fato relatado que ilustra isso muito bem. Quando Moreno conheceu o Bermudez tiveram afinidades e chegou a chamá-lo de “filho psicodramático”. Logo após, romperam definitivamente. O interessante é que isso foi acontecendo em todas as entidades representativas do Psicodrama. No início há uma grande afinidade para logo depois rompimentos.

É por isso que, mesmo com desafios e vitórias, as diretorias da ACPS também tiveram divergências. Dessa cisão nasceram o Instituto de Psicodrama de Campinas e o Grupo de Estudos Aplicados (GEPA). O dr. Landini foi convidado para fazer parte da ACPS e algumas pessoas não gostaram por assumir um papel de destaque e então o grupo acabou se dividindo. Após essa divisão, o dr. Landini fundou o Instituto de Psicodrama de Campinas e o psicólogo Valério Arantes, juntamente com outras pessoas, fundou o Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado (GEPA), com a intenção de conseguir chegar a montar uma associação sem fins lucrativos que atendesse pessoas carentes. A ACPS continuou existir. Em um mesmo período ficaram três entidades representativas do Psicodrama em Campinas.

Outro grande fato importante que demonstra a importância da cidade de Campinas no processo de desenvolvimento e divulgação do Psicodrama foi a participação do Instituto de Campinas na fundação da Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP).

Houve uma tentativa de integrar a ACPS, credenciada pela FEBRAP, com o GEPA, que não era credenciado. As pessoas ligadas ao GEPA optaram por ficarem desvinculadas à FEBRAP.

Perspectivas educacionais

Embora tenha toda essa importância, os psicodramatistas campineiros envolvidos nas entidades que os representavam tiveram grandes dificuldades. Para se ter noção, quando foram fundadas existiam poucas publicações no Brasil, sendo a principal o livro de Moreno, “Psicodrama”. Atualmente, há excelentes trabalhos e publicações psicodramáticas. Quando se começou a ter acesso aos livros, começou-se a divulgar mais o Psicodrama. Havia também a preocupação com o aspecto científico, publicações científicas. A crítica era a de os livros de Moreno não eram publicados no Brasil. Por isso, as entidades tinham essa preocupação na época, com a falta de publicações científicas, que levava as universidades a não enxergar o Psicodrama com seriedade. As produções existentes sobre o Psicodrama Pedagógico acabavam ficando restritas porque eram pouco divulgadas.

Em Campinas, o Psicodrama Pedagógico entrou na universidade com os alunos de Pedagogia. O professor da Unicamp, Valério Arantes, começou a aplicar o Psicodrama Pedagógico em sala de aula, na Unicamp, a partir de 1976. Como o curso era extenso e não era possível desenvolver a teoria e prática do curso de Psicodrama Pedagógico em uma única disciplina, foi dividido em duas (Psicodrama Pedagógico e Jogos Dramáticos na Pré-Escola)²⁶. Além de ser ensinado no curso de Pedagogia, o Psicodrama começou a ser trabalhado na pós-graduação, na disciplina de Técnicas de Relaxamento e Jogos Dramáticos, através dos Jogos e Relaxamento com a fundamentação no Psicodrama, com incentivo à pesquisa. Para os que desacreditavam do Psicodrama no meio acadêmico e científico é uma grande conquista e demonstra o crescimento da utilização do Psicodrama.

Atualmente, o Psicodrama Pedagógico é utilizado em todos os contextos da área educacional. A educação não pára de se transformar. Com o início do século XXI, com a informática tomando conta de tudo, o pensamento também é complexo.

²⁶ Disciplinas encerradas em 2003, com a criação da disciplina Psicodrama na Educação, implantadas no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp.

O pensar das próximas gerações será diferente e, por isso, o Psicodrama Pedagógico vem em resposta à essa diversidade e complexidade. Já não é tão importante aprender somente na sala de aula. Há outras formas de se aprender. É essa proposta que faz do Psicodrama Pedagógico a metodologia ideal para este novo século. As metodologias tradicionais não trabalham com o ser humano de forma inteira e, por isso, já não são suficientes no ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Psicodrama envolve as pessoas através das experiências vivenciadas. Os psicodramatistas são profissionais de diferentes áreas: médicos, psicólogos, pedagogos, profissionais de recursos humanos, assistentes sociais, enfermeiros, pessoas que trabalham com grupos.

Os educadores e teóricos da educação têm buscado por metodologias que melhorem o processo de aprendizagem, que possam despertar o desejo de aprender, que possam tornar o processo educativo mais atraente, mais dinâmico.

É nesse contexto educacional que surge o Psicodrama Pedagógico como uma alternativa para a melhoria do desenvolvimento humano, tanto do processo educacional como do aluno.

Por tratar-se de um recurso a ser utilizado em qualquer tipo de grupo, o Psicodrama Pedagógico é uma alternativa para essa educação globalizadora nesse início de século quando tudo é rápido e urgente, onde pessoas sofrem de estresse e depressão, onde o diálogo direto entre educador-educando vem sendo substituído pelo virtual na questionada educação à distância.

O Psicodrama vem expandindo fronteiras. Embora sendo pouco divulgado dentro das áreas educacionais, o Psicodrama Pedagógico entra na universidade, nos centros de pesquisas, no jardim de infância, enfim, em todas as áreas educacionais.

Por meio do Projeto “Memória do Psicodrama”, coordenado por Carlos Borba, a Febrap entrevistou alguns psicodramatistas envolvidos no processo de

implantação do Psicodrama no Brasil, com o objetivo de resgatar a história do Psicodrama e demonstrar sua importância para a sociedade brasileira.

Na universidade integra currículos de cursos de Psicologia, Medicina e Educação, além de ser ministrado em cursos de pós-graduação. De acordo com informação da FEBRAP, atualmente, há uma produção científica expressiva, estimulando a reflexão sobre a teoria e a prática e as possibilidades do Psicodrama.

Em trabalho social com presidiários, o Psicodrama tem sido utilizado com o objetivo de ressocializar o preso, resgatando seu eu como pessoa. Além disso, o trabalho psicodramático tem auxiliado as mães dos presidiários a superar a dor da diferença e superar o preconceito, afastando a depressão. Tem-se utilizado também o Psicodrama no campo da violência doméstica, auxiliando as vítimas para que não ampliem a agressão no futuro, como sempre acontece.

Na área da pesquisa, a metodologia psicodramática tem manifestado resultados satisfatórios. Os resultados tendem a demonstrar de maneira mais profunda a realidade a ser pesquisada.

A prevenção de doenças sexuais transmissíveis e da Aids com os indígenas, em suas aldeias, também vem sendo trabalhada com o Psicodrama, por meio dos líderes naturais das aldeias que se tornam agentes capazes de transformação da vida indígena promovida pela dramatização de cenas familiares cotidianas.

Na área da saúde, há inúmeras aplicações do Psicodrama. Têm-se desenvolvido oficinas de estresse, DORT/LER (lesões decorrentes do trabalho), que procuram sensibilizar o grupo quanto às causas, possibilidade de prevenção e tratamento, despertando a criatividade. Com os trabalhos psicodramáticos, há também oficinas de transtornos alimentares que permite a organização do ponto de conexão entre a desordem de origem alimentar e suas verdadeiras causas. O Psicodrama também tem sido aplicado em comunidades carentes nos centros de

recuperação de crianças desnutridas. Em consequência, o número de crianças desnutridas caiu drasticamente e o centro adotou o perfil de creche.

Na área empresarial, o Psicodrama tem sido utilizado como coadjuvante em processos de seleção, através de técnicas como o role-playing (jogo de papéis). Além disso, também tem-se destacado quando o objetivo é melhorar a relação de equipes, proporcionando melhorias no ambiente de trabalho, fazendo emergir situações conflitantes e possíveis soluções.

A atitude da prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, logo no início de mandato, popularizou o Psicodrama. Levando às ruas o projeto Ética e Cidadania, através da utilização do psicodrama, com a participação de 233 psicodramatistas voluntários, equipes com três ou quatro profissionais ficaram em cerca de 100 pontos da cidade discutindo com os moradores o tema ética e cidadania. Entre os locais foram escolhidos escolas, bibliotecas, locais públicos como as praças 13 de Maio e da Sé, Pátio do Colégio e Parque do Ibirapuera.

O programa Comunidade Solidária, coordenado pela socióloga Ruth Cardoso, utilizou o Psicodrama com adolescentes de comunidades pobres do Nordeste para disseminar noções de sexo seguro e prevenir a Aids e a gravidez precoce. No Estado de São Paulo, o governo tem usado a técnica psicodramática para formar ouvidores públicos, funcionários da Receita e de outras áreas administrativas.

Um grupo da Faculdade de Educação da USP está tentando levar o psicodrama para a televisão, com o nome de telepsicodrama. Em associação com especialistas em comunicação, da Faculdade Cásper Líbero, a equipe da USP está produzindo um programa-piloto de educação sexual.

Por tudo isso, o Psicodrama tem demonstrado que suas inúmeras aplicações nos surpreende com a diversidade de experiências psicossociais em desenvolvimento. Da mesma forma, a produção científica tem procurado aprofundar as

questões provocadas por esta prática renovada. E é o objetivo desse trabalho, demonstrar que o Psicodrama Pedagógico passou no vestibular, se graduou e agora vai ser doutor...

Ao concluir esta dissertação, observo que as divergências pessoais e teóricas foram um dos fatores que impediram o reconhecimento de Campinas como fator importante na construção da história do Psicodrama no Brasil. As informações coletadas por meio das entrevistas demonstram que o futuro do Psicodrama é promissor, cheio de esperanças de que as divergências ficaram no passado e que para o futuro, podemos sonhar com a utilização das técnicas psicodramáticas enriquecendo e desenvolvendo o ser humano plenamente.



**Última turma da disciplina “Psicodrama Pedagógico”
na Faculdade de Educação da Unicamp, em 2001.**

BIBLIOGRAFIA

ADLER, A. *A ciência da natureza humana*. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 6 a . ed. São Paulo, Nacional, 1967.

ALMEIDA, W. C. *O que é Psicodrama*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. *Formas do encontro: psicoterapia aberta*. São Paulo: Agora, 1988.

ALMEIDA, W. C. e GONÇALVES, C.S. e WOLFF, J. R. *Lições de Psicodrama – introdução ao pensamento de J. L. Moreno*. São Paulo: Agora.

AMADO, J. e FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

ARANTES, V. J. *Psicodrama e orientação profissional*. Campinas, SP. Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, 2002. Tese de Livre Docência.

_____. *Ação psicodramática em sala de aula*. Campinas, SP. Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação, 1993. Tese de Doutorado.

_____. e DUARTE, J. F. *A importância do corpo na educação*. In: Boletim nº 47 da Sociedade Pestalozzi do Brasil, São Paulo, 1977.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, C. S. G. *Pontos de Psicologia Geral*. Editora Ática: São Paulo, 1998.

BRANDAO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BUSTOS, D. M. *O Psicodrama: aplicações da técnica psicodramática*. São Paulo: Summus, 1982.

_____. *O Teste Sociométrico: fundamento, técnicas e aplicação*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

COIMBRA, C. *Guardiães da ordem: uma viagem pelas práticas Psi no Brasil do milagre*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

- COSTA, R. P. *A chegada do Psicodrama no Brasil, sua história de 1960 a 1970 in* Revista Brasileira de Psicodrama. São Paulo: Federação Brasileira de Psicodrama, Vol. 9, número 2, ano 2001.
- CUNHA, L. A. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.
- _____ e GOES, M. *O golpe na educação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- CUSCHNIR, L. J. L. *Moreno – Autobiografia*. São Paulo: Saraiva, 1996.
- DELORS, J. *Educação Um Tesouro a Descobrir: Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1999.
- DIAS, V. R. C. S. *Psicodrama: teoria e prática*. São Paulo: Agora, 1987.
- DINIZ, G. J. R. *Psicodrama: amplitudes e novas aplicações*. São Paulo: Robe Editorial, 2001.
- _____, G. J. R. *Psicodrama e teatro/educação – seu valor psicopedagógico*. São Paulo: Ícone, 1995.
- FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 1998.
- FAZENDA, I. (org) *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1994.
- FERREIRA, W. B. *Psicodrama e educação – uma proposta educacional para o redimensionamento das relações humanas*. Campinas, SP. Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, 1993. Dissertação de Mestrado.
- FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- FLOREZ, J. E. R. *O Psicodrama Pedagógico no Brasil: antecedentes, realidades, experiências*. São Paulo. Universidade de São Paulo - Faculdade de Educação, 1986. Dissertação de Mestrado.

- FONSECA FILHO, J. S. *Os papéis de colonizado e colonizador. Por uma identidade do Psicodrama Brasileiro*. Revista Brasileira de Psicodrama, vol. 7, nº 1.
- GERMANO, J. W. *Estado Militar e educação no Brasil (1964-1985)*. São Paulo: Editora Cortez, 1993.
- GONÇALVES, C. S.; WOLF, J. R.; ALMEIDA, W. C. *Lições do Psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno*. Editora Agora, São Paulo: 1988.
- HOBBSBAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HORNEY, K. *A personalidade neurótica de nosso tempo*. Trad. Octávio Alves Velho. 7 a .ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira , 1974.
- KAUFMAN, A. *Teatro Pedagógico*. São Paulo: Agora, 1992.
- _____. *Técnicas fundamentais do Psicodrama*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- LIMA, L. A. *Psicodrama e dinâmica de grupo: re-criando possibilidades para o ensino de Psicologia na universidade*. Campinas, SP. Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, 2000. Dissertação de Mestrado.
- LIMA, J. G. A idéia que mudou minha vida. *Veja*, São Paulo, 30 abril 2003.
- MACHADO, M. S. *Aplicação de jogos dramáticos em sala de aula*. Campinas, SP. Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, 1999. Dissertação de Mestrado.
- MARINEAU, R. F. *Jacob Levy Moreno, 1889-1974: pai do Psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo*. São Paulo: Ágora, 1992.
- MASLOW, A. H. *Introdução à psicologia do ser*. 2.ed. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Eldorado, [s.d.].
- MONTEIRO, R. F. *Técnicas Fundamentais do Psicodrama*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MORENO, J. L. *Fundamentos do Psicodrama*. São Paulo: Summus, 1983.
- _____. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1975.

- _____. *Psicoterapia de grupo e Psicodrama. Introdução à teoria e à Práxis*. São Paulo: Mestre Jou, 1974.
- _____. *Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama*. Goiânia: Dimensão Editora, 1992.
- MORENO, Z. *Psicodrama de crianças*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- NUDEL, B. W. *Moreno e o Hassidismo: princípios e fundamentos do pensamento filosófico do criador do Psicodrama*. São Paulo: Agora, 1994.
- PERAZZO, S. *Ainda e sempre Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1994.
- PEREIRA, C. A. M. *O que é contracultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- PUTTINI, E. F. e LIMA, L. M. S. *Ações educativas: vivências com Psicodrama na prática pedagógica*. São Paulo: Agora, 1997.
- PUTTINI, E. F. et al. *Psicodrama na educação*. Ijuí: Unijuí Editora, 1991.
- QUEIROZ, M. I. *Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”*. In Experimentos com histórias de vida. São Paulo: Vértice, 1988.
- RIBEIRO, M. L. S. R. *História da Educação Brasileira: a organização escolar*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2000.
- ROJAS-BERMUDEZ, J. G. *Introdução ao Psicodrama*. São Paulo: Mestre Jou, 1980.
- ROMAÑA, M. A. *Do Psicodrama Pedagógico à pedagogia do drama*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- _____. *Construção coletiva do conhecimento através do Psicodrama*. Campinas, SP: Papyrus, 1992.
- _____. *Psicodrama Pedagógico: método educacional psicodramático*. Campinas, SP: Papyrus, 1985.
- ROMANELLI, O. O. *História da educação no Brasil (1930/1973)*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1978.
- SAVIANI, D. *Política e educação no Brasil*. São Paulo: Editora Cortez, 1988.

_____. *A nova lei da educação (LDB): trajetória, limites e perspectivas*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2000.

_____. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 1989.

_____. *Da nova LDB ao novo Plano Nacional de Educação: por uma outra política educacional*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2000.

SCHÜTZENBERGER, A. A. *Psicodrama Triádico*. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

_____. *O teatro da vida – Psicodrama, introdução aos aspectos técnicos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

_____. *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: UNICAMP/CMU/ABHO, 1996.

SISTO, F. F. *Atuação Psicopedagógica e aprendizagem escolar*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WEIL, P. *Psicodrama*. Rio de Janeiro: CEPAL, 1978.

ANEXO I

RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

	Inah Soares Moreira Em 03/09/2001		Maria Alicia Romaña Em 19/09/2001
	Agenor Moraes Em 23/01/2002		Bernardete Castro Em 23/01/2002
	Elena Nosedá Bustos Em 20/10/2001		Pierre Weil Em 22/12/2002
	Vera Saldanha Garcia Em 24/01/2002		Valério José Arantes Em 21/03/2003

ANEXO II

ENTREVISTAS²⁷

ENTREVISTA COM INAH SOARES MOREIRA

Psicóloga clínica e Psicodramatista. Aos 72 anos está aposentada e trabalha como voluntária em um grupo de terceira idade sobre assuntos de espiritualidade. Foi uma das fundadoras da Associação Campineira de Psicodrama.

Data: 03/09/2001

O envolvimento com o Psicodrama

A Associação Campineira de Psicodrama não tinha por intenção o Psicodrama Pedagógico. O Psicodrama Pedagógico existia mesmo em São Paulo. Eu acho que em São Paulo começou em 1970 o Psicodrama Pedagógico e lá se desenvolveu mais. Campinas fazia um pouco de pedagógico, mas não tinha grandes coisas. Agora, em São Paulo tinha a Associação Brasileira de Psicodrama que tinha Psicodrama Pedagógico, sempre baseado no Bermudez que é quem dá mais margem para o Psicodrama Pedagógico, porque trabalha principalmente com papéis. E Bermudez desenvolveu teorias boas mesmo de papéis e até hoje eu acho muito úteis até para a vida. Atualmente estou trabalhando com a terceira idade, mas é espiritualidade, que não é no ar é aqui na terra. Tem essa parte de desenvolvimento de papéis e eu vejo que é muito útil a teoria de papéis.

Eu trabalhei com o Psicodrama uns 20 anos. Dava aula na Associação Campineira de Psicodrama. Dei aula na cidade de Bragança Paulista também e fui substituí-la. Detestei porque os alunos não estavam nem aí. Eles faziam o Psicodrama porque era uma matéria, não tinham interesse nenhum. Detestei!

Depois que as empresas começaram a requisitar mais o Psicodrama, as faculdades começaram a incorporar o Psicodrama no currículo de alguns cursos. Porque os currículos são feitos em função do teor que a pessoa vai encontrar depois. Em Itatiba tinha porque era Faculdade de Psicologia e tinha o Psicodrama.

De vez em quando eu ouço alguma coisa a respeito e professores utilizando o Psicodrama nos colégios, até estaduais. Tem colégios aplicando o Psicodrama, aqui e ali. Não que seja o grosso da aula. Também não deve ser o grosso porque, por exemplo, se eu for dar biologia é uma matéria que cai bem utilizando o Psicodrama Pedagógico. Não vou só dar isso, vou ilustrar alguma coisa que eu ensinar ou que vou ensinar, com o Psicodrama Pedagógico. E como os professores acham que podem muito bem dar aula sem precisar disso... Por que eles vão fazer uma especialização cara que tem que gastar tempo e dinheiro.

²⁷ As fitas da filmagem das entrevistas estão no Laboratório de Psicologia Genética da Faculdade de Educação da UNICAMP.

Nas matérias de exatas o Psicodrama Pedagógico pode ser usado como, por exemplo, em matemática. Na matemática moderna é cheio de figuras e contornos.

O professor precisa ser um ótimo professor e estar atento: a classe não está entendendo se eu fizer um role playing se eles vão entender isso. Não é fácil... Eu vejo que isso está crescendo esta parte de formação, tanto em recursos humanos como professores, de aprender técnicas novas e etc. Isso no ensino particular. Porque se você pensar no que os professores estaduais ganham... Eu lecionei em inglês. Eu pagava o melhor hotel da cidade, o apartamento, roupa lavada, comida, viajava para Campinas toda semana. Nas férias eu ia para o Nordeste. Tudo com o dinheiro que ganhava. Hoje se conseguir pagar um hotel vagabundo, já faço muito! Porque nem um hotel bom posso pagar com o salário de professor. Não acompanhou a inflação. Foi vergonhoso! Quer dizer, professor ganhava X e continuou ganhando X e a inflação... Agora eles têm melhorado um pouco porque se eles querem um ensino melhor... Então veja está havendo cursos.

Quando eu estudei Letras não tinha Psicologia no Brasil. Comecei lecionar, tudo isso. Logo que eu terminei Letras, abriu Psicologia na PUC-São Paulo. Mas eu teria que morar em São Paulo e pagar a PUC. Eu tinha irmãos mais novos, nem pensei. Depois abriu aqui em Campinas aí eu fiquei faço ou não faço? Depois começou a abrir em vários lugares. Eu cheguei para o professor Saulo e disse assim “eu queria fazer Psicologia, onde posso fazer com mais facilidade?” (risos). Ele falou para eu levar a sério e fazer em uma faculdade bem feita que não iria me arrepender. Aí eu disse “eu já estudei tanto, eu já sei tanto, por que fazer faculdade?” E ele me incentivou a fazer. Eu entrei e realmente as matérias que eu já tinha feito de outras formas foram eliminadas. Não tinha Psicodrama e não tem ainda, pelo menos desconfio. Quando eu terminei a faculdade, eu comecei a clinicar. Você imagine, eu lecionava à noite. Lecionava à noite e trabalhava de dia, no consultório. Enfim, larguei de dar aulas. Não me arrependo. Passei mais horas no consultório. Entrei em uma faculdade de Psicologia e não era ótima porque nenhuma delas é. Então, por exemplo, enquanto os alunos estavam fumando dentro da sala de aula ou eu estava prestando atenção ou saía da classe. E o professor titubeou, eu já fazia perguntas. Tinha professor que dizia que se eu não viesse à aula ele agradecia. Porque fazia perguntas e atrapalhava ele. Sempre a gente aprende alguma coisa.

Eu já tinha aprendido o Psicodrama Pedagógico antes da Psicologia. Eu morei em São Paulo e fiz terapia com o Alfredo Soeiro. Fiz terapia individual antes dele trabalhar com o Psicodrama. Depois, quando ele começou com o Psicodrama me perguntou se eu queria passar para o grupo. Em São Paulo não tinha problema em ser em grupo porque depois eu não iria encontrar aquelas pessoas. Tive contato logo no começo, quando começou o Psicodrama em São Paulo. Fiquei cinco anos em São Paulo e depois vim para Campinas. Nessa época o Alfredo Soeiro também veio para Campinas. O Alfredo Soeiro pegou a Vera e eu e começamos a trabalhar. Depois veio a turma do Valério Arantes, uma turma boa. O Valério é da segunda ou terceira turma. Acho que em 1976. Era um grupo bom, mas não tinha muita gente. As pessoas aprendiam e iam embora para as cidades da região, a maior parte ia trabalhar fora. Eles indo embora quem ficaria na direção? Ficariam sempre as mesmas pessoas. Então eu pensei: “não é isso que eu quero”. A Associação consumia um bom tempo. Tinha que fazer reunião e ata, tem que fiscalizar presença, todas essas coisas, porque senão o pessoal relaxa mesmo.

O objetivo da Associação era a formação de Psicodramatista. Depois que formou dá uma supervisão também. Se quisesse continuar sócio, por causa da FEBRAP, porque só poderiam participar dos encontros da FEBRAP quem fosse sócio de alguma associação.

Em 1975 a Associação já existia. Participamos do Congresso Latinoamericano, na Argentina. Moreno veio e não gostou das mudanças no que ele tinha criado. E não voltou mais. O Bermudez era muito personalista. O Moreno e o Bermudez eram completamente distanciados. Nós estudávamos Moreno e Bermudez, mas as teorias... Porque o que era dito é que Moreno não dava um embasamento teórico científico. Ora, na parte de Psicologia Clínica o embasamento científico é muito difícil, muito mesmo, porque as pessoas são difíceis. Cada pessoa é uma pessoa. Se pegar Freud o embasamento científico de Freud não era aquelas coisas... Então ele não dava embasamento científico. Bermudez resolveu dar embasamento científico. Então começou a criar coisas e as coisas que ele criou foram boas e objetivas, porque o livro dele é objetivo. O do Moreno é mais generalidades. Então eles não podiam casar de jeito nenhum. Depois não sei o que aconteceu.

Mesmo a Sociedade Brasileira, o Dalmiro Bustos não é Moreno, porque Moreno é Moreno. Agora o Bustos é analítico. Então ele é muito Freud. Eu não acho ruim não, sabe? Eu acho que Bustos tem coisas muito boas. O Bustos faz interpretações. O Bermudez finge que não faz, mas no fundo é impossível fazer clínica sem interpretar, porque você está ali com uma coisa em sua frente, você tem que pensar e interpretar. Então o Bustos é bem freudiano. Moreno talvez seja menos do que os dois até porque inventou o negócio dele e acabou. Os nomes são diferentes, mas se a gente pegar o conteúdo tem muita coisa de analítico. É preciso fazer análise mesmo. Em se tratando de pessoa, a gente pode dizer o que quiser do Freud, mas se nós não conhecermos nada de Freud é muito difícil a gente fazer uma terapia de pessoas.

Na verdade quando se fala que há inovações, há muitas. Há pessoas que quando inovam mudam de nome e há pessoas que inovam e continuam falando o mesmo nome. Depende do gosto e eu acredito que nessas inovações haja coisas bem interessantes.

O Psicodrama Pedagógico

Eu fiz Psicodrama Pedagógico em São Paulo, por isso acho que o livro de Bermudez dá uma base muito boa. Logicamente é necessário explicações. Bermudez não pretende fazer Psicodrama Pedagógico quando escreve o livro. Ele pretende desenvolver o Psicodrama Terapêutico. Quando ele fala de espontaneidade, tanto existe no pedagógico como no terapêutico, e saber o desdobramento do Eu. No Pedagógico é muito importante também saber. Eu acho que para mim, que sou psicóloga, é mais fácil lidar com o Psicodrama Clínico do que com o Pedagógico, porque o Psicodrama, quer clínico ou pedagógico, mexe com a pessoa. Fica perigoso se o professor distancia muito dentro da sala de aula. O Psicodramatista precisa saber os limites. Se ele percebe que a pessoa está se envolvendo emocionalmente... Porque vai entrar no Psicodrama pedagógico, que é uma coisa de matéria, pedagógico, mas afeta a pessoa por alguma razão. Tem algum envolvimento e a pessoa que está atuando não sabe lidar, que é o diretor do Psicodrama que tem que perceber quando é que está saindo do controle. E veja, quando você estuda, você descobre como conhecer quando está saindo. Estudando o Psicodrama Terapêutico você chega em certas partes que a pessoa sai do papel dela. Por exemplo, quando um homem sai

do papel dele, praticamente se percebe. Ele já não é ele. No pedagógico então ele é muito ele e não a matéria que estão estudando. Então é muito útil estudar mesmo. Por exemplo, o aquecimento. O aquecimento é diferente no pedagógico e no clínico. Então você tem que ver qual é a diferença entre o aquecimento de um e o aquecimento de outro. Se você for fazer o pedagógico você tem que fazer um aquecimento em função da matéria que você está ensinando e não em função da pessoa que está dramatizando. É diferente. Ler o contexto dramático, isso serve para o pedagógico, isso não serve. Se começar a entrar no que não serve, eu tenho que cortar e trabalhar com o aluno bem dentro da matéria para não fugir. Porque se entrar no clínico, veja bem, se você for psicóloga e entrar no clínico pode ser que saiba... Porque tem muita gente que não é capaz... Lidar com aquilo. Agora se você não é psicóloga provavelmente não saberá ou pelo menos não terá segurança. Se não tem segurança você vai ficar sem saber o que fazer.

Quando nós fizemos em São Paulo, nós estudávamos e dramatizávamos esse livro. A gente tinha mais *insites* como é que isso aqui interage com a pessoa. Isso seria muito bom.

Associação Brasileira de Psicodrama

Em São Paulo, lá pelos anos 70, então o Psicodrama Pedagógico fazia parte da Associação Brasileira de Psicodrama. Eram duas alas que caminhavam em paralelo. Os encontros eram juntos. Recebíamos alunos de Campinas. Antigamente tinha muito mais gente no pedagógico que no clínico. Porque no clínico só psicólogos e psiquiatras e no pedagógico tinha um leque maior. Numa das reuniões gerais com a diretoria, um dos psiquiatras disse assim “ah, não é possível porque o Psicodrama pedagógico parece que dá cria, dá cria, e a gente sempre está por baixo” (risos). Foi engraçado, mas todo mundo deu risada da comparação, mas a comparação era correta. Realmente tinha muita gente no Psicodrama Pedagógico nessa época e relativamente pouco no Psicodrama Clínico. Aí começou haver um pouquinho de discussão porque na diretoria não deveria ter o mesmo direito de voto, então sempre vai ter uma diretoria do pedagógico... Essas coisas assim... Mas conviveram muito bem. Nós tivemos muitos encontros, muitos mesmo.

Quando eu trabalhei com o Psicodrama, eu trabalhei também com pessoas mais velhas. Eu fiz o curso de psicologia depois de adulta. Tudo isso fiz depois de adulta e quando comecei a clinicar eu era das mais velhas de Campinas, em idade. O pessoal mais velho procurava psicólogos mais velhos também, porque entendiam mais...

O Psicodrama Clínico veio um pouco antes para Campinas do que o Psicodrama Pedagógico. O Psicodrama veio da Argentina. Então as pessoas iam a Argentina, eram treinadas e depois vinham para Campinas. Como tinham muitos interessados no Psicodrama Pedagógico era fácil remunerar os professores. O presidente do clínico trouxe o Psicodrama para São Paulo e a irmã dele ficou com o pedagógico. Então os dois caminhavam juntos. A Sociedade de Psicodrama, eu não sei. Na Sociedade Brasileira de Psicodrama tinha o Alfredo Soeiro, o Rojas-Bermudez. Teoricamente a teoria do Dalmiro Bustos não daria para fazer Role Playing, porque ele fazia psicanálise no Psicodrama. A teoria de Bustos é mais psicanalítica do que Moreno. Então fica meio perigoso trabalhar na sala de aula.

O Psicodrama como disciplina

Tem gente que não aceita coisa nova e o Psicodrama é relativamente recente. Os “donos” do Psicodrama não morreram ainda, quero dizer, começaram a morrer. Agora, Psicanálise todos os cursos têm. Todos estudam Freud e tem que estudar muito. Comportamental uns têm mais outros têm menos. Eu acho muito válido ter o Psicodrama porque você pode usar princípios do Comportamental no Psicodrama.

Faz 10 anos, pelo menos, que não utilizo o Psicodrama. Eu já tinha saído porque meu consultório era aqui perto e morava aqui nessa rua. O Psicodrama dever ter mudado, mas eu não acompanhei, porque deixei e deixei mesmo. Eu sumi porque eu fui cuidar da minha vida, viagens e tudo. Então eu larguei de uma vez! Não me arrependo porque tenho trabalhado e muito. Quer dizer que não daria para eu fazer as duas coisas.

ENTREVISTA COM MARIA ALICIA ROMAÑA

Pioneira do Psicodrama Pedagógico na América Latina, formou os primeiros educadores psicodramatistas brasileiros. Pedagoga (UNBA) e Psicodramatista (Ex Asociación Argentina de Psicodrama). De nacionalidade Argentina, mora em São Paulo desde 1976. Na Argentina desenvolveu suas atividades profissionais no ensino público (primário, secundário e superior). Foi professora de disciplinas pedagógicas (didática, metodologia e prática de ensino) e Reitora da Escuela de Bellas Artes Prilidiano Pueyrredón de Buenos Aires. Durante sua gestão foi promovida uma mudança estrutural nos planos de estudo, decorrente de uma nova visão do ensino artístico. Já no Brasil, foi responsável pela utilização dos recursos psicodramáticos no meio educacional (Psicodrama Pedagógico), movimento que teve início em fins da década de 60. Professora e supervisora pela FEBRAP (Federação Brasileira de Psicodrama), tem atendido demandas das diversas escolas de Psicodrama para colaborar na formação das novas gerações de Psicodramatistas. É autora de diversos livros sobre estas questões: “Psicodrama Pedagógico”, Editora Papyrus (1985/87); “Construção coletiva do conhecimento através do Psicodrama”, Editora Papyrus (1992); “Do Psicodrama Pedagógico à Pedagogia do Drama”, Editora Papyrus (1996); e “Crônicas e conversas psicodramáticas”, Editora Agora (1998). Tem colaborado em vários livros coletivos (1989-97). Outro ângulo de suas atividades profissionais é o que está relacionado com atividades do terceiro setor, com as quais vem colaborando regularmente assessorando em questões metodológicas especialmente.

Data: 19/09/2001

A chegada em São Paulo

Eu vim a convite do pessoal de São Paulo, incorporada à equipe do professor Rojas, para aplicar o curso especialmente para educadores. Foi ai que começou a distinção. O professor Bermudez me incorporou à equipe a pedido do pessoal de São Paulo que tinha ido no IV Congresso. Não existia o contato com o Psicodrama até que Jaime Rojas Bermudez veio e começou o curso de formação de Psicodrama terapêutico. Na verdade

tinha-se alguma iniciativa. Especialmente ligada aos seres, não era nada orgânico, estrutural.

Eu fiz formação em Psicodrama. Foi fundada a Associação Argentina de Psicodrama mais ou menos em 1962 e 1963. E fiz parte do primeiro seminário, da primeira turma da Associação. Na época era assim, você estava interessado, fazia terapia com Psicodrama, como era o meu caso, eu era paciente de Rojas, aí podia fazer a formação. Não tinha nenhuma separação. E eu fiz com o intuito de aplicar na educação. Na verdade essa iniciativa minha foi o começo de tudo. Antes não tinha assim nada pensado, organizado, em relação à educação. Moreno tinha alguns dizeres, falava que podia ser aplicado à educação. Os Psicodramatistas achavam que se fossem para as escolas, até hoje tem gente ainda que pensa assim, seria para fazer terapia com os estudantes e professores. A minha proposta, porque sou pedagoga, nunca foi essa. A minha procura sempre foi uma procura metodológica, em relação à aprendizagem. A abordagem que fiz foi toda uma tradução, digamos assim, da proposta moreniana para a educação. Tanto que criei uma metodologia que chama método psicodramático.

O preconceito que existia aqui Brasil em relação aos Psicodramatistas educadores, não existia na Argentina. Eu trabalhei dentro da equipe de Rojas com toda a aceitação e liberdade. A gente tinha quatro grupos de educadores de 20 pessoas cada grupo. Tivemos 80 pessoas. É claro que a época no Brasil era uma época constrangedora em termos da situação do Estado. Abria a possibilidade de encontro de pessoas e de discussão que no geral não eram muito bem visto. Outros ambientes... Isso facilitou nesse sentido. Embora lamentável a situação, toda a situação que foge à situação democrática é constrangedora. No sentido das pessoas se unirem, pensarem juntas. A ditadura foi uma coisa terrível! O que na época a pessoa participava do grupo tinha era que o ensino público praticamente acabou. Os educadores com iniciativas começaram a pensar a escola particular, a escola privada. Surgiram escolas como Castanho, por exemplo, as proprietárias foram alunas do curso que eu ministrava tanto do curso que Rojas ministrava, porque algumas eram psicólogas e faziam o Psicodrama Terapêutico. Acho que, posteriormente, muitas escolas. Outra foi o Vera Cruz, colégio importante, algumas dessas escolas se afastaram dessas idéias mais democráticas, revolucionárias. Tornaram-se escolas mais convencionais, com o passar do tempo, mas na época, elas implantaram o trabalho com o Psicodrama, com professores. A Escola Viva também, as diretoras foram minhas alunas. Isso em São Paulo. Agora, infelizmente, por exemplo, concomitante a isso, as escolas importantes públicas que tinham na Lapa, no Brooklin, chamadas as experimentais, colégios experimentais. Eram públicos e eram muito bons. Realmente foi uma reviravolta. Na minha opinião, a escola pública nunca se recuperou. Como também não se recuperou na Argentina depois do último processo dos militares. Não se recuperou. Eu acho que o sucateamento que se faz para o ensino da educação é irrecuperável. Teria que parar tudo e reorganizar tudo outra vez e isso não é possível.

Atualmente não é só educadores que utilizam o Psicodrama Pedagógico. Essa é uma diferença. Atualmente são pessoas que trabalham em empresas, ou seja, diversas organizações, empresas mesmo, em Recursos Humanos, treinamento e seleção, acompanhamento, recrutamento. E nas Organizações Não Governamentais tem muita aplicação. Na minha linha de trabalho, que eu tenho mostrado como aplicabilidade, é muito apropriado para o trabalho nas Organizações Não Governamentais. É uma população

imprevisível e o método psicodramático é uma metodologia aberta, é uma metodologia flexível, é uma metodologia que respeita e acolhe a pessoa como ela é, no ponto em que esteja. É uma metodologia apropriada para este tipo de trabalho.

Cada pessoa trabalha conforme sua habilidade. Mas é lógico que quando você quer explorar, quer pesquisar a situação psicodramática, só tem que partir para as técnicas. Você vai ter que fazer inversões de papéis e fazer solilóquio. Acredito que as mesmas técnicas na educação são as mesmas nas outras aplicações.

Tive uma aluna, a Celi Wagner, que foi para Campinas e, pelo que sei, atualmente está na Europa. Ela fez um trabalho muito voltado a recuperação de crianças com dificuldades de aprendizagem, partiu mais para um trabalho psicopedagógico.

Eu estou na ABPS há três anos e fiz contribuições a ABPS e afastamento, contribuições e afastamentos. Isso tudo devido às políticas internas e outros fatores também, disponibilidade de tempo, essas coisas. Há uns três anos começou uma nova fase com uma revisão do currículo aqui na ABPS e a gente se empenhou em uma renovação mesmo, do ensino, uma melhoria da qualidade, achar diferenciais que marcassem o trabalho da ABPS e nós estamos conseguindo. Está sendo feito atualmente um curso único, ou seja, um curso de Psicodrama, independente da aplicabilidade. Quando chega na supervisão, que seria a última fase, o estudante escolhe. Tem supervisão em clínico e não-clínico. Dependendo do projeto de aplicabilidade, o estudante fica um ano, são 120 horas de supervisão e um estágio de 120 horas de aplicação. Então são 240 horas envolvidas na supervisão. Eu colaborei e me empenhei. Estou muito satisfeita com os resultados. Tenho feito um módulo que na verdade não é psicodramático, é parte, que é Ética e Metodologia, é um módulo que tem 32 horas e depois tenho sido supervisora das duas últimas turmas de Psicodrama Não-Clínico. Nesses últimos meses fui orientadora das monografias e me sinto muito satisfeita. Nós temos tido 100% de aproveitamento, todos os alunos que entraram na supervisão estão completando agora a formação com monografia a ser apresentada na jornada. Têm idéias originais, trabalhos bem interessantes, feitos com muita seriedade.

A área de educação, atualmente, é mais ampla. Quando comecei, nos anos 60, a idéia de educação era restrita à escola. Mas é uma coisa muito ampla, muito vasta e a gente tem que acompanhar os tempos. Por exemplo, tenho aqui “Protagonismo social e juvenil, sonho ou utopia? Contribuição da prática moreniana na construção com adolescentes de valores ligados à sexualidade e cidadania”. É o trabalho de uma ONG. É educação, mas não é aquela coisa de conteúdos, currículos, necessariamente. Esse aqui, por exemplo, “Ensina uma experiência de orientação vocacional psicodramática”. São 10 encontros para fazer uma iniciação na orientação vocacional. Também é uma técnica muito apropriada porquanto joga com fantasia e realidade, permite que o adolescente pense na fantasia e descubra a realidade, sem se sentir tolido por não ter fantasiado ou culpado por fantasiar ou ficar naquele mundo de fantasia. Esse aqui, por exemplo, “Jogos dramáticos: uma técnica para seleção de pessoal nas organizações”. Este é de Recursos Humanos. Não é escola propriamente.

Eu acho que o pensar, esse início de século XXI e meados do século XX, como seria um pouco o nosso começo nos anos 60, era mais cartesiano. Não achávamos que um segmento da ciência pudesse ser aplicado às outras ou passar para as outras. E atualmente, nós pensamos diferentes. A complexidade que toma conta de tudo. Ou a gente pensa de

forma complexa ou não pensa porque não acompanha os tempos. Acho que a própria escola, ainda mais com a questão da informática e o pensar das novas gerações, é diferente e vai ser mais diferente ainda, mais diferenciado porque da mesma forma que as máquinas, o computador, você entra no ponto que quer e o pensar as coisas, o mundo vai ser assim cada vez mais. Você não vai ter que começar do início. Pensávamos assim: tínhamos que começar do início, ir até o meio e do meio até o fim e de lá tirar algumas conclusões para aplicar em outra coisa ou também no começo, no meio, e assim por diante. Agora não. Você entra no meio, entra no fim, cria um outro princípio e aí que surgem outros problemas. Mas em termos de pensamento e metodologia, as metodologias tradicionais têm que ser modificadas. Agora, os problemas decorrentes desse tipo de pensar vão ter que ser também considerados, na sua hora. A escola, a educação, não pode ser pensada assim como nós pensávamos naquela época.

Eu mudei muita coisa que escrevi nos meus livros de 1985 e 1987. Para mim é a pedagogia do drama! O que faço atualmente é a pedagogia do drama. No Psicodrama Pedagógico foi uma proposta de colaboração, como o ensino de Herrera nos anos 60, acrescentava uma metodologia e propunha uma revisão do papel do educador, com o role playing, para revitalizar o papel do educador. Essa era a proposta básica do Psicodrama Pedagógico. E continua sendo... Só que, em termos pessoais, avancei justamente no sentido da mudança da humanidade. No fim da década de 80, cheguei a conclusão que não podíamos propor uma metodologia seqüencial apenas porque a mentalidade estava mudando e a gente tinha que flexibilizar a metodologias. De outra forma estaríamos construindo, digamos assim, um sujeito defasado com seu momento histórico. E comecei a pensar o Psicodrama não apenas com as técnicas, mas as composições. As técnicas são unidades tecnológicas para trabalhar qualquer situação psicodramática: inversão de papéis, solilóquio, interpolação de resistências... Agora, elas se agrupam em propostas que chamo de composições que são os jogos dramáticos, o teatro espontâneo, o sociodrama, o jornal vivo. Então comecei a pensar a aplicabilidade dessas composições dentro do ensino. Avancei por este caminho ao ponto que, atualmente, o que faço (não digo o que os outros devam fazer o que faço), mas o que faço são performances. Tem um assunto, um tema, eu invento a apresentação, o jeito de apresentar. Nessa apresentação cabe alguma parte a uma equipe que a gente compõe, apresenta para a situação, para a demanda, e uma parte cabe ao público fazer. É como se fosse um diálogo. A gente apresenta alguma coisa, é isso que eu chamo de performance que às vezes vai mais para teatro espontâneo, às vezes mais sociodramáticas, e tem uma parte que o público, os participantes, têm que colaborar em fazer, minimamente que seja. Com isso a gente entra em uma outra dimensão metodológica que tem mais haver com outros fundamentos do Psicodrama e com o núcleo do eu. Eu estou mais interessada atualmente em fortalecer esse processo do que em criar um pensamento linear como era nossa intenção nos anos 60, que na época era colaborar para fortalecer um pensar correto, que nós considerávamos correto. Atualmente, a gente pensa que temos que colaborar e fortalecer é anterior a este pensar, é um pensar que vai acontecer mais rico e mais produtivo quanto mais tiver co-relacionado com o sentir e com o perceber o ambiente e isso é o núcleo do eu: a mente corpo e ambiente. A partir daí é uma proposta que é estimulante porque a produção da mídia, a produção de nossa época é estonteante e se a escola ficar assim, uma coisa muito morna, ela não é atrativa que é uma das grandes queixas dos alunos.

Para utilizar o Psicodrama Pedagógico os requisitos são os mesmos que para o Psicodrama Clínico. A maioria é psicólogo. Na verdade têm alguns pedagogos, administradores de empresa, sociologia ou serviço social. Tenho, por exemplo, uma das estudantes que está apresentando uma monografia muito interessante sobre educação artística. Todos têm que fazer terapia, um número x de terapia. A FEBRAP coloca esse item como pré-requisito e só. O curso passa e ao mesmo tempo tem um acompanhamento terapêutico do estudante. Chega na supervisão, ele abre. Antes, começava já abrindo. E isso minimiza, porque eu acho que a gente tem que contar com a responsabilidade do formando. Se ele tem uma habilitação na sua formação para determinada coisa, tem que acompanhar isso. Como você vai fugir no meio dessa globalização toda e falar posso fazer só isso, posso fazer só aquilo? É uma coisa muito interligada, por isso que a ética é importante como um princípio, como uma atenção. Tudo bem, eu estou fazendo, mas qual é minha responsabilidade? Tanto que a gente fala espontaneidade com responsabilidade. Não se pode esquecer disso! Criatividade com responsabilidade!

O Psicodrama Pedagógico e os jogos dramáticos podem ser utilizados como avaliação. Outra aluna minha de supervisão, que fui orientadora da monografia, porque eu trabalhei com seleção. Ela usou o jornal vivo como uma das ferramentas no processo seletivo. Ele pode ser aplicado para avaliar. Depende do que será avaliado. Ou então o jogo dramático, porque o jogo dramático é infinito. Você cria o jogo dramático. Se a avaliadora pretende avaliar, cria uma situação que seria o jogo com esse intuito. Levanta critérios, aplica e avalia. Estou falando do jogo dramático, mas pode ser o sociodrama, pode ser o jornal vivo. É bom considerar também que avaliação é um processo e que as ferramentas podem ser múltiplas. Pode ser uma de cunho psicodramático e outra avaliação com outra metodologia. O que eu tenho notícia que está sendo utilizado é na pós-graduação quando se faz levantamento de dados, análise qualitativa. O método psicodramático fornece dados que de outra forma você não teria, por causa da ação da possibilidade de aparecer mais a subjetividade da população que você esteja pesquisando. Pelo menos na PUC, aqui em São Paulo é utilizado na pós-graduação.

A Universidade Metodista tem também o Psicodrama como disciplina, o Objetivo, UNIP, na ECA/USP é aplicado à educação e na PUC-SP também, pelo que eu sei. E tem, inclusive, a articulação SOPSP-PUC. Já tem cinco anos. A SOP, Sociedade de Psicodrama, sociedade gêmea da SBPS, porque nasceram ao mesmo tempo, as duas têm 30 anos. A SOPSP começou essa parceria com a PUC com o mestrado *latu-sensu* e está indo muito bem pelo que se sabe. É uma especialidade a mais. Agora, como o curso está estruturado, não sei em detalhes, mas o curso está indo muito bem.

Tenho a impressão de que, com o passar do tempo, esse trabalho, pelo menos o meu, vai ser diluído e ser incorporado a uma visão mais produtiva da educação. Acho que não pode ficar como um quisto, uma coisa pronta. Ver o Psicodrama como um todo, se diluísse incorporado às outras metodologias. O que nós teríamos que preservar é ensinar o Psicodrama corretamente, que é o que estamos fazendo. A aplicabilidade é uma coisa que acho que vai se diluir. Vai interpenetrar outras áreas, outros campos... Minha opinião é essa.

ENTREVISTA COM AGENOR MORAES E BERNARDETE CASTRO

Diretores e Professores do Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas (IPPGC).

Data: 23/01/2002

O Psicodrama

Bernardete: A gente tenta corrigir, por 13 anos, que o Psicodrama é uma prática multidisciplinar, um trabalho com grupo. O nome da ciência seria Socionomia, a ciência das relações, a ciência do sócio. Atualmente, a gente já está chamando de Socio-Psicodrama, porque é mais amplo, fica entre a psicologia e a sociologia, mas com um instrumento próprio de trabalho. Chega no Brasil, em torno de 1964, através de uma categoria que eram os psiquiatras que trabalhavam com grupos nos hospitais. Uma divisão ficou no movimento entre os que trabalhavam na educação (os pedagogos) e os que eram da psiquiatria e psicologia. Ficaram chamando o Psicodrama Pedagógico e o Psicodrama Aplicado, que, para nós aqui do Instituto, é tudo bobagem. Psicodrama é Psicodrama, é o Sócio-Psicodrama, prático de trabalho com grupo adaptado ao contexto que cada um está. Para nós, aqui do Instituto, não existe Psicodrama Aplicado, nem pedagógico, é um Psicodrama só.

Agenor: O Psicodrama é multidisciplinar. Nós abrimos vagas para qualquer tipo de profissional que tenha nível universitário. Tem até engenheiro florestal... Já tivemos economistas fazendo nosso curso, advogados, médicos, psicólogos, assistentes sociais que eram os que mais freqüentavam, há algum tempo, o nosso curso de Psicodrama. É um instrumento para trabalhar com o grupo. Essa engenheira florestal, por exemplo, faz um trabalho junto à bacia do Rio Piracicaba e vai mexer com grupos que estão trabalhando nas margens, em ambientalismo, com a população, com a comunidade. O Psicodrama é muito mais amplo do que no consultório, na área pedagógica, educacional.

Bernadete: O Psicodrama é usado na psicoterapia de grupo, mas não somente para psicoterapia. Aqui no Instituto temos uma posição antiga a esse respeito. O nosso certificado, a nossa proposta, é ser um sócio-Psicodramatista. O nosso curso também tem a vivência que é chamada de sóciodramática, sociodrama, a pessoa aprende a se perceber nas relações com o grupo, nas suas composições dentro da turma, analisa esse trabalho feito sobre a sua vivência e sobre a sua prática. É um curso que sempre leva muito para a auto-percepção. Esse movimento a gente já tem aqui há 13 anos, mas na FEBRAP, que tem 26 anos, está começando essa tendência agora.

Na ABPS, com a Maria Alicia Romãna, o Psicodrama Aplicado é separado. A Romãna tem um significado muito importante na área pedagógica. Ela tem uma prática do Psicodrama. Toda vez que se está em uma área, o Psicodrama é aplicado.

Agenor: A iniciativa do Instituto não é de nossa época. Eu e a Bernadete somos da quinta turma. Hoje são 29 turmas. O Instituto existe desde 1976 e foi José Carlos Landini que trouxe o grupo de estudos. Ele é um médico psiquiatra que até hoje exerce sua função aqui em Campinas, junto com o Luís Falivene, que depois foi convidado para fazer um grupo de estudo. O Landini, além de médico psiquiatra, ele era professor da PUCC naquela ocasião, e convidou um grupo de psicólogos, médicos e assistentes sociais para fazer uma

espécie de grupo de estudo aqui em Campinas. O Psicodrama veio para o Brasil, a Bernadete falou em 1964, mas ele se consolidou no Brasil, em 1970, com o grande encontro que aconteceu no Museu de Arte Moderna, em São Paulo, onde vários profissionais se reuniram, o I Encontro de Psicodramatistas, com várias tendências. A partir desse encontro foram formados grupos de estudos em São Paulo. As pessoas que participavam desses grupos convidaram o Bermudez para vir dar cursos. Era um argentino que tinha contato direto com Moreno e, posteriormente, nesses grupos de estudos foram formados e criando escolas nesses grupos de estudo em SP. E foi, mais ou menos, o que aconteceu aqui em Campinas. A partir desses grupos de estudos, eles formaram uma escola que é o Instituto de Psicodrama, que surge em 1976, junto com a FEBRAP. A partir dessas escolas, as pessoas começaram a ver a necessidade de existir uma federação de escolas para promover congressos brasileiros de Psicodrama. O Instituto foi fundado em 1976 e é um dos fundadores da Federação Brasileira de Psicodrama. É uma das escolas fundadoras. Esse Landini, por exemplo, além dos estudos, ele teve uma formação na área de Psicodrama, na SOPSP, em São Paulo, que é uma das escolas que surgiu desses grupos de estudos. A princípio, dirigidos por Bermudez e depois houve um rompimento com Bermudez, metade desses grupos ficou do lado do Bermudez e a outra metade ficou do lado de Dalmiro Bustos.

Bernadete: A FEBRAP surge do pessoal lá de São Paulo que resolveu que não seríamos colonizados (risos). Vinha lá da escola que Moreno fundou e tinha esses dois argentinos, Bermudez e Bustos, que tinham tendências diferentes no modo de ensinar. A gente sabia que a Argentina tinha várias personalidades e cada personalidade era uma escola. Era o Psicodrama de fulano, o Psicodrama de sicrano. E esse pessoal vem para o Brasil e encontra também aqui uma tendência, uma vocação muito grande para grupo. Somos uma cultura grupal. Tanto que o Psicodrama, na França, teve uma expressão muito diferente da nossa. Começou essa coisa de a turma que rompe com um, rompe com outro... (a gente não estava nessa estória ainda) Surge, então, um outro pessoal que resolve que iria lá direto com o Moreno, em Beacon, fazer o curso com ele. Quando voltaram, eles decidiram fazer a Federação Brasileira de Psicodrama e ter um currículo, uma proposta pedagógica de formação dos especialistas da Federação e não de um ou de outro. Quando surge essa federação, essa estória de ser o Psicodrama de alguém fica um pouco rompida. É claro que surgem outras figuras que a gente brincava que eram os “bezerros de ouro”, “as vacas sagradas” (risos). Mas que estão sob uma Federação, em congressos, e tem que se submeter.

Agenor: Têm alguns que entram na Federação, outros não. Mas isso também era um pouco Moreno que provocava, porque assim que Moreno veio ao Congresso Internacional de Psicodrama, na Argentina, ele nomeou Bermudez para ser o chefe, o representante do Psicodrama aqui na América do Sul. Só depois, com uma briga interna na Argentina por poder, para saber quem é quem, Moreno rompe com Bermudez. Era para ter um Congresso Internacional, em 1970, quando Moreno viria ao Brasil prestigiar, mas como houve o rompimento com Bermudez, ele não vem. Moreno sempre jogou assim. Na verdade ele queria difundir o Psicodrama e queria, no fundo, agradar todo mundo e às vezes não dá para agradar todo mundo. Tem que tomar certas decisões e conforme a decisão, há rompimentos.

Bernadete: E não é só agradar... Eu tenho essa coisa de que a FEBRAP tira um pouco essa idéia personalista, que ainda é muito forte na Argentina, que têm vários congressos nacionais.

Agenor: Por exemplo, eles estão para organizarem o IV Congresso Liberoamericano de Psicodrama que ia ser na Argentina, mas depois da crise foi para o México e agora está voltando para a Argentina. Há um movimento em que existe a necessidade de criar uma federação de Psicodrama na Argentina. Para se ter uma idéia, o Brasil é o maior país que tem mais número de Psicodramatistas no mundo. Bate os países europeus, bate a América do Norte e bate a Argentina. A quantidade de Psicodramatista no Brasil é maior. Na Argentina ainda têm esta luta de personalidades. Têm escolas, mas não tem uma federação que agregue.

Bernadete: Essa federação, com todas as confusões e reflexões dessas dinâmicas que cada um tem uma escola, uma idéia, ela protege um pouco a questão de que o Psicodrama pode ter suas tendências. É uma linha extremamente vigorosa, tem uma filosofia forte. As pessoas também criam em cima. Têm as publicações, as criações, o aprofundamento dentro de um ramo, porque Moreno trouxe um leque tão amplo entre as várias ciências, abriu tanta janela entre a antropologia, sociologia, psicologia, que também cada um tem. Nada disso impede de essas pessoas realmente se reunirem para aprofundar, para estudar, para pesquisar. É só uma federação que protege isso. Essa história de federação aqui no Brasil deu muito certo. Inclusive para esta estória de aplicado, pedagógico, hoje está todo mundo sob a mesma instituição. Não tem mais três federações: uma de aplicado, de pedagógico, de clínico. Ficou tudo sob a FEBRAP.

O Psicodrama em Campinas

Agenor: Em Campinas tinha outra escola, que foi criada fora da criação do Landini, como atualmente tem outra escola em Campinas, a Cosmos, que é uma espécie de franquía que veio de fora e se instalou em Campinas há anos. Funcionava como escola, tinha seus conflitos entre as duas escolas, mas era uma escola também filiada à FEBRAP. A Sociedade, que seguia uma outra linha, tinha uma outra postura diferente do Instituto. Só que nessa escola, a Sociedade, as pessoas foram saindo... Eu não sei qual foi o motivo do encerramento da escola. Nunca participei de nada internamente então não posso dar uma razão porque terminaram.

Bernadete: Tem outra questão. Além do Psicodrama, tem a forma como conduz, porque a sugestão de que as escolas de Psicodrama não fossem de um dono, que fossem de um grupo, é sugestão do Moreno. Outro dia veio uma pessoa aqui e disse “Nossa 25 anos... acho que vocês estão pela força do afeto que têm pela instituição”. Porque tem uma série de questões práticas que no decorrer do tempo você tem que aprender a administrar. Quando é uma instituição de outra natureza, filantrópica, também tem essas questões. Essa é uma instituição que não tem um dono. Isso traz algumas dificuldades, são vários donos, uma coisa que se reveza na direção. E foram necessários muitos anos para essa aprendizagem. Têm outras instituições que não conseguiram dar conta disso, porque justamente tem que dar conta dessa coisa dos personalismos. Uma coisa é o crescimento científico, outra coisa é administrar uma formação dentro de uma instituição que tem que ser resolvido em nível comunitário e assembléia, sociodrama e trabalho de grupo. A proposta de Moreno é que a

gente provasse que sabia dar conta das nossas relações de grupo. Isso não quer dizer que ele estivesse tão certo porque não é tão fácil assim você fundar. Mas a gente aqui está caminhando, dando conta nesses 25 anos por conta que acho que tem uma coisa de ficar vendo outras instituições que ficaram na história. Se dois figurões racharam, cada um montava sua escola. Cada confusão, uma escola era montada. É até uma falta de criatividade ficar montando escolas. Nesse tempo do começo havia a Associação, em Campinas, que uma colega do Landini, a Inah, pelo que ele me conta, montou uma escola. Mas não sei se chamava Sociedade de Psicodrama de Campinas ou Instituto de Psicodrama.

Agenor: Se a escola se tornasse de uma pessoa só, ela teria que manter aquela escola e é difícil você manter, como pessoa física, uma escola por 25 anos, porque tem que dar conta de uma porção de coisas. O que aconteceu no Instituto é a coisa que eu sei, é que foi socializado o poder. O Landini dava aula, o Falivene dava aula, até as pessoas formarem e havia uma importação de professores. Os professores eram trazidos de São Paulo para darem aula no Instituto. Nosso curso foi todo esse. A partir de um certo momento, internamente, fomos estimulados a fazer o trabalho de conclusão de curso do Instituto e fomos oferecido a oportunidade de dar aula. A gente foi criando, internamente no Instituto, um corpo de diretores, de dirigentes, de professores e de várias atividades aqui dentro. Por exemplo, atualmente o corpo de professores é de 14 pessoas que é a coluna do Instituto, que sustenta a escola. Não importamos professores, pelo contrário, exportamos professores agora. Somos convidados para dar aulas em outras instituições. Se isso ficasse restrito a uma pessoa só seria muito trabalhoso, muito cansativo. A pessoa não dá conta de dirigir, de dar aula, de dar supervisão, de organizar, de representar a instituição. Eu acho que isso foi um dos grandes motivos que as instituições que terminaram tiveram. Porque é desumano fazer tudo. Penso que foi o que fez com que algumas escolas ficassem e outras não dessem continuidade.

Fiz parte do Grupo de Estudo que não tinha nada de vinculação. O Valério Arantes nunca teve vinculação com a FEBRAP, nunca se associou a uma escola oficial da FEBRAP. Naquela época a gente tinha feito uma opção no quinto ano de Psicologia, tem vários optativos, no nosso tempo de psicologia aqui na PUCC. Uma delas era o Psicodrama. E a gente fez essa opção. Por coincidência a gente era da mesma turma de faculdade. O professor era o Landini. Paralelamente a isso, a gente tinha aula com o Valério porque a gente gostou do Psicodrama no quarto ano quando a gente viu alguma coisa.

Bernadete: Quando a gente estava no segundo ano de faculdade, nós entramos em 1976, eles estavam organizando o grande encontro com o Dr. Bustos. Porque esse pessoal que a gente está falando, Falivene, eles estavam se afinando muito com o jeito do Bustos. Não sei porque... Talvez por questões técnicas ou até pelo jeito da pessoa liderar e tal. Eles se afinaram muito com o Bustos. E trouxeram o Bustos para fazer um grande encontro de Psicodrama aqui em Campinas. Nós éramos do começo da Faculdade. A gente não sabia muito lá o que era, mas gostava muito de existencialismo, de Martin Buber, e fomos lá tentar fazer. E eles disseram que tem de ser formado e ter psicoterapia. A gente estava começando o curso de Psicologia. Então não pudemos fazer este encontro. E deste grande encontro, acho que até foi muito prudente, porque era um mega encontro, então tinha que ter psicoterapia porque eles iam mexer emocionalmente, era um Psicodrama público. A gente viu que nesta turma a gente não ia conseguir entrar porque era para médico e psicólogo formado. A gente se afinou um pouco com o trabalho e daí a partir a gente

gostar, surgiu o Valério. A gente estava no segundo ano e foi uma oportunidade legal, foi até aqui no Guanabara, dentro do consultório dele e tinha uma outra colega, a Anita, a Raquel. O Valério já tinha esses cursos que dava para a gente. Ele falava de formar especialistas. Como a gente não conseguia entrar lá... A gente conseguiu aprender um pouco mais de Psicodrama com ele. Só que era um tempo em que a Instituição aqui estava se formando, estava se organizando, nem tinha sede própria. Eles começaram fazendo grupos de estudos para o pessoal formado.

Agenor: Era como oferecer um curso de sua especialidade, por conta sua. Ele fazia convites assim para o Newton Aquiles dar aula de existencialismo, filosofia. Como o curso era mais informal a gente tinha acesso e conseguiu aprender bastante. Inclusive, eu cheguei até a dar aula de filosofia porque era formado em filosofia. Não tinha o compromisso de fazer uma escola. A gente só teve oportunidade de conhecer o Psicodrama por conta disso. O Valério Arantes fez uma opção na vida dele de ser professor universitário. Ele lutou para entrar na Unicamp, nessa época, inclusive parou o curso porque não ia dar conta, porque além de clínico, dava esse curso e tinha que fazer uma viagem para Uberlândia onde também dava aula de Psicodrama. A história dele eu conheço, é muito meu amigo. Ele estava naquela luta de entrar para o mestrado na Unicamp e depois fazer doutoramento e ser professor na Unicamp. O curso foi em 1977 ou 1978, por ai.

Ditadura Militar

Agenor: Na época da ditadura a Maria Alicia Romaña chegou a ser presa na Argentina por conta do Psicodrama e o Landini também, porque era proibido fazer grupos, mais que duas pessoas era considerado grupo.

Agenor: No nosso tempo já não existia mais isso. Já tinha acabado. Em 1980 quando a gente fez o curso já estava bem diluída esta questão. Já estava sendo permitido. Acho que o ponto crítico foi em 1970, nesse grande encontro que a gente tem até vídeo antigo aí. Por exemplo, o que eles contam para a gente é que tinha gente da polícia, militar, dentro dos grupos vigiando e fiscalizando tudo. Tinha espião do exército nesse grande encontro que houve em São Paulo. Foi um encontro muito aberto e por isso teve todo tipo de Psicodrama, até exageros. O Psicodrama teve que passar um certo período de tempo diluindo todas as barbaridades que aconteceram nesses encontros. Até que o Psicodrama, até um certo tempo atrás, era tachado como uma tecnicazinha, porque as pessoas achavam que era um teatrinho fazer Psicodrama. Hoje em dia o Brasil têm muitas publicações científicas, revistas científicas. Agora existe uma penetração, por exemplo, na universidade do Psicodrama, nas faculdades de Psicologia, está se respeitando mais o Psicodrama, nas universidades. Isso é muito bom porque tira aquele negócio de que o Psicodrama é uma brincadeira, é uma coisa divertinha, é gozadinha, é uma tecnicazinha.

Mas a gente pegou muito pouco esse período. Já se podia fazer grupo, já se podia reunir, já podia fundar escola. Tinha brigas, mas a gente não se importava porque uma de nossas características é assim tem briga a gente vai procurar as duas partes. Tanto é que o nosso curso tinha teoria dos dois lados, tinha teoria do A e do B. A gente aproveitava das duas teorias a gente não se preocupava com essa briga. A gente assistia a essas brigas nos primeiros congressos, ainda tinha um reflexo dessas brigas. Mas a gente achava muito divertido aquilo porque os que a gente chamava de “vacas sagradas” eles não brigavam

entre eles, quem brigava era o que a gente chamava de “bezerros de ouro”, eram os discípulos deles. Então se você era da área A e você da B vocês não brigavam. Vocês tomavam cerveja juntos, conversavam e discutiam, trocavam idéias. Agora se você era do lado A e do lado B, a gente brigava. Os “bezerros” brigavam e as “vacas” se amavam (risos). Era bem assim! A gente não era nem bezerro, porque éramos da terceira geração, a gente achava aquilo muito divertido, porque a gente não entendia nada (risos)!

Bernadete: Também é interessante, porque esse pessoal quando fala... Teve um tempo que a gente disse: “para de falar isso, Landini!” Às vezes a gente percebe que deve ter sido uma história muito forte porque eles falam muito nisso.

Rivalidade entre Psicólogos e Pedagogos

Bernadete: Quando a gente chegou no Instituto não existia a rivalidade tão grande entre os pedagogos e os psicólogos. Eu fui atrás da Inah, que tinha a Associação. A turma de 80, a geração de 80, a gente vem depois. Nunca estivemos preocupados de quem era o Psicodramatista, se era pedagogo, psiquiatra, médico. O pessoal fala que tinham os psiquiatras de grupo e os pedagogos. Inclusive têm umas pedagogas que falam dessa referência. No Instituto a gente não quis estimular. Sempre trabalhei com multidisciplinariedade por 10 anos na FEBRAP. Trabalhava com pedagoga, assistente social, psicólogo. Eu trabalhava sempre com equipe.

Administração do Instituto

Agenor: Mas era uma escola organizada muito primariamente, porque as pessoas que administravam a escola ao mesmo tempo eram as que davam aula que faziam tudo. Ao poucos a escola foi, em termos curriculares, foi evoluindo com avaliações. É uma das únicas escolas, uma das poucas escolas, onde há uma reunião de professores onde se decide tudo nessa reunião, onde se faça uma avaliação, se faça uma reciclagem, se discute o funcionamento e toda vez que há uma necessidade de modificação a gente executa essa modificação com a participação de todo mundo. A FEBRAP está entrando em contato com o Ministério da Educação há algum tempo para tornar esse curso um curso de especialização oficial, reconhecido pelo MEC. E, para isso, a FEBRAP precisa apresentar um currículo mínimo, uma grade curricular que contenha as aulas suficientes, os profissionais, as matérias etc. E a entidade que foi escolhida para fazer esse estudo foi a nossa porque a nossa vem evoluindo a cada ano. Evoluindo no sentido de pequenas modificações porque ela é bem estruturada. Por exemplo, a gente tinha 360 horas de curso. Agora a gente precisa fazer pequenos reajustes porque a carga horária precisa ser aumentada por uma exigência do MEC. A FEBRAP está pedindo auxílio para o Instituto ver essa possibilidade. A gente faz encaixe de coisas que não se colocava no currículo e que agora vamos colocar. É uma questão de pequenos ajustes. Administrativamente também foi evoluindo. A gente teve um estatuto que satisfazia aquele tempo e que não satisfez mais, então se faz assembleia, modifica o estatuto, altera a estrutura, altera o organograma, e vai se adaptando às necessidades da organização. Há um tempo a gente sentia necessidade de criar uma clínica paralela ao instituto, à escola, para que os alunos atendessem gente carente aqui. Isso durou certo tempo. Foi criado no meio do caminho do Instituto. De repente o Instituto percebeu que estava sendo muito mais clínica que escola. Estava

perdendo o rumo nesse sentido dos seus objetivos de formação e de estudo de Psicodrama. Então a gente abandonou a idéia de clínica e hoje somos uma escola de formação, de pesquisa e de estudo de Psicodrama. Todas nossas energias administrativas estão indo nesse sentido da gente dar uma sólida formação, se possível, e a pessoa fazer carreira aqui dentro, mas sempre sendo uma escola de formação e pesquisa de Psicodrama, que é a missão do Instituto.

Bernadete: Tem uma coisa que foi muito fundamental a gente mudar. Porque a gente recebe esta proposta de que era legal ser instituição, eu acho que houve um momento que um grupo pequeno, grupo de estudos, em uma casa e aquela coisa de todo mundo faz café, de tudo muito familiar, acho que houve um equívoco numa época que era uma instituição sem fins lucrativos ou com fim educacional, houve um equívoco de que fosse uma instituição filantrópica. E quase sucumbiu a isso. A instituição tem que formar, as pessoas tem que se dedicar estruturalmente, oferecer aulas, horas, todo mundo precisa sobreviver. Depois que acabou um pouco o gás, depois desses 10 anos em que o gás que vinha, que passava noites, as pessoas se dedicavam muito para existir, quando esse gás vai acabando, cada um até podia oferecer mais, era uma proporção menor. A turma foi aumentando. Hoje somos em 120 sócios, de sexta-feira nós temos 75 alunos. Têm questões como ficha de currículo, tem questões de carga horária, histórico de nota, frequência. Teve um tempo nesses primeiros 10 anos que quase se sucumbiu a essa idéia que se falava que era mais afetivo, mas que no fim era mais amador. Era assim: se você pode então ficava na diretoria por cinco anos, quase acabado. E depois dessa diretoria, ninguém mais agüentava, não tinha gás para nada, porque era sábado, domingo, de noite até de madrugada. Resultado: era muita paixão. Depois a gente deu uma virada bastante grande que começou com a turma 11 que coincide com a história do congresso, porque a gente foi para fora em 1985, no Congresso da Argentina. Somos da turma 5... Acho que a turma 11 é de 1987. Ano do Congresso da Espanha. A gente parou um ano de dar curso para se estruturar. Eu me lembro que o Landini ficou assustadíssimo. O curso era em final de semana. Era sábado e domingo, professor quase não ganhava nada, vinha por amor. Era tudo movido pela paixão. Acho que essa coisa de paixão continua, mas teve que profissionalizar um pouco, dar uma virada, fazer as coisas mais claras, é trabalho, mesmo não sendo de grandes lucros, mas é trabalho. Todo mundo tem que sobreviver. A gente profissionalizou. Ninguém ganha dinheiro aqui para sobreviver daqui, mas também não é aquilo da filantropia, do voluntário.

Agenor: Isso dá uma consistência porque você vai para o lugar receber um curso. Quando você entra como aluno sabe que vai terminar um curso que é sólido, que não vai faltar professor, que não vai ter aula vaga que não vai poder fazer nas coxas, não é um curso vago. Você vai ter que cumprir horário e frequência, vai ter professores. Por exemplo, se quiser fazer matrícula hoje, você tem todas as datas de todas as aulas do ano todo aqui do Instituto, com os professores já nomeados. É um curso que garante a seriedade e são profissionais formados para serem professores, não pode ser qualquer um que pode dar aula. Isso é uma coisa que transmite confiança para quem vem receber o curso de Psicodrama. Ele sabe que se matricular hoje, daqui a dois anos e meio, se cumprir tudo, vai ter o diploma dele. Porque teve muitas escolas no Brasil que abrem cursos, mas não dão garantia de chegar até o final. Se as pessoas saírem eles fecham. Hoje o Instituto é reconhecido por isso, nacionalmente, como uma instituição sólida. Formativa mesmo de Psicodrama. Outra coisa interessante do Instituto é que por ele ter todo esse tempo, foi cofundador de outras escolas, de pessoas que passaram por aqui, se formaram aqui, que não

eram de Campinas, e fundaram escolas de Psicodrama em outras cidades, por exemplo: São José do Rio Preto, Uberlândia, Marília. O Instituto fica como uma espécie de padrinho da fundação. São profissionais que foram formados aqui e que foram para suas cidades e criaram outros institutos, outras escolas. Além disso, o Instituto já foi presidente da FEBRAP quando na época as instituições que dirigiam a FEBRAP. Então elas mudavam de sede a direção da FEBRAP. O Instituto já foi presidente e já foi responsável pela organização de um congresso. O congresso acontece a cada dois anos no Brasil e reúne todos os Psicodramatistas. Agora nós vamos ter o 13º Congresso, na Bahia, em maio e junho de 2002. O Instituto também sempre foi convidado para ser comissão científica do congresso, co-responsável pelo congresso. Então o Instituto tem uma fama de realizador de coisas, executor de tarefa.

Bernadete: Houve um tempo primeiro em que também houve muita confusão na formação em psicoterapia. Era uma coisa assim fazia o grupo e ia misturando um pouco com terapia e aí não dava, saía gente, daí parava. Houve uma cultura assim que tirou um pouco da seriedade do trabalho em várias escolas, no começo. Acho que nessa virada que a gente constata que não dá, porque cada um tem sua vida e se é uma coisa que a gente gosta mesmo vamos fazer isso mais profissional. Para ter uma sede, para ter um respaldo. A gente tinha uma dificuldade muito grande em mexer com o aspecto financeiro. Porque confundia o fato assim não é entidade lucrativa, mas também tem que sobreviver tem que ter uma estrutura e tem que ter gastos, até hoje ter essa coisa de ter um contrato, que é semestral mas é claro esse contrato. A gente tinha uma parte administrativa e organizativa muito amadora, feita por nós mesmos, por quem podia e tinha tempo. Era uma coisa que a gente tinha muito dificuldade, a instituição de Campinas e outras também, e isso foi superado deixando mais claro esse papel. Hoje estamos na direção, temos que dirigir isso aqui, sexta-feira eu sou professor, sou supervisor, então não tenho nada que ver com a administração. Estou lá dentro da classe preocupado com a aprendizagem, com relações e tal. A gente trabalha em nós os papéis, são outros papéis.

Agenor: Atualmente a diretoria é composta de diretores que podem ser dois ou três e um conselho de sócios que podem ser cinco pessoas, com dois suplentes. Mas é a assembléia geral e extraordinária que determina se pode nos depor ou não, pode nos questionar através de requisição dos sócios. Tem um corpo de sócios que tem uma assembléia geral. O mandato é de um ano. Se a pessoa quiser voltar... Por exemplo, a gente dirigiu no ano passado e nos candidatamos novamente, fomos reeleitos para esse ano. No final do ano tem uma assembléia, todo ano tem assembléia. A gente apresenta um plano de ação, de quais são as idéias.

Bernadete: A gente contratou uma administração. A gente não tem mais aquela diretoria que aquelas reuniões que iam até duas horas da manhã. A gente enxugou porque achamos que a articulação fica melhor, dá menos trabalho. Agora a gente trabalha muito mais por comissões. Então, por exemplo, a gente tem uma pessoa que representa o Instituto lá fora. Cada escola tem um representante junto a FEBRAP. Por exemplo, o pessoal do serviço social que queria uma formação e a gente foi ver e ficou uma comissão para fazer o curso. Tem uma outra comissão que está preparando uma jornada interna. Então a gente faz candidatura, publica, como é que são aquelas condições, a pessoa se candidata e trabalha por comissão. Mas por comissão é tempo determinado. Essa comissão de jornada vai até

setembro. Concluída sua tarefa, acabou comissão. Qualquer sócio pode se candidatar para as tarefas. Vai revezando mais. Não são mais sempre os mesmos.

Agenor: A diretoria trabalha uma tarde por semana, tem uma carga horária mensal. Depois o conselho trabalha uma vez por mês, eles se reúnem e fazem uma reflexão ideológica da instituição e quando entra no corpo docente ele é obrigado a participar da reunião de professores, quando se discute metodologia, ideologia, funcionamento, modificação curriculares. Temos aulas todas as sextas-feiras, com exceção da última do mês, que é reservada para reunião de conselho e reunião de professores.

Bernadete: A gente tinha também aquela coisa de estar com a biblioteca super desatualizada, sempre o pessoal querendo mais livros. Daí a gente criou esta livraria que vem com um desconto bom, direto das editoras, e tudo o que ganha é revertido para a biblioteca. Quando a gente começou o curso, no segundo ano eu já era para ser presidente, porque a gente não tinha pessoas. Então você estava estudando, acabando de entrar na escola, se bobeasse já era presidente. Acabou que fizemos um jogo para eu ficar como vice. Já no segundo ano do curso eu já estava na diretoria. Depois rapidamente já tinha que ter alguém para representar a FEBRAP. A gente vinha de DCE, DA, tinha bastante envolvimento. Acabava indo quem tinha este tipo de disponibilidade, não quem estava preparado. De estudante de Psicodrama e recém-formada de Psicologia acabei meio que indo para lá. Em 1985, não me sentia muito preparada, mas fiquei presidente e tive que ir para a FEBRAP. Fiquei como conselheira, depois teve o congresso internacional, fiquei como vice-presidente.

ENTREVISTA COM ELENA NOSEDA BUSTOS

É Esposa do Dr. Dalmiro Bustos e trabalha com o Psicodrama Pedagógico há 30 anos, na Argentina. É professora de Letras, tem trabalhado com alunos de nível secundário e nível superior. Atualmente trabalha aplicando o Psicodrama em áreas distintas: comunitárias, educativas, tanto na Argentina como no Brasil.

Data: 20/10/2001.

O envolvimento com o Psicodrama Pedagógico

Há muita gente que não conhece o Psicodrama. Quando a gente conhece, a gente tem a mesma alegria e admiração, no meu caso, de trinta anos atrás. A gente fica encantada! Fiquei muito interessada em difundi-lo.

Quando o Psicodrama chegou na Argentina pelos anos 1962 e 1963, inicialmente começa com o Psicodrama Terapêutico, mas Maria Alicia Romaña, uma pedagoga, fez ser possível também na educação. Quando ocorre o Congresso Internacional de Psicodrama, no ano 1969, em Buenos Aires, quando Moreno visita pela primeira e única vez o país, eu assisti a apresentação oficial do Psicodrama Pedagógico, onde Romaña trabalhava uma situação da independência Argentina, uma situação histórica. E ali estavam pedagogos

brasileiros e argentinos. Esta é a apresentação oficial do Psicodrama Pedagógico ao mundo. Eu acredito, não me recordo bem, se também estava Marisa Nogueira Greeb, que também é brasileira.

Eu fiquei encantada, apaixonada pelo método e iniciei formação com Romaña nos anos 70. E, paralelamente, no Brasil também se iniciou a formação de Psicodrama Pedagógico. Foram irmãs, ao mesmo tempo, em paralelo. Aqui em São Paulo, com Marisa Greeb que aprendia também com Romaña que viajava de Buenos Aires a São Paulo. E por questões políticas, Romaña veio para o Brasil e eu continuei minha formação em outras linhas. Na linha pedagógica eu aprendi isso. Depois tive formação com Zerka Moreno. Eu conheci Moreno também. Fui visitá-lo com meu marido. Eu era bem mais jovem, tinha 30 anos. Estava esperando minha última filha e não falava inglês. Então o conheci, mas não tive formação com ele, mas sim com Zerka Moreno. Levou muitos anos a Zerka Moreno para formar Psicodramatista na Argentina. Zerka trabalhava com Psicodrama em geral, aplicado a tudo.

Sou professora de Letras, toda minha atividade de 30 anos eu apliquei o Psicodrama no ensino da língua espanhola. Literatura, gramática, textos literários. Sempre diziam que a professora de Letras gostava de teatro. Então iniciamos. Eu morava na cidade universitária chamada La Plata, cidade como Campinas. Comecei a formação de professores em Psicodrama Pedagógico. Professores de línguas, de história, de geografia, de filosofia e também iniciei uma formação muito interessante e muito prolongada, em tempo, na cidade de Córdoba, é a segunda cidade do país e também uma cidade universitária também. Esta é a história do meu envolvimento com o Psicodrama Pedagógico na Argentina.

Mas aqui no Brasil tínhamos essas irmãs, Marisa e outros, viajavamos a São Paulo para encontrarmos os colegas, trabalhávamos e trocávamos idéias. Estávamos bem juntas. Depois foram outras épocas no país porque veio o governo militar na Argentina. Uma época muito difícil para o desenvolvimento do Psicodrama, para o desenvolvimento de qualquer coisa, digamos. O Psicodrama foi perseguido porque ele era liberador, criativo, porque pensava. Foi uma época muito difícil mesmo! Eu tenho um artigo meu, em Português, onde eu relato a minha estória com o Psicodrama na Argentina. Eu vinha sempre a Congressos no Brasil. Meu marido viaja continuamente, então minha relação com o Brasil é muito próxima. Quando Jaime Rojas Bermudez veio, nos anos 70, no I Congresso de Psicodrama em São Paulo, havia muita gente. Eu participei também da formação com Jaime Rojas Bermudez, na Argentina. Eu vim num congresso de Psicodrama e havia a apresentação de um livro da professora Escolástica Fornari Puttini sobre o Psicodrama Pedagógico. Então eu me apresentei e ela me conhecia... Então começou um relacionamento muito bom e passaram dois anos e Escolástica me convidou a escrever com ela um artigo nesse livro. Quando escrevi o artigo, vim na apresentação do livro e conheci a Luzia Mara também e aí comecei a olhar com o desejo de trabalharmos juntas. Eu não sabia que Escolástica tinha uma faculdade. Eu não conhecia... Ela me convidou e fui até Jundiá e vi que a Faculdade de Pedagogia, enorme, e me convidou para fazer parte da pós-graduação do Psicodrama Pedagógico. Comecei a viajar todos os anos, oito dias por ano, e comecei a ministrar aulas de Sociometria. Viajo habitualmente e trabalho lá todos os anos até hoje. Eu comecei em 1999 e agora Luzia Mara está trabalhando na UNISAL, em Americana, e me convidou para trabalhar lá também. Temos a mesma matriz, a mesma formação profissional. Atualmente faço parte também da Comissão da Sociedade Argentina de

Psicodrama. Temos um instituto de formação também lá. Temos um instituto em Buenos Aires, Instituto de Psicodrama Moreno que forma Psicodramatista clínico, aplicado à educação, comunitário. Dalmiro Bustos trabalha com o terapêutico e eu com o aplicado.

O Psicodrama na Argentina

Quando o Psicodrama nasceu na Argentina foi o momento de maior criatividade e pensamento. Foram os anos 1964 a 1970, 1972. O Psicodrama Pedagógico nasce nesse momento de abertura da educação, num momento de formação histórica maravilhoso.

Os anos da ditadura da Argentina foram tremendos. Foi posterior à ditadura do Brasil, 10 anos depois, em 1976. Penso que a Argentina não se recuperou ainda. Teve a Guerra das Malvinas... A Argentina está caminhando... O Brasil é mais alegre! Os argentinos são melancólicos, como o tango.

A produção intelectual sobre o Psicodrama Pedagógico que se encontra no Brasil, não existe na Argentina. A Argentina é tímida, insegura, para publicar. Trabalha-se muito, mas essa paixão espontânea... O povo argentino gosta muito de psicologia, mas gostava muito mais antigamente, antes dos problemas financeiros. Se você passear no país, por exemplo, um taxista vai falar de psicologia. A psicologia faz parte da vida. É diferente no Brasil.

Na Argentina os grupos que trabalhavam com Psicodrama eram psicólogos que se especializaram e aceitaram perfeitamente que existia um outro grupo que queria fazer outra coisa. Não brigavam. Nunca houve problema nesse aspecto. No Brasil teve alguns problemas, muita briga. Os educadores sentiam-se constrangidos. Em seguida o clínico se separou em Psicodrama Clínico e Aplicado. Eu concordei com essa diferenciação.

Quanto à formação do Psicodrama, existem muitas instituições, inclusive aqui conosco, com formação conjunta para terapeutas e para aplicados. Eu acredito que cria certa confusão. Eu sigo preferindo separados. Pode haver atividades em conjunto, muitas atividades em conjunto, mas eu prefiro separado. Por exemplo, na Sociedade Argentina de Psicodrama as formações são em conjunto, mas às vezes, os clínicos não estão conformes porque têm poucos clínicos e os educadores não estão conformes porque tem pouco educador. É possível que se andem juntos no primeiro ano, por exemplo, no primeiro ano, e depois separados. É específico! Nós que trabalhamos em Psicodrama Pedagógico, trabalhamos com alunos. É uma grande diferença. Não estamos trabalhando com problemas psicológicos. Estamos trabalhando com problemas aplicados à aprendizagem no sentido amplo, ao trabalho em grupo em empresas, em fábricas, na comunidade, fábricas, na comunidade.

O Psicodrama na atualidade

O Psicodrama tem mudado. Por exemplo, na Argentina, neste momento, eu trabalho mais com trabalhadores comunitários e com educadores. É uma questão de demanda, de atividade e possibilidade de trabalho. Hoje eu trabalho com o Psicodrama Pedagógico, mas também trabalho com teatro espontâneo. O teatro espontâneo é o descobrimento dos últimos anos. Minha proposta de trabalho é com o teatro espontâneo. Esta é uma mudança

importante. Eu tenho me especializado também em teatro espontâneo. Dentro do teatro espontâneo existe uma variedade de linhas, isso porque o teatro espontâneo tem uma utilidade muito grande.

ENTREVISTA COM PIERRE WEIL

Pioneiro do Psicodrama no Brasil, o professor Pierre Weil trouxe, da França, o Psicodrama Triádico para Belo Horizonte. Esta entrevista foi realizada por correio eletrônico devido às dificuldades de locomoção do entrevistador.

Data: 22/12/2002

Professor Pierre, como foi seu envolvimento com o Psicodrama?

O meu primeiro contato com Psicodrama foi quando em 1959 fiz um grupo de Psicodrama Triádico em Paris com Anne Ancelin. Empolguei-me muito e resolvi me preparar sob a orientação dela primeiro.

Em seu livro "Psicodrama", o senhor escreve que a professora Helena Antipoff foi a pioneira nos trabalhos psicodramáticos no Brasil. O senhor saberia me dizer como se deu isso?

Helena Antipoff fez algumas demonstrações. É tudo que eu sei.

Somente o senhor cita que o Psicodrama no Brasil chegou pela Helena Antipoff. O senhor poderia me dizer qual é o motivo?

Falei o que eu dei e que ela me declarou na época.

O senhor teve um papel importante na divulgação do Psicodrama. O senhor liderou o movimento psicodramático no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. Como era essa liderança?

Foi, sobretudo, uma formação de Psicodramatistas dentro da linha de Grupo Triádico e de muitas conferências no Brasil.

Como foi a expansão do Psicodrama para os outros estados no Brasil?

As escolas de São Paulo que cito no meu livro também contribuíram muito.

O senhor, primeiramente, utilizou o Psicodrama na área de Recursos Humanos e, somente algum tempo depois, nos meios universitários e educacionais, em Belo Horizonte. Como foi isso?

Paralelamente à formação a que me refiro acima, usei o Psicodrama na Formação de Gerentes do Banco Real em Belo Horizonte. Também criei um Psicodrama de Antecipação em Psicologia. Aplicada da Fundação Getúlio Vargas. Uso também o Psicodrama no meu conjunto de Seminários "A Arte de Viver a Vida".

Qual era a proposta da fundação da Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Dinâmica de Grupo e Psicodrama, que tinha regionais Rio de Janeiro e Belo Horizonte?

Dar uma formação em Psicodrama Triádico e Dinâmica de Grupo.

Como o senhor vê, hoje, o movimento psicodramático no Brasil?

Feliz de ver sua enorme expansão.

ENTREVISTA COM VERA SALDANHA GARCIA

Psicóloga, psicodramatista, com formação também em na área de psicologia transpessoal. Fez parte da diretoria e fundação da Associação Campinense de Psicodrama e Sociodrama.

Data: 24/01/2002

O envolvimento com o Psicodrama

O Psicodrama teve uma influência muito grande na minha ligação com o Transpessoal assim como o transpessoal teve também com o Psicodrama porque foi através de Pierre Weil que eu entrei, a partir de 1978, nessa área da Psicologia Transpessoal. E, também, fiz parte de todo um momento do Psicodrama no Brasil. Atualmente, encontro-me mais distanciada, embora encontro sempre com uma certa frequência com algumas pessoas. Por exemplo, com Pierre Weil, com Carlos Martinez Bouquet, a Celi Wagner quando está aqui no Brasil também. O Psicodrama sempre foi uma coisa que sempre me chamou muito a atenção, desde a época de faculdade.

Eu fui fazer como uma disciplina optativa e fiquei fascinada. Foi uma coisa importante. Fiz esta disciplina optativa com o professor José Carlos Landini. E, assim, recém-formada, fui trabalhar no Cândido Ferreira com o Dr. Décio Pinto de Moura e lá nós fazíamos Psicodrama com os grupos de psicóticos e era muito gratificante. E teve de no final do ano a gente apresentar uma peça de Psicodrama, de teatro, para todo mundo, para aquelas pessoas que eram subestimadas, que eram pacientes que estavam lá há muitos anos em uma condição humana deteriorada e, no entanto, conseguiam entrar na cena, conseguiam possibilitar que mais espontaneidade aflorasse. Então fui sentindo que o Psicodrama trazia à tona uma dimensão do ser humano que muitas vezes ficava bloqueada dentro de um contexto convencional. Eu havia me submetido à psicanálise durante três anos, tive monitor, tinha grupos de estudos com o Dr. Roberto Pinto de Moura, inclusive nesse grupo de estudos com o Dr. Roberto foi onde eu conheci a Éster, que é uma psicóloga que faz um trabalho lindo em Psicodrama, faz parte do Instituto, e eu falei “poxa, psicanálise é ótima, mas acho que o Psicodrama tem alguma coisa importante”.

O meu início no Psicodrama, em termos de formação, foi através da ACPS e o Psicodrama foi trazido pelo Bermudez. Mais só quando conheci o trabalho do Psicodrama Triádico, o Psicodrama Psicanalítico e o Psicodrama de Orientação Transpessoal, que era a proposta do Pierre Weil que ele chamava de Cosmodrama, é que realmente eu disse “não, é isso que quero”. Porque o Psicodrama do Bermudez, embora foi o que deu origem a nossa

Associação, o Bermudez foi co-fundador da ACPS junto com o Alfredo Soeiro, mas era o Psicodrama muito técnico, onde a relação humana, onde a espiritualidade do Moreno foi colocada de lado. Onde se visava muito o enfoque técnico, ainda tinha aquela postura de o diretor e o paciente. O Moreno até teve essa fase extremamente técnica quando esteve nos Estados Unidos, mas tanto no início de sua vida quanto no final, inclusive com algumas declarações que o Pierre fez de encontros com Moreno próximo ao leito de morte, onde ele então trazia toda uma dimensão muito mais ampla do ser humano quando, por exemplo, falava sobre a tele. Pierre me disse que o Moreno disse a ele, e depois isso veio a ser publicado em um dos editais, que não tinha dúvida que havia uma dimensão parapsicológica no fenômeno da tele, não era só a técnica pela técnica. Realmente havia uma alquimia, uma transmutação muito forte quando você está vivenciando essa realidade suplementar, quando está nesse “como se”. Você consegue trazer à tona uma dimensão do ser humano que muitas vezes fica inibida, amortecida. E aí a grande importância do trabalho do Moreno também na educação, porque os nossos alunos são muitas vezes tolidos na sua espontaneidade e com isso a aprendizagem fica comprometida. Esse foi um dos motivos pelos quais a ACPS, quando eu entrei na gestão como presidente e depois fazendo parte também representando a ACPS na Federação Brasileira de Psicodrama, reivindicou que o Psicodrama pudesse ser também ensinado para os educadores e que a gente pudesse ter na sua forma proposta pela Zerka Moreno, o Psicodrama Aplicado ou Psicodrama Pedagógico e o Psicodrama Terapêutico. E esse foi, vamos dizer, um dos grandes desafios que a ACPS enfrentou.

Foi a Associação que aqui em Campinas se comprometeu, na sua diretoria, se posicionou diante da FEBRAP: “estamos sim dando o Psicodrama Pedagógico”. Porque a FEBRAP não permitia, permitia apenas que fosse dado somente a psicólogos e médicos. Se você quisesse ser uma Associação “respeitada”, isso é muito relativo porque têm pessoas que fazem um trabalho muito bom independente de estarem filiados, mas de alguma forma para participar da FEBRAP, para ter este *status quo*, de estar filiada, de ter seus pares interlocutores onde você poderia estar tendo uma discussão acadêmica, uma discussão científica, tinha que fazer parte do movimento da FEBRAP, que era responsável e é até hoje, pelos congressos, onde existe toda uma legislação do currículo básico e mínimo de todas as associações, onde após a formação, por exemplo, após a minha formação de Psicodrama eu fiz mais um ano onde para ter esse credenciamento de professor/supervisor e depois mais dois anos para ser terapeuta de aluno. Então você tem um reconhecimento oficial pela FEBRAP, e quando isso acontece significa que além dos seus quatro, cinco anos, você fez mais dois anos, fez trabalhos, aprofundou, então dá um credenciamento. E a gente queria participar. Não queria deixar de fazer parte da FEBRAP, mas queríamos que o educador pudesse participar do movimento psicodramático. A mim me pareceu um despropósito que de repente não se pudesse tratar do distúrbio de aprendizagem, um pedagogo, por exemplo, com técnicas psicodramáticas. Se a técnica é psicodramática, é um elemento chave para favorecer a espontaneidade e a criatividade. A alegação da FEBRAP para não aceitar os educadores era de que o Psicodrama tinha um viés terapêutico e que por ter um cunho terapêutico deveria necessariamente ser dado pelo psicólogo ou pelo médico. Isso tem a ver um pouco com a nossa legislação federal. No Brasil se reconhece como psicoterapeuta o médico e o psicólogo. Então oficialmente em termos de uma legislação federal, em tese, somente o médico e o psicólogo é que poderiam fazer um trabalho psicoterapêutico. E a nossa colocação é de que esse psicoterapêutico poderia ser focado

num psicoterapeuta clínico onde realmente o educador, o pedagogo, o fonoaudiólogo, não iria entrar. Mas que existisse uma ação terapêutica de vários agentes. Como, por exemplo, um professor tem uma ação terapêutica sobre você. Um fonoaudiólogo, ele tem uma ação terapêutica sobre você. Um terapeuta ocupacional, também tem uma ação terapêutica. E se esse profissional pudesse ter um instrumento como o Psicodrama, iria ajudar de uma forma muito mais adequada. Então essa é a, vamos dizer, a nossa frente de dizer que a ação terapêutica tem sim um Psicodrama Pedagógico, mas que não era só o Psicodrama Pedagógico, porque se você fosse ver assim não poderia nem a um amigo, porque se der um ombro amigo ou se é um professor que tem um diálogo, um acolhimento com seu aluno, você está fazendo psicoterapia? Então nós começamos a ter um enfoque discernindo bem o que é Psicodrama Clínico que tem uma ação terapêutica que vai estar trabalhando com uma patologia, com um comprometimento, em termos de neurose, de *bourdeline*, e também nós temos vários grupos dos quais eu participei e participo ainda até hoje mesmo mais distante do movimento psicodramático.

Através da ABRATE eu dou formação em vários estados e um dos estados onde nós demos formação, já temos duas turmas formadas em Psicologia Transpessoal, em Curitiba. Em Curitiba estas duas turmas nós tivemos oportunidade de termos nove pessoas do Hospital Espírita que é do Alexandre Sechi, que é uma das pessoas que fez parte do Psicodrama desde de sua origem, que tem este hospital já há 40 anos e todo grupo dele, a equipe de psicólogos e de médicos, fazem o treinamento psicodramático. Então ele introduziu o trabalho de terapia ocupacional de grupos operativos de Psicodrama no atendimento com psicóticos, com resultados belíssimos. Quem trabalha na área com psicóticos precisa conhecer este trabalho que é feito no hospital em Curitiba. Precisa conhecer porque é um trabalho muito bom. E esse grupo procurou a LUBRATE quando nós fomos dar curso em Curitiba, fez a formação em Psicologia Transpessoal e hoje já tem uma ala onde fazem um trabalho de Psicodrama com Orientação Transpessoal para psicóticos e também para pessoas com comprometimento neuróticos mais acentuados de estudo bipolar.

O que nós fizemos na ACPS? Nós colocamos um currículo onde o Psicodrama Clínico teria um determinado currículo e o Psicodrama Aplicado onde teria outro currículo. Esse Psicodrama seria aberto tanto para fonoaudiólogo, para pedagogo, para professores, e eles poderiam estar aplicando no tratamento de distúrbio de aprendizagem e poderiam estar aplicando também dentro da sala de aula. Se o professor puder usar o recurso psicodramático, ele vai conseguir uma relação melhor com seus alunos, vai conseguir um nível de aprendizagem, de criatividade, de espontaneidade, otimizado, muito mais adequado. E essa foi a nossa batalha na década de 80, no início, 82, 83, quando então nós assumimos essa frente. A partir do momento que nós assumimos que estávamos fazendo isso, tivemos muitas oposições, sim, e no caso, até diria que eu e a Inah Soares Moreira, por termos formação em psicologia, um pouco menos, mas a pedagoga que nós havíamos convidado porque achamos que era uma pessoa que tinha uma formação muito boa com Pierre, tinha formação em pedagogia, em psicopedagogia, tinha formação com Maria Alicia Romaña, já fazia esse trabalho desde 1978, seria a pessoa indicada para estar na nossa Associação. Era a Celi Wagner. Ela teve oposições seríssimas. Pegavam pesado com ela nas reuniões da FEBRAP.

No início era só ela. Nós tínhamos já nessa ocasião algumas outras escolas, por exemplo, a pedagoga Heliade Fonseca, em São Paulo, que tinha um instituto onde dava formação em Psicodrama Pedagógico, mas era dissociado da FEBRAP, não fazia parte da FEBRAP, não era regulamentado pela FEBRAP. Havia uma certa rejeição. Isso causava muitas brigas, muitas polêmicas, a questão de brigas por poder. No início foi muito difícil, mas à medida que nós assumimos isso, a revolução criadora da Ana Maria Zampieri se juntou a nós. Celi Wagner ainda dá muitos módulos na área de Psicodrama Pedagógico. Outras associações começaram a dizer “não, nós também fazemos”. E isso começou a crescer até que se chegou em um consenso que tínhamos dois caminhos: ou continuar dando o Psicodrama Aplicado, o Psicodrama Pedagógico, extra-oficialmente, à revelia da FEBRAP ou a FEBRAP passaria a aceitá-lo e, inclusive, estabelecer as mesmas normas fundamentais como o currículo mínimo.

Nós levamos as primeiras propostas de currículo mínimo para a formação do Psicodrama Pedagógico aqui em Campinas e, a partir daí, o movimento começou a crescer, crescer e crescer, e hoje isso já é quase que um consenso, não existe mais esse questionamento: se deve ser dado o Psicodrama para educadores ou não. Agora nós temos ainda algumas linhas dissociadas, por exemplo, e algumas pessoas que não querem fazer parte da FEBRAP. A Companhia de Teatro Espontâneo, de Moises Aguiar, ele coloca que quando se está trabalhando com o aluno se de repente emergir o contexto emocional você tem que trabalhar. Tem que ter uma boa formação, porque você tem que tomar conta de tudo. Outras escolas já dizem não, você tem que fazer um viés e trabalhar só enquanto que no processo ligado ao papel de aluno. Nós vamos trabalhar o Psicodrama Aplicado, o Psicodrama Pedagógico, no desempenho do papel de aluno, no que tange a aprendizagem. Em relação a isso o que posso falar da minha experiência é que depende do grupo com que se está trabalhando.

Atualmente, eu venho desenvolvendo um trabalho de Transpessoal, mas onde o trabalho que faço em Transpessoal tem uma base muito grande de Psicodrama, pois a Transpessoal não exclui as outras linhas. Você pode fazer um Psicodrama de Orientação Transpessoal. Tem uma influência muito grande no trabalho de Psicodrama. Nós fazemos atualmente um trabalho de Transpessoal com a rede municipal em Altinópolis. O que acontece, por exemplo, quando eu vou fazer um trabalho com aquelas professoras? Se eu entrar no viés psicológico, entrar nas questões pessoais, não vou ajudar, vou trazer à tona coisas que aquelas pessoas não vão ter o suporte posterior porque não estão em terapia, elas têm uma série de dificuldades tanto por ser uma cidade do interior quanto por ser um educador que tem todas as limitações do ensino fundamental aqui no Brasil. Nós trabalhamos, sim, com o desempenho de papel.

Se eu vou trabalhar, por exemplo, com o roteiro de vida que é um trabalho que a gente faz no Psicodrama, foi um dos trabalhos que durante a minha formação eu iniciei com a Vera Pessanho e depois desenvolvi um dos trabalhos meus de credenciamento para titulação de professor-supervisor. Esse roteiro de vida, se eu mudar para um profissional, para um trabalho pessoal, vou trabalhar com o roteiro de vida pessoal, de acontecimentos que marcaram a vida pessoal e as transformações que isso foi tendo. Quando vou trabalhar esse modelo com os professores, não trabalhamos o tempo de vida, trabalhamos o tempo de profissão. Então trabalhamos com o roteiro dele profissional. Então é da escola que temos para a escola que queremos; do professor que sou ao professor que desejo. Eu trabalho só

com o desempenho de papel. Claro que se vem uma emoção maior, eu dou um suporte, mas sem abrir núcleos porque esse que é o risco. Você precisa discernir o grupo que você está atuando para ver se aquele é um espaço onde vai poder trazer à tona questões emocionais pessoais sem causar constrangimento àquela pessoa. Você só tem que dar apoio, suporte, e fazer com que o grupo seja somente um continente. Já, por exemplo, com um grupo de profissionais pequeno que trabalhamos num grupo de empresa, eles eram um grupo onde já foi feito em um ambiente mais restrito, aonde iam ao consultório para o trabalho e que as questões pessoais vinham à tona e aí entrávamos, embora o objetivo era trabalhar com o desempenho do papel profissional lá entrávamos também nas questões pessoais. Para mim, me parece, isso é uma opinião pessoal, de que não dá para você ter estabelecido assim nunca no Psicodrama Aplicado ou Pedagógico você vai poder entrar em questões muito pessoais, só vai ficar no desempenho de papel profissional. Porque via de regra sim, mas eventualmente você vai ter que entrar nas questões pessoais. Isso ainda causa uma certa polêmica tanto que essa Companhia do Teatro Espontâneo está e outros já têm distintos, o que é aplicado e o que é pedagógico.

Na época da fundação da ACPS, o Instituto do Psicodrama ainda estava, podemos dizer, gestando. O Landini já dava aula de Psicodrama na PUCC e ele tinha intenções, começou a agrupar pessoas, mas posteriormente é que o instituto foi fundado. A Associação foi fundada por pessoas que eram muito comprometidas com o Psicodrama, muito realistas. Essa matriz do Bermudez, do Alfredo Soeiro, da Inah Moreira, eles tinham uma idéia, inclusive faziam um questionamento muito grande, por exemplo, em relação à produção teórica do Psicodrama. Hoje nós temos felizmente já muitos trabalhos e aí nesse sentido a FEBRAP foi importante. Nós temos publicações excelentes de psicodramatistas. Nessa época que a Associação iniciou nós não tínhamos publicação nenhuma no Brasil de autores brasileiros. Os livros do Moreno... Devia ter um único livro traduzido, que era o famoso “Psicodrama”, mais nenhum. O próprio “Sociometria” foi lançado posteriormente e o livro “A introdução ao Psicodrama”, do Bermudez. A partir daí realmente começou a se divulgar mais o Psicodrama aqui em São Paulo. E, em Belo Horizonte, tem um histórico anterior, mas que São Paulo é que faz as coisas acontecerem, quer queira quer não. Porque a Helena Antipoff, na década de 30, ela já tinha levado o Psicodrama Pedagógico aqui no Brasil. E, no entanto, isso acabou meio que... O que aconteceu em São Paulo? Em São Paulo aconteceu o Psicodrama Terapêutico e, posteriormente, com a vinda do Pierre a coisa começou a crescer também em Belo Horizonte, concomitante em São Paulo, se uniram aí viram que eram vários estados que deviam ter o Psicodrama e aí acabou na década de 70 se criando a FEBRAP. Mas acabou acontecendo com o cunho terapêutico, não com o cunho do Psicodrama Aplicado. Uma das coisas, por exemplo, eu cheguei a participar de várias reuniões com o Alfredo Soeiro, Rojas-Bermudez e a Inah Moreira e eles questionavam. Nessa época o Joel Gilio fazia parte também, algumas reuniões aconteceram na Unicamp.

Lembro-me de uma das reuniões. Foi quando o Maurício Knobel estava chegando aqui no Brasil. Eu fazia parte do grupo de estudos de psicanálise do Dr. Roberto, depois do Arthur Vianna, esse grupo é que estava trazendo o Maurício Knobel, e também fazia parte já do Psicodrama. Então me lembro que nessa reunião eles colocaram que o Psicodrama é uma ótima técnica, mas carece de fundamentação teórica. É muito precária. Essa é uma crítica que era muito forte. Não tinha espaço do Psicodrama entrar na universidade. Nós começamos a ver que o Moreno tinha publicações, muitas publicações, mas que não estavam traduzidas aqui no Brasil. Muitas, inclusive, estavam em alemão. Então o acesso

era muito restrito. E produção de autores nacionais nenhuma. Então a ACPS, talvez por ter essa matriz do Bermudez que estava trazendo para a América Latina o Psicodrama, havia esse comprometimento de ampliar a fundamentação teórica do Psicodrama, desenvolver os trabalhos do Psicodrama com os psicóticos, tanto que a Inah trabalhou muito tempo lá no Cândido Ferreira, junto com o Décio, e levava o pessoal para lá, levou para Itapira. Teve um dos psiquiatras que era o Sergio, de Itapira, levou para lá o Salzani, também de Itapira, então havia um anseio em melhorar a produção teórica, a produção científica, tornar o Psicodrama mais respeitado. Mas isso tem a ver com o contexto da época.

Hoje já temos inúmeros livros do Moreno traduzidos e publicados no Brasil. Os que não estão em português, estão em espanhol, com acesso muito mais fácil. A produção no Brasil é excelente. Tivemos trabalhos de muita relevância, sem perder as origens de Moreno, mas foi ampliando, foi aprimorando. O Brasil, sem dúvida nenhuma, deu uma contribuição fantástica ao Psicodrama Terapêutico. Eu acredito que o Brasil tenha profissionais extremamente competentes, pessoas que estão comprometidas na área da saúde, que se empenham, que podem dar uma contribuição muito grande no Psicodrama Aplicado. Acho que as produções que existem em termos de Psicodrama Pedagógico acabam ficando restritas, são pouco divulgadas, não tem tanta penetração quanto às obras que são publicadas do Psicodrama Terapêuticos. Nos congressos que a gente participa, observamos que a educação no Brasil sempre, pelo menos nesses últimos 30 anos, é uma coisa colocada em segundo plano. Esse trabalho que a gente tem feito em Altinópolis, hoje, depois de um ano com esse trabalho específico e pelo menos quatro anos que o médico que fazia parte da prefeitura anterior se empenhou na área da educação tentando fazer com que o professor se sinta digno, se sinta como uma pessoa importante e necessária para a formação de outro ser humano. A baixo-estima do professor, a desvalorização dele na profissão, a coisa de ver a educação ainda como um patamar inferior. Isso existe, não é uma coisa explícita, mas nós observamos isso. Existe uma postura diferente do grupo de médicos e do grupo de educadores. E, infelizmente, ainda uma idéia distorcida como se um fosse mais competente do que o outro. Isso é um mito porque o ser humano precisa tanto do educador, precisa do Psicodrama Pedagógico e do Terapêutico. Então não é o fato de você ser psicóloga ou se médico que vai contribuir mais com o aluno. De forma nenhuma! Como um pedagogo, como um educador você vai contribuir. Na minha percepção, quando colocamos Psicodrama Pedagógico na Associação nós nos comprometemos assim nossa missão será oficializar o Psicodrama Pedagógico, ser acolhido pela FEBRAP. E isso passou a ser. Fiquei muito feliz dessa abertura, do Valério Arantes estar levando trabalho de Psicodrama para a UNICAMP para que haja um reconhecimento mais intenso, mais amplo, da importância do Psicodrama na educação. Acho que isso ainda todo mundo acha bonitinho, interessante, bom, tal, mas olha sabe porque o Vygostky... Olha, porque o Piaget... A gente sente assim não é uma coisa explícita, mas eu acho que o Psicodrama ainda tem que ter o seu espaço reconhecido tanto quanto o outro que hoje nós sentimos que o Psicodrama Terapêutico já é reconhecido. Embora alguns grupos mais radicais na psicanálise não concordam com isso, acham ainda que a relevância maior é da psicanálise, no meio acadêmico, mas a gente sabe que hoje o Psicodrama Terapêutico já tem uma certa respeitabilidade e que temos que conseguir isso também com o Psicodrama Pedagógico.

Como estou dando curso de Transpessoal em vários lugares acabei me distanciando do movimento psicodramático e quem continuou foi só a Celi Wagner que enfrentou muitas oposições até que chegou um ponto onde a situação sob o aspecto administrativo e

financeiro, aqui em Campinas, ficou realmente difícil e a nossa opção de estar encerrando as atividades da Associação. A Inah Moreira já não participava mais, ela só mantinha seu nome, estava envolvida com outro tipo, não queria e não tinha mais interesse. Era um esforço incrível porque eu tinha que participar das reuniões em São Paulo de todas as associações do trabalho que fazia parte em Transpessoal, fazia formações, dava formação, viajava muito, tinha consultório e ainda tinha que participar das reuniões de Psicodrama, tinha família, era época das minhas crianças pequenas. Era exaustivo, porque você tem toda uma série de coisas. Por exemplo, desde dos relatórios que tem que mandar para a FEBRAP, sua relação de atividades, o comprometimento com os alunos. Por ser uma associação pioneira aqui em Campinas que estava dando o Psicodrama Pedagógico nós tínhamos poucos profissionais que podiam dar suporte para os pedagogos, para os fonoaudiólogos, para os terapeutas ocupacionais, para as pessoas da área de pedagogia. Éramos em três profissionais, basicamente, que tínhamos que dar suporte para eles no trabalho não só de formação, mas quando terminava a formação, tinha que dar supervisão, fazer acompanhamento. A sobrecarga era muito grande. Nessa altura a Celi Wagner já estava engajada também com o trabalho em São Paulo, em duas associações que eram a Anima e a Revolução Criadora. A Anima fez uma proposta de a gente estar dando continuidade lá, falamos com os alunos que tínhamos aqui, chegamos a ter turma de formação, mas falamos com eles de estarem fazendo esta continuidade em supervisão em São Paulo e aí se acrescentaria toda uma série de profissionais de São Paulo, excelentes profissionais. Eles concordaram e aí a gente encerrou. Depois disso me distanciei mais e ficou a Celi Wagner e fechamos. A Inah já estava fora. E o Instituto caminhando muito bem. Acho que o Instituto de Psicodrama de Campinas tem pessoas excelentes. Nessa época o instituto ainda só oferecia Psicodrama Terapêutico. Nessa época, inclusive, teve uma das pessoas que fez um trabalho e que envolvia uma orientação transpessoal, embora fosse um trabalho terapêutico, e aí eu participei no instituto e eles numa posição de trabalho só terapêutico, por enquanto não abrimos o pedagógico. Depois que a Associação fechou, depois de um tempo é que eles começaram a abrir para o Psicodrama Aplicado.

No encerramento da Associação nós pensamos muito, fizemos muitas reuniões, fizemos muitas reuniões com os alunos de Psicodrama Aplicado. O Valério Arantes já não fazia mais parte. Ele só inaugurou e foi embora. Quando a gente foi nessa visita, ele com o grupo, a nossa intenção era de aproximação, de que ele voltasse a integrar a ACPS, mas já estava muito centrado no seu trabalho. A gente sentiu que não tinha nem espaço para falar. E nem falamos sobre isso, mas essa tinha sido a intenção. Nós tínhamos tido uma reunião com a Inah que disse para a gente procurar o Valério porque seria uma pessoa importante.

O Valério criou um grupo onde ele fundou uma Associação com profissionais excelentes. Quando eu era membro da diretoria da ACPS, chegamos a ir até a clínica dele, porque a Inah dizia assim “eu acho que Campinas comporta uma associação e olha lá... e estamos com três associações!” Que seria a do Valério, a ACPS e o Instituto, tinha mais as associações independentes, por exemplo, o trabalho de Maria Alicia Romãna que vinha e dava cursos em Campinas; tinha a Selma Anselmo que também vinha e dava cursos aqui. E a Inah dizia: “Como é que pode isso? Não se sustenta”. Porque ela dizia que aqui em Campinas comportaria uma associação. E eram cinco ou seis grupos, três associações oficiais e as outras espalhadas. Para a Inah não tinha como se manter. Não tinha público para tudo isso. E a gente tem que lembrar que na década de 80 o Psicodrama tinha começado a dar as caras. Ainda tinha muita rejeição. Era uma época em que tinha acabado

de chegar aqui em Campinas o Maurício Knobel, com toda aquela coisa forte, a Unicamp o acolhendo... Então o reduto dos psicanalistas se tornou preponderante. O interessante é que eu tinha feito parte do grupo de estudos do Dr. Roberto, fui monitora oficial de psicanálise, me submeti à psicanálise, ao mesmo tempo por exigência depois da formação do Psicodrama também me submeti ao trabalho psicoterapêutico e psicodramático. Eu transitava muito bem pelas duas. Eu ia muito a Belo Horizonte, fazia curso com Pierre. E o Pierre tinha, inclusive, um dos livros dele, “Psicodrama”, onde ele faz toda uma aproximação, os paralelos, o que é similar e o que é distinto entre o Psicodrama e Psicanálise, onde as coisas se mesclam assim muito tranqüilamente. E naquela época, era muito distinto o que é psicanálise e o que é Psicodrama.

Psicodrama não tem nada haver com a Psicanálise. Os psicanalistas olhavam para Moreno como narcisista, como alguém que não se deu conta da incapacidade e incompetência. E eram aquelas agressões como se fossem duas coisas distintas. Eu estranhava porque eu transitava muito bem com o grupo de psicanalistas e com o grupo de psicodramatistas e dizia “gente, não entendo porque esse pessoal briga tanto assim...” Eu atendia no centro de saúde e tinha a supervisão com os psicanalistas para o atendimento que eu fazia no centro de saúde e ao mesmo tempo em que trabalhava no Cândido Ferreira com o Psicodrama. Eu pensava: onde está esta incapacidade das pessoas se unirem? E isso foi durante um bom tempo. O Bermudez tinha muito isso distinto: Psicanálise e Psicodrama. Quem aproximou foi o Dalmiro Bustos. A associação seguia esse rumo. Quando o Bustos veio ao Brasil o povo ficou escandalizado e eu delirando. Que coisa maravilhosa, linda! Porque o Pierre, além falar da psicanálise como sendo uma coisa que não é era incompatível com o Psicodrama, também falava de consciência cósmica. Então todo mundo olhava assim “onde está esse homem? Na estratosfera? Ou ele é muito inteligente ou nós somos burros ou então ele está delirando”. Era assim que falavam. A Inah chegou a falar isso para mim. Então o Pierre tinha uma discrepância muito grande do grupo, mas o Bustos não. E de repente o Bustos vem com aquela fluidez, com aquela afabilidade, outro papo muito distinto de Bermudez. Com todo respeito pelo Bermudez, mas é muito distinto, numa relação humana. É uma pessoa agradabilíssima, fazendo um trabalho lindo. Aí eu senti que os dois ganharam, tanto o Psicodrama quanto a psicanálise, porque o psicodramatista passou a respeitar mais a Psicanálise e o psicanalista passou a respeitar mais o Psicodrama. Então Bustos aqui em Campinas foi muito importante para o Estado de São Paulo, para o movimento psicodramático. Ele conseguiu fazer essa ponte. O Pierre estava em Belo Horizonte e acabava mais participando das reuniões da FEBRAP, mas ele tinha já um núcleo muito forte lá do Psicodrama Triádico. Então o pessoal aqui de São Paulo brigava e dizia que estava bom. Ele dizia que não ia tentar convencê-los. Já o Bustos não. Então foi uma coisa super importante. E a partir daí já não tinha mais a ACPS, tinha o Instituto de Psicodrama, as coisas continuaram acontecendo. Oficialmente ligado a FEBRAP só o Instituto. Tinha o grupo do Valério Arantes que acabou também se diluindo, a Maria Alicia Romaña se instalou definitivamente em São Paulo, onde as pessoas já iam para fazer grupo com ela, e as coisas mais ou menos se estabeleceram. De certa forma parece que era a idéia geral de todo mundo... Campinas só comporta uma associação. Eu não sei bem porquê. Eu acho que todas poderiam ter se dado forças, mas foi do jeito que tinha que ser. Mas o Instituto não é uma associação, ele não tem essa missão de associação. É diferente.

Inicialmente, a orientação prioritária da FEBRAP era de seguir a linha do Bermudez para o Brasil todo. Era essa a orientação. Eu vim a conhecer algumas coisas de Moreno

depois que tinha saído do Psicodrama. Depois que já tinha me formado que eu vim a conhecer coisas a respeito de Moreno que jamais foram colocadas dentro do nosso curso. Você vai pegar nosso currículo, por exemplo, a Psicologia do Encontro, que é um livro do Martin Buber, fantástico, excelente, ele mostra todo o lado filosófico, todo o lado místico, todo o lado espiritual de Moreno, que nós nunca tivemos. Havia uma necessidade de se focalizar o aspecto técnico e o aspecto de fundamentação neurofisiológica dentro do Psicodrama. O nosso currículo era baseado em neurologia, neuroanatomia, neurofisiologia e as técnicas do Psicodrama. A coisa do Bermudez, do núcleo do eu, era o que dava um *staff* de ciência. Nós estudávamos cinco anos de Psicodrama em cima disso. Um modelo bem organicista e técnico.

Na verdade conhecíamos essa fase do Moreno, a fase tecnocrata do Moreno. Conhecíamos aquela estorinha dele que na adolescência fundou a religião do encontro, mas muito *an passan*. Mas toda uma busca do Moreno, todo seu idealismo, e mesmo as coisas que escreveu, por exemplo, em “Quem sobreviverá?”, quando reivindica, inclusive, que teria sido o primeiro a requisitar o aspecto e a importância da espiritualidade na psicoterapia, que se você não trouxesse essa dimensão dentro do *set* psiquiátrico, dentro do *set* terapêutico, você estava tirando a possibilidade de cura, você estava tirando a possibilidade de expressão plena do ser humano. Todos esses aspectos nunca eram colocados em nenhum curso. A gente conhecia o Moreno técnico. Eu diria que a formação do Psicodrama era através do olhar do Bermudez. Foi isso que eu entendi. Ah, sim, eu tive a formação dos cinco anos. Era Moreno visto através do olhar do Bermudez, que era o olhar de um técnico e de um médico. Era essa a formação que era muito distinta, por exemplo, da formação do Psicodrama Triádico que a influência foi outra. Teve toda uma influência do Psicodrama psicanalítico, que era um outro tipo de Psicodrama que vi quando conheci o Pierre. Aí pensei que isso aqui tem uma coisa mais humana, que vai além da dimensão da técnica pela técnica. A minha técnica é melhor, estou mais certo que você, é uma coisa que parece que suscita muita competitividade. Não entra na cooperação. Fica muito nas “vacas sagradas” e “bezerros de ouro”. É muito calcado na competitividade, na qualidade sim, não podemos dizer que não tinha qualidade, tinha sim, mas não uma qualidade a serviço da relação. A qualidade a serviço do poder. Não uma coisa da cooperação.

O Pierre é realmente a pessoa que teve uma influência muito grande na minha formação enquanto profissional, não só pelo Psicodrama, mas pelo Transpessoal também. É uma busca de você ser alguma coisa além e sair dessa mesmice, dessa competitividade e foi quando ele coloca, então, as vivências que para ele tinham sensibilizado mais, tinham sido vivências dentro do Psicodrama onde emergiu essa dimensão cósmica, essa dimensão Transpessoal. O Pierre é um laboratório porque vai de um viés extremamente organicista, um pesquisador biharvorista, entra na Psicanálise, entra no Psicodrama, e aí vai para a Transpessoal. O Pierre dizia assim para mim: “Vera, o Psicodrama quase chegou”. Um bom psicodramatista tem com seu grupo vivências transpessoais que é uma coisa que mede naturalmente. E aí o Pierre em uma produção impressionante. Por exemplo, hoje ele tem 45 livros publicados. Desde 1987, o Pierre está Brasília. O Pierre participou intensamente do movimento da FEBRAP. Foi um militante dentro da Psicologia. Ele criou a lei que reconhecia o psicólogo no Brasil, tem vários livros na área do Psicodrama. Foi homenageado este ano no Congresso de Psicodrama e dirigiu, nessa época das “vacas sagradas”, ele era chamado de vovô porque ele foi um dos pioneiros, dirigia muito, tentava aconselhar. Até que teve um Congresso em Canela e ele deu afastada, ficou um tempo, mas

hoje é sempre solicitado. É uma pessoa que foi recomendada pelo próprio Moreno para que introduzisse o Psicodrama no Brasil. O Pierre é um grande educador. Ele tem um comprometimento grande com a educação. Ele levou muito o Psicodrama para os pedagogos, para os educadores. Hoje, ele tem um trabalho pela educação da paz, que é um livro que foi publicado já em seis idiomas, foi recomendado pela UNESCO para que todas as escolas adotassem. No ano passado, ele recebeu o prêmio internacional da paz pela UNESCO. O Pierre é uma pessoa que vai ser talvez melhor compreendido e entendido talvez daqui a umas três décadas. Hoje a gente vê que ele é mais reconhecido porque a linguagem dele estava muito além. Enquanto as pessoas tentavam ficar brigando pelo poder, ele dizia que não era assim, que isso era um desvio do ser humano, que o ser humano pleno não é isso aí. O Moreno buscava outra coisa. Deus é espontâneo. Seja espontâneo. Não essa guerra de poder que não leva a nada. Ele me confidenciou muitas vezes que essa guerra de poder, dentro do reduto psicodramático, era uma coisa que o aborrecia profundamente e que dava vontade dele desistir.

Hoje, se pensarmos na qualidade de profissionais que estiveram envolvidos com o Psicodrama aqui em Campinas, que foi uma das primeiras cidades a ter o Psicodrama no Brasil, se essas pessoas tivessem se unido quanto que o Psicodrama teria beneficiado, não só em termos de Psicodrama Terapêutico, mas Psicodrama Pedagógico também. Mas é a vida... Que pena! A história do Psicodrama foi construída em cima de cisões, de fragmentação. Quando o Pierre chegava lá e dizia assim “a fragmentação é a neurose do nosso tempo, é a doença do nosso século”. Nós temos que sair dessa visão separativista e trabalhar com a cooperação. E as pessoas diziam que ele era sonhador...

ENTREVISTA COM VALÉRIO JOSÉ ARANTES

Psicólogo e professor livre docente do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da Unicamp.

Data: 21/03/2003

O envolvimento com o Psicodrama

O que posso lembrar de minha história é que eu comecei a trabalhar com Psicologia em 1971 em Hospital Psiquiátrico. Tive uma experiência fundamentada dentro da Psicologia Comportamental, com psicóticos, como aluno ainda. Eu era estagiário. Isso em 1971... Quando eu vim para Campinas, em 1972, comecei a participar de reuniões com um grupo que também trabalhava com psicóticos, lá no sanatório Cândido Ferreira. Em 1973, a Inah, que você já entrevistou, iniciou um trabalho com psicóticos no Cândido Ferreira utilizando Psicodrama. Ela já tinha começado em 1972... O trabalho já estava em andamento...

Um dia que a gente estava lá, fazendo diagnóstico de casos e anamneses, no hospital, a Inah disse que estava precisando de egos auxiliares. E aí um colega meu que já era ego auxiliar da Inah, o Dirceu, falou “você não quer ir lá?” Falei “bom, vou lá então”. Fui e acabei passando na seleção da Inah. Foi bastante interessante. Foi quando eu descobri

que o Psicodrama pega a gente de uma forma que a gente não tem como se livrar dele com as defesas que normalmente estão estruturadas no racional, na verbalização.

Ela propôs uma situação de dramatização, eu entrei na situação e na hora que eu vi, eu esqueci que estava dramatizando, mas no momento exato eu consegui lembrar que era uma dramatização e recuperei meu “Eu” e assumi a situação, foi graças a isso que a Inah aprovou a minha entrada como ego auxiliar no grupo.

Outros colegas também entraram e nós começamos a fazer atendimentos de psicóticos com o Psicodrama. Eu fiquei fascinado com o que a Inah fazia. A Inah era uma pessoa fantástica como diretora de Psicodrama. Ali que nasceu minha paixão pelo Psicodrama. Graças a Inah! A Inah aplicava o Psicodrama como se estivesse brincando. Eu descobri que o Psicodrama realmente era aquilo que diziam mesmo. Moreno trouxe a felicidade para a psicoterapia. Trouxe alegria para a psicoterapia, como alguns autores comentam.

Os nascimentos da ACPS e do GEPA

Em 1973 eu trabalhei com a Inah. E quando foi em 1974, o Soeiro, que já fazia parte de grupos que estavam trabalhando com o Psicodrama; inclusive a Inah tinha sido paciente do Soeiro; resolveu montar uma associação em Campinas, em 1973. Em 1974, estava abrindo a segunda turma. Ele vinha de São Paulo para Campinas. Nessa associação, eu acabei entrando na segunda turma, fiz parte do grupo, e foi aí que eu comecei a aprender o Psicodrama, não apenas prático, mas também teórico. Apaixonei-me por Moreno, pela questão da utilização do corpo, da dramatização; da recuperação, inclusive, do discurso artístico; o Psicodrama recupera não apenas o artístico, mas também o aspecto espiritual, pois Moreno também era uma pessoa extremamente mística.

Atualmente eu tenho trabalhado com o Psicodrama na Transpessoal. É uma abordagem que tenta reunir os discursos: artístico, religioso, filosófico e científico, na tentativa de compreender o ser humano mais plenamente. A partir daí eu comecei a me dedicar profundamente ao estudo do Psicodrama o que implicou em que na terceira turma da ACPS, eu viesse a ser convidado para lecionar o Psicodrama, na parte de introdução.

Eu sempre tinha me dedicado à área clínica e fiquei meio assustado com essa possibilidade de assumir uma disciplina, mas o Soeiro me aliviou na psicoterapia de grupo, onde eu era cliente dele nessa associação, dizendo que o que eu teria de fazer era o que eu fazia também com meus clientes, era fazer Psicodrama. Eu falei “eu posso fazer Psicodrama na sala de aula?” “Claro que pode, o Psicodrama é aplicado também no contexto educacional”. E foi quando me dei conta da possibilidade do Psicodrama Pedagógico.

Em 1975, portanto, comecei a aplicar o Psicodrama na sala de aula, lá na associação, na terceira turma. Ao me deparar com a situação de estar me tornando um educador, resolvi me dedicar também para isso. Então no final do ano de 1975, eu consegui entrar no mestrado da Unicamp, para começar em 1976. No segundo semestre eu já fui convidado para trabalhar com os alunos do curso de Pedagogia, onde também comecei a aplicar o Psicodrama em sala de aula. Cada vez mais empolgado!

O Psicodrama na sala de aula faz da aula uma caixinha de surpresas, você não sabe o que vai acontecer, diminui o seu controle porque ao respeitar a espontaneidade do grupo você não sabe para onde o grupo vai caminhar. Em 1977, eu fui contratado pela Unicamp como professor. Sempre preocupado com essa questão de agora me tornar um educador, me dedicando também para isso, mas ao mesmo tempo trabalhando na área clínica.

Antes de ser contratado pela Faculdade de Educação, eu estava ligado à Psiquiatria da Unicamp, junto com o Joel Sales Giglio, que é uma pessoa que você poderia entrevistar, é uma pessoa muito interessante. Junto com o Joel, que também era da minha turma de Psicodrama, aluno do Soeiro, nós começamos a atender grupos de alunos da Medicina, lá na Psiquiatria. O Joel lecionava lá, e atendia os alunos com Psicodrama, participei como ego auxiliar do Joel, já começando a experienciar o papel de diretor em algumas ocasiões que o Joel não podia atender o grupo. Eu acabava ficando como diretor e um outro colega nosso, do grupo, ficava como ego auxiliar.

Na minha clínica, que abri em 1976, comecei a atender pessoas com o Psicodrama: individual, na orientação profissional, e em grupo, me dedicando à área clínica e à área educacional. Percebendo que não existe tanta diferença entre uma e outra. Na realidade, na área clínica você não deixa de estar educando as pessoas em alguns momentos, assim como na área educacional você não deixa de estar reeducando as pessoas, como no aconselhamento de problemas cotidianos.

Nessa época eu trabalhava em regime de 12 horas na Unicamp, com atividades de educador e de psicólogo na clínica. Frequentava também reuniões de associações de menores institucionalizados, participava disso porque eu tive uma experiência muito gratificante dentro da Prefeitura de Campinas, no setor de promoção social, onde durante um certo tempo eu fui o responsável pelo Instituto de Menores Dom Nery, que acabei deixando para trabalhar na Unicamp.

Mas, continuei também atendendo na clínica e oferecendo supervisão para quem trabalhava com menores institucionalizados. Foi quando eu supervisei até a implantação do Setor de Psicologia da Associação de Educação do Homem de Amanhã de Campinas, a “Guardinha”. Tivemos vários psicólogos e estudantes de psicologia estagiando lá, foi uma época bem gratificante.

Depois, em 1980, eu terminei minha tese de mestrado, justamente na área de menores institucionalizados numa instituição do interior, em São José do Rio Preto. Passei de 12 para 24 horas de trabalho na Unicamp, com uma mudança de nível, mas continuei ainda trabalhando na área clínica e supervisionando atividades nas instituições de menores.

Na ACPS teve uma confusão. Foi uma situação em que o Landini foi convidado para fazer parte da Associação e ofereceram mais do que ele poderia na época assumir lá dentro, o grupo não gostou do que aconteceu e acabou se dividindo. Nós fundamos uma outra associação de Psicodrama, em 1976, o Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado (GEPA), do qual você tem um material que eu lhe passei. Nessa divisão da ACPS, o Landini fundou outra associação, a ACPS continuou existindo, mais esse grupo dissidente: eu, o Joel Giglio, o João Francisco Duarte e a Anita Lofrano. Alguns ficaram com o Landini, outros continuaram na ACPS e nós fundamos o Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado (GEPA). Ficaram três associações em Campinas no mesmo período.

A nossa associação fez inovações no Psicodrama. Trouxemos o Aquiles que já era meu colega aqui da Unicamp para trabalhar com a Filosofia do Psicodrama: Fenomenologia Existencial, que ele já trabalhava em São Paulo com o Fonseca, da Associação Brasileira de Psicodrama. Introduzimos a Expressão Corporal, contratamos, na época, a melhor professora de expressão corporal que tinha em Campinas, a Iara. A partir daí o GEPA tornou-se a associação mais procurada chegando a ter mais de 60 alunos. As aulas eram na nossa clínica de psicologia que ficava na rua Padre Vieira e depois mudou para rua Miguel Penteadó. Os professores eram: eu, o Aquiles, Joel Giglio, João Francisco, Anita Lofrano, Agenor, Iara e o Mário Rodrigues (que conseguiu montar uma peça de teatro “Despedida de Solteiro”, de Nery Gomide, com os alunos, apresentada no Salão Vermelho da Prefeitura Municipal de Campinas). Cobrava-se uma mensalidade mais para manter a associação funcionando. Era um grupo sem fins lucrativos, a idéia era conseguir chegar a montar uma associação sem fins lucrativos que atendesse pessoas carentes. Os professores administravam a associação e cada um tinha sua parte, recebiam por aula. A outra parte do dinheiro era empregada em benefício da associação, trazendo pessoas de fora, como o Soeiro que nós trouxemos para fazer um Psicodrama público. Na realidade, lucro a associação nunca deu. Era sem fins lucrativos, mesmo!

Depois eu fui convidado para trabalhar em Uberlândia. Trabalhava na Unicamp, em Uberlândia, e atendia também na clínica, o que me levou a um estresse violento, que implicou, inclusive, em algumas mudanças radicais, uma delas foi a saída do GEPA, junto com o Joel que acabou indo para os Estados Unidos na época e o João Francisco que acabou ficando em Uberlândia. Deixamos a associação nas mãos do Agenor, da Anita e da Bernadete que deram uma continuidade, mas acabaram se integrando com o Landini. O material do GEPA acabou ficando lá na clínica e eu tentei reconstruir o GEPA, em 1980 ou 83. Nós tentamos formar outro grupo, selecionamos alunos do curso de Psicologia e de Medicina, e durante dois anos a gente foi preparando a abertura de uma segunda turma. Em 1985, houve uma tentativa de integrar a antiga Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama (ACPS) com o GEPA, houve uma proposta para que a gente fizesse esta integração, mas o grupo que estava comigo acabou votando contra por influência do Soeiro, que esteve aqui e achou que era ótimo existir uma associação desvinculada da Febrap, disse que era uma forma do Psicodrama crescer fora dos limites impostos pela Febrap. Sob a influência dessas palavras, o grupo não aprovou a união com a ACPS, que já era ligada a Febrap. Depois desse momento em que quase nos integramos com a ACPS é que começaram a surgir as desavenças dentro do grupo, inclusive em função desse fato porque uma parte do grupo queria a integração com Febrap e a outra não queria.

O Psicodrama Pedagógico na Unicamp

Paralelamente, na Unicamp, eu montei o curso de Psicodrama Pedagógico, onde comecei a ensinar os alunos a trabalhar com o Psicodrama. Como não dava para desenvolver tudo o que eu pretendia numa disciplina só, acabei criando duas disciplinas: uma é o Psicodrama Pedagógico, onde eu dava toda a base teórica do Psicodrama; seguida da disciplina Jogos dramáticos na Pré-escola. Na área educacional é mais complicado lidar com dramatização, por isso direcionei especificamente para os jogos dramáticos, possibilitando aos alunos de Pedagogia uma formação em jogos dramáticos, fundamentada na teoria do Psicodrama.

Para fazer os Jogos Dramáticos tinha o Psicodrama Pedagógico como pré-requisito. Em 1984, eu organizei a disciplina EP-225 e, em 1985, a disciplina EP-325 que era a continuidade da EP-225. A procura pelo curso de Psicodrama sempre foi grande, obrigando-me a fazer seleção porque eu não tenho como atender muitos alunos nesse tipo de aula que envolve uma questão não apenas voltada para o intelecto, racional, mas também para o afetivo, porque no Psicodrama, você coloca o corpo em ação. No Psicodrama educacional, são mobilizados sentimentos e afetos, e é por esse motivo que eu fazia a seleção, deixando bem claro para eles, que se estiverem passando por uma fase difícil, que deixassem para fazer o curso em outro momento, para evitar que se desencadeasse um processo psicoterapêutico.

Eu sempre consegui manter o curso somente dentro dos limites da área educacional, porque se você entra na área clínica não sabe onde vai parar, por isso eu tenho essa preocupação. Dentro dessa área a gente tem muita procura, recentemente, comecei a trabalhar com o Psicodrama na pós-graduação na disciplina de Técnicas de Relaxamento e Jogos Dramáticos, ensinando Jogos Dramáticos e Relaxamento com a fundamentação no Psicodrama.

Quando aplicamos o Psicodrama na área educacional, devemos ter o cuidado de evitar um aprofundamento em problemas pessoais, em detrimento do coletivo porque nosso objetivo principal reside na aprendizagem de determinados conteúdos, e não em fazer psicoterapia.

Na graduação do curso de Pedagogia eu estou encerrando a disciplina de Psicodrama Pedagógico que vou deixar só na pós-graduação, onde pretendo criar uma disciplina específica de Psicodrama Pedagógico. Isso porque eu tenho vontade de me dedicar a incentivar a pesquisa do Psicodrama, e na pós-graduação há mais espaço para isso. Assim como a teoria da psicanálise foi a teoria psicológica do século XX, a teoria psicológica do século XXI será o Psicodrama, como desejava seu criador Jacob Levy Moreno.

Aqui na Unicamp, com a utilização do Psicodrama na área educacional, defendi uma tese de doutoramento sobre Psicodrama: “Ação psicodramática em sala de aula”. Sempre trabalhei também com orientação profissional, desde 1975, desde os modelos tradicionais de orientação até chegar ao trabalho que eu desenvolvo hoje com o Psicodrama aplicado à orientação profissional que resultou na minha tese de Livre Docência. Esse é um momento muito importante de meu trabalho com o Psicodrama, aplicado na área educacional. Esse trabalho com orientação profissional vem sendo realizado desde que era aluno de Psicologia, concretizado nessa tese que será defendida em abril.

As divergências teóricas e pessoais parecem ser uma constante na história do Psicodrama. Quando Moreno conheceu o Bermudez, chegou a chamá-lo de “filho psicodramático”, para logo em seguida romperem definitivamente. No Brasil, o próprio Bermudez reexperenciou essa crise, quando seus ego-auxiliares o abandonaram para fundar uma outra associação. O Soeiro, que era mais ligado ao Bermudez, tentou uma aproximação em Campinas com outros psicodramatistas, e acabou enfrentando a situação de um rompimento que gerou o nascimento de três grupos na década de setenta: a ACPS, o GEPA e o IPPGC.

Apesar de todas as desavenças, o GEPA ainda existe, posso dizer que às vezes, acabei até patrocinando outros cursos através do GEPA, ou quando alguém pede o curso introdutório ao Psicodrama; sempre reativamos o GEPA, sonhando ainda em voltar a fazer dele uma associação.

Experiências interessantes com o Psicodrama

Uma delas foi o curso do Bermudez em Ribeirão Preto, que foi uma experiência muito boa dentro do Psicodrama. Ele veio para nos explicar um pouco mais sobre a Teoria do Núcleo do Eu, em 1975.

Outra experiência muito interessante foi com o professor Pierre Weil quando ele veio a Campinas e deu o curso de Cosmodrama, demonstrando o Psicodrama na área da Transpessoal, que é a área que o Pierre Weil trabalha atualmente, como reitor da UNIPAZ.

Outra experiência também muito interessante em Psicodrama foi com o professor René Marineau, que realizou um workshop sobre a Loja Mágica, em Jundiaí, a partir da qual eu tive a idéia de criar o personagem do velho hippie que você conheceu, com a Viagem Mágica, baseado no trabalho do Marineau.

Não posso deixar de mencionar minhas experiências com Psicodrama público, e com meus alunos da Unicamp, da graduação e pós-graduação, com quem estou escrevendo um livro sobre Psicodrama.

Alunos se transformando em mestres

O educador encontra o aluno numa fase do processo educacional e depois geralmente nunca mais o encontra. Como é o caso do Agenor, que foi meu aluno e hoje é professor do Instituto de Psicodrama de Campinas, a Bernardete que também foi minha aluna, a Anita que hoje é diretora e coordenadora do curso de Psicodrama na região de São José do Rio Preto. Muitos dos ex-alunos trabalham com Psicodrama, mas uma grande e imensa maioria, eu não sei nada sobre o que estão fazendo. A gente não vê o produto final do trabalho na área de educação, não é possível acompanhar todos os alunos, é um ou outro só que a gente tem notícia, mas tenho certeza que muitos devem estar trabalhando com o Psicodrama.

ANEXO III

RESUMOS

Resumos das entrevistas em vídeo cedidas pela FEBRAP, gravadas por Carlos A. S. Borba, coordenador do “Projeto Memória do Psicodrama no Brasil”.

1. Psiquiatra Antônio Carlos Cesarino (São Paulo, Brasil, 17/09/1993). Entrevistado por Laís Machado.

O doutor Antônio Carlos Cesarino, psiquiatra formado pela Faculdade de Medicina da USP, participou ativamente do movimento do Psicodrama em São Paulo. Teve o primeiro contato com o Psicodrama no Congresso Latino Americano de Psicoterapia de Grupo e nesse congresso conheceu Rojas Bermudez. Embora tenha tido contato com o Psicodrama através de Moreno e Pierre Weil, foi somente no encontro com o “Psicodrama do Bermudez” que sentiu a verdadeira força do Psicodrama. Segundo seu relato, esse encontro o impactou profundamente, pois pôde perceber que se “podia ser um humano normal e ao mesmo tempo estar lidando com a dinâmica mais profunda dos pacientes”. Após esse primeiro contato com Bermudez foi organizado um grupo de estudos, em São Paulo, liderado pelos também doutores Di Loreto e Michael Schwarchild, como egos auxiliares Suzana Etcheverry, Ariel Bufano e Edith Bogliano, na clínica Enfance. A coordenação desse grupo continuou até o Congresso de São Paulo, no MASP, em 1970.

O surgimento do Psicodrama coincide com o momento em que o Brasil estava atravessando de ditadura, de grande repressão, de tortura, desaparecimento de pessoas, sem nenhum tipo de liberdade democrática, jornais censurados, etc. Por isso sua grande importância.

Quando o grupo cresce, segundo Cesarino, a história se complica. Com o crescimento surgem novas exigências. Então começou a surgir resistência à coordenação. Logo após o Congresso, com todas as críticas ao congresso, ao movimento, ao crescimento do movimento, etc., e paralelamente com o fato da grande importância que o psicodrama passou a ter dentro do movimento psiquiátrico, psicológico, psicoterápico de São Paulo, o grande prestígio que as pessoas da coordenação e os psicodramatistas iniciais estavam tendo, passou a haver grandes dificuldades. Não só de gerência de um projeto que cresceu muito, como também começou a surgir o problema de prestígio, de disputa de prestígio e de mercado. Foi quando começou a se reunir dentro do grupo de Psicodrama, o grupo dos onze (de formação). Esses onze grupos, cada um com um representante, começaram a se organizar para reivindicar uma modificação da estrutura da SOPSP.

Paralelamente a isso, houve o fato de que a maneira de lidar com os grupos do Bermudez, daqui para a Argentina basicamente, inclusive com a própria equipe argentina, começou a ficar evidente que havia uma maneira, digamos, manipulativa do Bermudez de dirigir isso tudo. As pessoas não queriam mais aceitar que havia uma certa mistura entre a coisa terapêutica e a coisa administrativa colocado pelo Bermudez de uma forma autoritária, que fez com que muita gente se rebelasse mesmo. Depois de algum tempo, a própria coordenação acabou sendo atingida por esse movimento que uma parte da coordenação acabou concordando com as críticas do pessoal do grupo dos onze. E a outra parte na época, isso era, do D'Alessandro, eram os caras que de alguma forma permaneciam fiéis à orientação do Bermudez. Isso precipitou uma ruptura no movimento. Foi quando surgiram as duas sociedades iniciais a partir do grupo de estudos de Psicodrama. Por um lado a SOPSP (Sociedade de Psicodrama de São Paulo), cujo o primeiro presidente acabou sendo o Eva, que era um dos membros do grupo dos onze, e o surgimento da Associação Brasileira de Psicodrama, com a Íris, Soeiro e D'Alessandro, o primeiro presidente deve ter sido o Soeiro. Embora fosse todos psicodramatistas, eles passaram a ser grupos opostos.

2. Psiquiatra Alfredo Correia Soeiro (São Paulo, Brasil, 03/12/1993). Entrevistado por Annita Malufe.

O doutor Alfredo Soeiro é psiquiatra, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, turma de 1965. Seu primeiro contato com o Psicodrama foi em um dos grupos dirigido pela Íris, em 1963. Na época a dra. Íris precisava de egos auxiliares masculinos e o convidou e, assim, começou a trabalhar como ego auxiliar. Nessa época não tinha nenhum conhecimento de Psicodrama. A Íris estudou Psicodrama de uma forma auto-didática, ela coordenava o grupo e o orientava no trabalho. Trabalharam juntos vários anos. Em 1965, quando estava em final de curso, foi convidado pela Íris e pela Madre do Rosário a trabalhar no consultório, juntamente com elas, trabalhando com Psicodrama. Todos os dias havia grupos de Psicodrama. Em 1966 participou do 2º Congresso Internacional de Psicodrama, em Barcelona. Nessa ocasião conheceu Moreno e Zerka, além de ver o Bermudez atuar, inclusive participando do Psicodrama público dirigido por ele.

A volta a São Paulo foi entusiasmada. Segundo Soeiro, no ano seguinte houve um Congresso de psicoterapia de grupo no Hospital das Clínicas e o Bermudez veio participar e fez umas demonstrações de Psicodrama. Nessa ocasião, um grupo que assistiu a dramatização dos trabalhos de Bermudez gostou muito e o consultou sobre a possibilidade de fazer um grupo de formação em Psicodrama em São Paulo. Isto foi acertado e no começo de 1968 começaram os primeiros três grupos de Psicodrama: o G1, o G2, o G3. Dois meses depois haveria a segunda etapa e, como houve uma propaganda muito grande, muitas outras pessoas quiseram também entrar no grupo e por isso mais dois grupos foram criados: o G4 e o G5. Havia um grupo grande de pessoas: eram cinco grupos com uma média de 12 pessoas

(aproximadamente 60 pessoas em formação). Naquele ano, Bermudez sugeriu que fosse organizada uma reunião no Hospital do Servidor para se discutir a organização do grupo de São Paulo. E foi daí que surgiu então, o GEPSP (Grupo de Estudos de Psicodrama de São Paulo). Naquela ocasião a reunião foi realizada de forma sociodramática. E, basicamente, a idéia era conseguir representantes de vários lugares. Foram escolhidas oito pessoas por meio jogos dramáticos, criado em círculo com as pessoas de acordo com a sua maior representatividade. O público restante, de pé, coloca-se atrás das pessoas que gostaria que os representasse, votando naquele que estava na frente. As oitos pessoas eram Soeiro, Michael, Uzeda, Cesarino, Laércio, D'Alessandro, Íris e o Deocleciano.

Uma votação elegeu o Michael para coordenar o grupo. Após um tempo curto, o Michael resolveu se desligar do grupo, alegando razões pessoais. Nova votação para eleger o novo coordenador e o escolhido foi o Soeiro. Pouco tempo depois, o Deocleciano, que estava fazendo sua formação psicanalítica, na Sociedade de Psicanálise, foi questionado pelo Bermudez que dava muita ênfase que as pessoas optassem pelo Psicodrama e se desligassem de qualquer outra escola e, particularmente, da escola psicanalítica. Foi colocado para o Deocleciano a questão de decidir qual grupo ele se desligaria. Ele optou por se desligar do Psicodrama. Era o ano de 1968 e só ficaram seis psicodramatistas no grupo. Os Grupos G4 e G5 começaram dois meses depois do G1, G2 e G3. Em 1969, começaram os três grupos N e depois, em 1970, os grupos NN mais três grupos. Nessa ocasião começaram os grupos pedagógicos dirigidos por Maria Alicia Romana. Na época do Congresso de 1970 já havia em formação, entre grupos de terapia e grupos de pedagogia, aproximadamente 180 pessoas. O grupo coordenador do GEPSP passou a ter uma formação particular pelo Bermudez. Na concepção dele, era necessário formar aqueles seis membros da coordenação do GEPSP para serem terapeutas didatas para os grupos futuros.

Daí surgiu uma confusão muito grande porque quando o grupo foi escolhido, na reunião do Hospital do Servidor, o objetivo era organizar o curso de Psicodrama do ponto de vista administrativo, o coordenador deveria convocar as pessoas, cobrar, marcar datas, horários etc... Inicialmente não havia a idéia de membros didatas. Mas, o Bermudez foi dando essa formação e o grupo dos seis passou a ter uma formação muito intensa. Nós participávamos dos grupos normais, dos grupos Gs e depois nós tínhamos uma formação particular muito intensa. E isso criou problemas, porque em 1969, 1970, algumas pessoas queriam refazer o grupo, queriam eleger novos representantes, só que nessa ocasião o Bermudez disse não, que estava sendo formados didatas e que os coordenadores do GEPSP seriam dirigentes permanentes. E foi daí o primeiro grande problema que depois resultou na ruptura do movimento do Psicodrama.

3. Pedagoga Maria Alicia Romaña (São Paulo, Brasil, 07/12/1995). Entrevistada por Lia Fukuy.

A pedagoga Maria Alicia Romaña conheceu o Psicodrama no inverno de 1962, em Buenos Aires, em resposta ao convite de Bermúdez (de quem era paciente) para participar de uma experiência inovadora, sem precedentes na Argentina. Vários terapeutas, entre eles Eduardo Pavlovsk e Piarquet, tinham selecionado pacientes para participar de um grupo, no qual aconteceria alguma coisa que não se sabia exatamente o quê. Ela não conheceu Moreno na teoria, mas foi precipitada dentro de uma vivência psicodramática e as conclusões a levaram a se aprofundar em relação à teoria, à fundamentação de tudo aquilo que foi vivenciado. A partir daí, no ano seguinte, em 1963, já estava formada e pertencia à Associação Argentina de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo. Eu fiquei três anos fazendo essa formação junto das pessoas que integravam aquele primeiro grupo. Tinha psiquiatras, psicólogos, mas a única educadora era Romaña.

Leccionava as disciplinas pedagógicas (metodologia e prática de ensino, didática, história da educação), na época, na Escuela de Belas Artes de Puyrredon e ouvia sempre as reclamações dos alunos sobre uma metodologia mais participativa. Foi quando teve a primeira vivência com o Psicodrama e encontrou a tradução do que precisava na metodologia. Através de alguns trabalhos de Role playing direcionados ao papel de professor dos meus alunos e também trabalhando com a ansiedade anterior às provas.

O contato com o Brasil surgiu a partir do Congresso Internacional de 1969, em Buenos Aires. Nesse congresso havia uma participação de profissionais brasileiros bastante expressiva e, depois das demonstrações do Psicodrama Pedagógico por Romaña, os brasileiros ligados à educação ficaram interessados e por isso foi convidada a participar de uma experiência também inovadora, que era essa proposta de Psicodrama na Educação.

O curso de Psicodrama Pedagógico tinha a participação de, aproximadamente, cem pessoas divididas em quatro grupos. Era um contingente extremamente expressivo. Era administrado numa clínica que ficava na região da Avenida São Gabriel, na Rua Mena Barreto. Tinha um grupo de professoras de pré-escola, outro grupo de professores de primário e ginásio, tinha dois grupos de orientadores e diretores de escola. Os orientadores estavam imbuídos de um sentimento de grande responsabilidade, inclusive pelo momento sócio-político do país.

ANEXO IV

Certificado do Curso de Psicodrama da ACPS


ACPS

ASSOCIAÇÃO CAMPINEIRA DE PSICODRAMA E SOCIODRAMA
ENTIDADE TITULAR E FUNDADORA DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICODRAMA
RUA MARCELIANO VELES, 29 - BOTAFOGO - FONE 2-5095 - CAMPINAS - SP

Diploma

*Of. Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama, tendo em vista a conclusão do Curso de
Formação em Psicoterapia Psicodramática, em nível de especialização, frequentado nos anos de 197....., 197..... e 197....., por*

....., filho de, nascido em,
....., aos de de 19....., conferiu-lhe o título de **TERAPEUTA EM**
PSICODRAMA.

Campinas, 1^o de dezembro de 19.....

.....
Dr. Alfredo Cornus Sapiro - CRM - SP 12038
Terapeuta

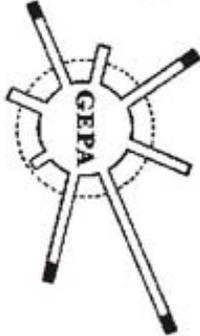
.....
Dr. João Boeck Assis Da Lusa - CRM - SP 20944
1^o Secretário de Diretoria - ACPS

.....
Dr. José Carlos Salzani - CRM - SP 18130
Presidente da diretoria - ACPS

.....
Diplomado

ANEXO V

Certificado de conclusão de Psicodrama pelo GEPA

	
GRUPO DE ESTUDOS DE PSICODRAMA APLICADO	
<h1><u>CERTIFICADO</u></h1>	
Contare a _____ o Curso de _____	
<input type="checkbox"/> Presente Certificado, por ter _____, realizado no período de _____, com duração de _____ horas/aulas, na qualidade de _____	
Participante _____	CAMPINAS _____
Professor _____	Secretário GEPA - Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado

